FLORILEGIO BRASILEIRO

DA

INFANCIA

DESTINADO PARA EXERCICIO DE LEITURA DE VERSO E DE MANUSCRIPTOS
NAS ESCHOLAS PUBLICAS PRIMARIAS

Por

João Rodrigues da Fonseca Jordão

Professor Publico no Municipio da Côrte.

Obra adoptada pelo Conselho Superior da Instrucção Publica, com
approvação do Governo Imperial,
para uso das escholas publicas do ensino primario,
e do Imperial Collegio de Pedro II.

RIO DE JANEIRO.
VENDE-SE NA LIVRARIA CLASSICA DO EDITOR
NICOLÁO-ALVES
48 Rua de Gonçalves Dias 48

1874

Serão reputados falsos, e portanto sujeitos ás penas da lei, os exemplares d'esta obra, que não levarem um numero e a rubrica do autor.



Typ. de Quirino, largo da Carioca n. 2.

3.ª *Secção.* — Ministerio dos Negocios do Imperio. Rio de Janeiro, em 3 de Dezembro de 1872.

Illm. e Exm. Snr.— Declaro a V. Ex., em additamento ao meu Aviso de 27 do mez passado, que é definitiva a approvação da obra intitulada FLORILEGIO BRASILEIRO DA INFANCIA, escripta pelo professor publico João Rodrigues da Fonseca Jordão, a fim de ser adoptada nas escholas publicas de Instrucção Primaria do Municipio da Côrte, visto terem sido satisfeitas as exigencias do Aviso de 29 de Janeiro de **1862.**

Deos Guarde a V. Ex.— *João Alfredo Corrêa de Oliveira.*— Snr. Inspector Geral da Instrucção Primaria e Secundaria do Municipio da Côrte.

Á MEU PAI

SENHOR.

A quem, se não a vós deverei eu consagrar este insignificante trabalho? E' insignificante, porque não tem valor absoluto, mas deixa de o ser, medido pelo padrão da minha boa vontade, e attendendo a que é mui limitada a esphera em que póde girar o meu prestimo intellectual.

Quando não imperasse em mim o ardente desejo de offerecer-vos as primicias do meu trabalho, como educador da infancia, obrigar-me-hia o dever de dar o fructo a quem amanhou o terreno e nelle confiou as sementes.

Rio de Janeiro, 1862.

Vosso obediente filho

João Rodrigues da Fonseca Jordão.

RECITAÇÃO DOS VERSOS. *

Recitar é dizer em voz alta, lendo ou de cór.

Declamar é recitar, ordinariamente de cór, dando ao rosto, quanto possivel, expressão congruente á significação das palavras e acompanhando-as com gestos apropriados.

Quem recita, transmitte aos outros o que elle proprio ou outrem escreveu.

Quem declama, ainda que esteja lendo, suppõe-se transmittir os proprios sentimentos, nascidos na occasião em que falla e derivados do assumpto sobre que discorre.

Assim, á recitação convém o tom de quem relata um facto, conta um caso; a declamação admitte mais elevação, mais emphase, mais apparato, mais animação no semblante, mais movimento, mais arte emfim.

Antigamente a declamação praticava-se em tom geralmente levantado, com largas pausas, as quaes em poesia eram principalmente obrigadas no fim de cada verso, e com modulações que se afastavam em demasia do modo de fallar natural; nos ultimos tempos porém tem-se modificado de tal sorte, que, salvo a gesticulação e as variações da physionomia, confunde-se com a recitação, bem que se conserve para esta um sentido mais lato, restringindo-se aquella ao theatro e á tribuna, isto é — aos actores e aos oradores.

Trataremos aqui especialmente da recitação da poesia, cujas regras geraes podem todavia applicar-se á da prosa.

A todos os versos não se accommoda o mesmo modo de recitar.

Assim, os versos pequenos são frequentemente compostos de maneira que poucas vezes carecem de pausas intermédias, emquanto os versos grandes, isto é — os alexandrinos ou de treze syllabas, os heroicos ou endecasyllabos, os heroicos quebrados ou de sete syllabas, e os de quatorze syllabas, que não são mais do que a reunião de dois versos de sete syllabas, requerem que as pausas se façam onde terminam os pensamentos ou as proposições, ou onde as phrases formam, a bem dizer, élos que vão ligar-se a outros para completarem a cadeia de cada periodo.

Mas cumpre cuidar em que pela recitação a poesia não degenere em prosa: posto não seja regular o parar sempre no fim de cada verso, quando a phrase continúa no verso seguinte, comtudo devem-se cadenciar nos devidos logares as syllabas por tal arte, que o ouvido não perca nunca a belleza e quantidade do metro. A poesia rimada, pela concorrencia dos mesmos sons, obriga o ouvido, e até a voz, muito mais do que a poesia solta; entretanto, a respeito d'aquella mesma, a fim de que se não torne em prosa chilra, é necessario não desprezar as accentuações peculiares a cada especie de metrificação.

E não só á fórma dos versos, sinão tambem ao assumpto e ás differentes situações deve a recitação adaptar-se. A voz ha de

---

* Ao distincto Sr. Dr. D. J. M., autor d'este interessante trabalho, agradecemos muito a honra e favor que nos fez concorrendo assim para o bom exito deste livro.

altear-se ou diminuir, apressar-se ou retardar-se segundo os conceitos que os vocábulos exprimirem, as sensações que representarem. Muitas vezes um mesmo verso exige mais de um tom, pela diversidade de affectos n'elle comprehendidos.

Assim, os sentimentos nobres e as idéas elevadas devem ser expressados em tom erguido e de sorte que as syllabas de todas as palavras sejam pronunciadas com clareza e certa solemnidade; si as interjeições devem ser rapidas, as phrases exclamativas demandam alguma lentidão e, ao terminarem, uma pausa maior que a ordinaria, o que tem logar geralmente tambem no fim das interrogativas; o enthusiasmo, o ardimento, os impetos da ira, as explosões de qualquer outra paixão violenta, requerem vivacidade e voz forte; á duvida cabe o fallar interrompido por pausas e a voz ora alta, ora fraca, agora accelerada, já depois vagarosa; a meditação, o raciocinio exige um tom grave; o odio, a vingança, os sentimentos profundos e máus querem a pronunciação carregada; aos affectos amorosos e caroaveis cabe um tom brando e suave; a satyra pede um tom léstes, quasi jovial; a ironia e o sarcasmo carecem de um fallar calculado, em que as syllabas de cada vocábulo pareçam coar nos ouvidos, a fim de penetrarem no intimo da alma; finalmente, si a alegria dá-se bem com a voz mais ou menos erguida, mas sempre desembaraçada, á tristeza, á melancolia, ao desanimo convém a articulação mais ou menos demorada e um tanto sumida.

As inflexões da voz portanto devem ser variaveis como os diversissimos sentimentos e idéas que se podem exprimir, desde o tom confidencial até ao brado — que não degenere em destoante grito.

A monotonia na recitação é intoleravel: deve pois com a maior diligencia ser evitada, para não enfastiar-se o auditorio.

Na recitação é indispensavel attender ao folego, de modo que a respiração não impeça o effeito preciso: assim os actos da aspiração e da expiração devem ser calculados pela distancia das pausas; e quando porventura os periodos forem muito longos, o recitador procurará pelo sentido e pela pontuação os logares em que, sem ser percebido por quem ouve, possa cortal-os quanto baste para effeituar o movimento respiratorio necessario. Tambem n'isto ha de mister estudo, e o bom gosto unido á pratica muito póde conseguir.

Na recitação mais usual, isto é, com o escripto á vista, os gestos são e não podem deixar de ser nullos ou quasi nullos: o trabalho pertence principalmente á vóz e pouco á physionomia; não assim quando a recitação se faz de memoria, e ainda n'este caso a gesticulação deve ser sóbria. Os grandes movimentos reservam-se e são mais proprios para as representações theatraes, para as discussões, e para as orações em assembléas publicas e em tribunaes, quer estudadas, quer improvisadas: pertencem á declamação.

Estas indicações são sufficientes para que com a observação, a prática e o gosto chegue qualquer a bem recitar versos.

D. J. M.

AO LEITOR

Ordenando esta collecção para uso da infancia, julguei que della poder-se-hião colher tres proveitos à um tempo.

O que nas escholas antigas obtinham os professores de primeiras letras, dando a ler *sentenças*, e o que pretendeu conseguir o calligrapho Ventura em um opusculo, que por ahi corre, não é cousa de desprezar, pois que nada ha mais frequente no trafego da vida do que lutarmos com diversos caracteres de letra manuscripta, indecifraveis para quem não possue habito de lel-os. E' este o principal proveito que tive em vista. São os outros dous, o acostumar a infancia com o nome dos poetas nacionaes, abrindo-lhe tambem a porta para o devido apreço, em que no futuro deve ter as cousas patrias, e o dar-lhe noticia breve, mas sempre util, do que foram esses poetas, accrescentando a tudo ligeiras noções sobre o genero de cada poesia escolhida.

Puz o maior cuidado em aproveitar o que fosse estrictamente accommodado ao entendimento e á sensibilidade infantis, respeitando quanto pude sobretudo a esta; por isso, e tambem para não avolumar a collecção, foi pouco copiosa a colheita, que todavia tornarei maior, si este meu trabalho fôr bem acceito.

Os meus collegas, instruidos e diligentes como são, reservando a leitura deste livrinho para as classes mais adiantadas, bem poderiam aproveitar o ensejo para exercital-as no estudo das figuras grammaticaes, explicando e explanando ao mesmo tempo factos historicos, termos mythologicos, a geographia patria, e o mais que possa aconselhar uma perfeita dedicação e que se compadeça com o tempo de que elles podem dispôr.

Nos breves rascunhos biographicos, de que consta o outro volume em caracter de letra manuscripta, não inclui os de contemporaneos, e é facil comprehender a razão. Guardei os referidos rascunhos para o fim por seguir a ordem chronologica, visto que, quanto ás poesias, preferi ordenal-as por generos, começando pelas mais ligeiras.

Posto que não tenha valor, espero todavia que este meu esforço não será de todo perdido.

Rio de Janeiro, 1862.

J. R. DA F. JORDÃO.

SONETOS

O *soneto* é uma poesia breve e em geral conceituosa, constando de quatorze versos chamados *heroicos* ou endecasyllabos, por terem onze syllabas. Estes versos são distribuidos em dous quartetos e dous tercetos rimados commummente do modo seguinte : O 1.º do primeiro quarteto com o 4.º e com o 1.º e 4.º do segundo quarteto. O 2.º com o 3.º do primeiro quarteto e com os correspondentes do segundo quarteto. O 1.º e o 3.º do primeiro terceto rimam entre si e com o 2.º do segundo terceto, e os tres restantes rimam tambem entre si em ambos os tercetos.

O soneto parece ser de origem italiana e mais o tem cultivado portuguezes e hespanhoes do que francezes e os de outras nações. É uma fórma, que se presta a variados assumptos, e a sua principal belleza consiste em ter um *fêcho de ouro*, isto é, em que no ultimo verso se complete perfeitamente o conceito geral da composição.

Disse um litterato que um bom soneto valia um poema.

I

Meu Deus, que estaes pendente em um madeiro,
Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja santa lei hei de morrer
Amoroso, constante, firme e inteiro;

Neste transe por ser o derradeiro,
Pois veiu a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um pai, manso cordeiro.

Mui grande é o vosso amor e o meu delicto,
Porém póde ter fim todo o peccar,
Mas não o vosso amor que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei, neste conflicto
Espero em vosso amor de me salvar.

Gregorio de Mattos.

II

Ancias, frio, suor, a vista errante,
Convulso o coração em sêde ardendo,
Gottas de sangue tepido correndo
Pelo divino, pallido semblante ;

Espinhos na cabeça agonisante,
Cravos nas mãos, nos pés.. supplicio horrendo !
Terno pai, que espectaculo tremendo !
Quem póde resistir, meu doce amante?

Tudo quer contra o mundo me revolte ;
Vossos olhos estão a procurar-me,
A lança, a cruz me diz que os vicios solte ;

As mãos erguidas buscam abraçar-me,
A cabeça inclinada diz que eu volte,
A boca meio aberta quer chamar-me. *

Padre Francisco Ferreira Barreto.

* O illustre Padre Barreto, tendo á sua cabeceira a imagem do Divino Redemptor, pendente da cruz, improvisou este soneto e o seguinte depois que recebeu o Santo Viatico.

III

Graça, Alimento, Luz, Hostia Celeste,
Sacrificio de amor, Victima Augusta,
Offerenda, Iris de paz, Oblação justa,
Tudo, ó Pai, na Eucharistia, Tu nos déste!

Existes entre nós, do Céu viéste,
E's um... és mil... Mysterio que assusta!
Treme, do mundo ó machina robusta,
Cède, ó Céu, ao poder que te revéste.

De amor meu coração estala e geme,
Mas quando assim me humilho, assim discorro,
O impio não Te quer, nem crê, nem teme!

Senhor! Estás ahi! E's meu soccorro!
Grite o perverso, o incredulo blaspheme;
Eu Te vejo, eu me curvo, eu creio, eu morro!

Padre Francisco Ferreira Barreto.

IV

Eis já dos mausoléos silencio horrendo
Me impede o respirar, a voz me esfria;
Eis chega a noite eterna, eis morre o dia,
E ao nada a natureza vae descendo.

No da anniquilação passo tremendo
Escudo-me da sã philosophia;
Terror humilde o rosto não me enfia,
Como Catão morreu eu vou morrendo.

Mas oh! tu, d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, com o soffrimento
Me arremeças a mares d'anciedade!

Mulher.... filhas... amigos, n'um momento,
No momento do adeus para a Eternidade,
Vós sois o meu cuidado, o meu tormento. *

Marechal L. P. P. da França.

* O marechal França fez este bello soneto duas horas antes de morrer.

V

Á immortalidade da alma

Sim, eu sou immortal. Bramindo espume
A maldade cruel, e desgrenhada;
Morda-se embora, pois não póde irada
Extinguir da razão o vivo lume.

Crêde, caros amigos, não consúme
Do tempo estragador a foice ervada,
Esta viva faisca, que abrazada
Cahiu do sôpro do Supremo Nume.

O justo sobre a terra, aos Céus erguendo
Os algemados braços, e o tyranno
Vicio no throno com o pé batendo,

Fazem fugir o refalsado engano
Que em vão forceja, para vêr gemendo
Da verdade o sisudo desengano.

Padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

VI

Na presença de uma grande trovoada

Tremei, humanos, toda a Natureza,
Do seu Deus ao aceno convocada,
Sobre negros trovões surge sentada,
Em cruel furia contra nós accesa.

Do rosto seu escondem a belleza,
Medonha escuridade, e acompanhada
De abrazadores raios, e pesada
Saraiva, que no ar estava presa.

Agora perde a côr de medo cheio,
O monarcha feliz e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seu seio.

Tu descoras tambem, atheu vaidoso,
E menos cego, sem achar esteio,
A mão que negas beijas duvidoso.

Padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

VII

Á Independencia do Brazil

Sinistro agouro de mortal quebranto
No pavez andaluz erguia o brado;
O da Iberia leão, como assanhado,
Rugiu, estremeceu de horror, d'espanto.

Perfidia e susto desdobrava o manto
Que envolve e aquece purpura e cajado,
O Tejo sobre a urna recostado
Com a mão no rosto viu da Iberia o pranto.

Da vida as primaveras corrompendo,
Rapido impulso de contagio forte
Em Lysia faz que sôe o grito horrendo.

O furor da explosão rebomba ao norte
E o Brazil por salvar=se, a voz erguendo,
Proclama o grito: Independencia ou morte!

José Eloy Ottoni.

VIII

A' inauguração da estatua equestre de S. M. Imperial o Senhor D. Pedro I.

Rijo granito, e o bronze modelado
Erguem ás nuvens colossal figura,
Em que a humana grandeza s'escultura,
Dando aos évos de si fiel traslado.

Por sobre a fronte de heróe soldado,
A' quem não dôma a sorte adversa e dura,
O Cruzeiro do Sul grato fulgura,
Da esthetica expressão maravilhado.

De Guanabara os montes s'extasiam,
Cercando o vulto a elles sobranceiro,
Cujos olhos á Lysia inda allumiam.

Não preciza esta cópia de letreiro,
Pois todos vendo-a, fléxos, saudariam
O Fundador do Imperio Brasileiro.

Conselheiro Dr. Antonio Felix Martins.

IX

Sagrada emanação da Divindade,
Aqui do cadafalso eu te saúdo,
Nem com tormentos, com revézes mudo,
Fui teu votario e sou, ó Liberdade!

Póde a vida brutal ferocidade
Arrancar=me em tormento mais agudo;
Mas das furias do despota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar=me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incutir póde horror a um peito féro.
Que aos fracos tão somente a morte é dura.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrade.

X

Recitado pelo auctor, na sala das sessões da Sociedade Amante da Instrucção na noite de 12 de Agosto de 1837.

Rôxa saudade á Patria deposita *
Sobre a campa que os restos te clausura,
Emquanto ess'alma generosa e pura
No seio do Senhor goza a mór dita.

Ai!... a Patria chorando exhala afflicta
Suspiro, que lhe arranca a dôr mais dura,
Vendo dos damnos seus larga 'spessura
Que, hoje, mais que nunca, o medo excita.

Cinzas do Patrio=Herôe, humedecei=vos
C'um fio amargo deste amargo pranto
E ainda pela Patria enternecei=vos.

D'ahi mesmo bradae contra mal tanto
Que o Brasil ameaça; revolvei=vos,
Para, aos imigos seus, terror e espanto.

Conselheiro Dr. Antonio Felix Martins.

---

* O auctor, ao recitar este verso, depositou sobre a Urna, em que se suppunham as cinzas do Herôe, Evaristo Ferreira da Veiga, uma flôr saudade rôxa, exprimindo com este emblema o sentimento moral que tem o nome desta flôr.

XI

Sempre a teu mando prompto obedecendo,
Hei com meu sangue minha fé sellado;
Arrostei firme, ouvi desassombrado
Da marcial troboada o ruido horrendo!

Hoje, que á triste campa vou descendo,
Queres me ver, ó Patria, deshonrado?
Dás-me este premio, quando nobre e ousado
O ultimo bocejar te voto e rendo!

Ah! bem que estou no inverno tenebroso,
A minha espada é cortadora e forte,
O braço duro, o coração brioso...

Mas nem se me permitte... indigna sorte!
Que após meu filho, intrepido e ditoso
Alcance, ao menos, uma illustre morte! *

Manoel Odorico Mendes.

---

* Em nome do Marechal Manoel Jorge Rodrigues (depois Barão de Taquary) quando, tendo perdido um filho n'um combate em que ambos se portáram com brio, foi pelo governo demittido do commando das Armas do Pará.

XII *

A teus pés, Fundador da Monarchia,
Vae ser a Lusa gente desarmada,
Hoje rende á traição a forte espada,
Que jámais se rendeu á valentia.

O' Rei, se minha dôr, minha agonia,
Penetrar podem sepulchral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Corre a vingar a afronta deste dia.

Eu, fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei, grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem,

E as lagrimas que a dôr aos olhos lança
Recebe, Grande Rei, por vassalagem,
Aceita-as em protesto da vingança.

Marechal L. P. da França.

---

* Feito, em Coimbra, ao retrato de D. Affonso Henriques, desarmando-se os Portuguezes por ordem do general Junot.

XIII

Se sou pobre pastor, se não governo
Reino, nações, provincias, mundo e gentes,
Se em frio, calma e chuvas inclementes
Passo o verão, outomno, estio, inverno:

Nem por isso trocára o abrigo terno
Desta choça em que vivo, co'as enchentes
D'essa grande fortuna, assás presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar afflicto o dia, o mez e o anno,

Seja embora prazer, que a meu ouvido
Sôa melhor a voz do desengano
Que da torpe lisonja o infame ruido.

Claudio Manoel da Costa.

XIV

Vinte vezes a lua prateada
Inteira o rosto seu mostrado havia,
Quando um terrivel mal, que então soffria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céo e o sol sendo privada, *
Cresceu a par commigo a magoa impia;
Desde a infancia a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensivel coração deu=me a natura,
E a fortuna, cruel sempre commigo,
Me negou toda a sorte de ventura;

Nem se quer um prazer breve consigo:
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulchral jazigo.

D. Delphina Benigna da Cunha.

---

* A auctora, céga desde a idade de dous annos, e versejando desde a de doze, com bastante conhecimento de historia e outros ramos philologicos, é sem duvida um assombro.

XV

Em versos não cadentes, ó leitores,
Vereis os males meus, vereis meus dannos;
Da primavera as galas e os verdores
Não brilháram p'r'os meus primeiros annos.

Mesmo na infancia experimentei rigores
De meus fados crueis, sempre inhumanos,
Que só me destináram dissabores,
Mil males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxilio da luz que o sol envia,
Versos dignos de vós tecer não posso;
Desculpae minha ousada fantasia.

Com estes cantos meus, mortaes, adoço
A mágoa que o meu estro só resfria:
Se merito lhe dáes, é todo vosso.

D. Delphina Benigna da Cunha.

XVI *

Com fausto agouro perpassando o Athlante,
Buscas, ditoso par, da Aurora a rota
Sob auspicios do Deus que em Lusa frota
Póde affrontar Adamastor possante.

Talvez tente, lembrado... o audaz gigante
Estorvos pôr á placida derrota;
Tente... que Vasco na estação remota
Ha de outra vez conter monstro insultante:

E se elle não bastar, o rosto lindo
Volva Carlota aos carrancudos ares,
A paz nas nuvens se verá sorrindo;

Seus olhos desfarão tristes azares,
Raivosos furacões irão bramindo,
Tranquillos dormirão travessos mares.

C. J. de A. Vianna (Marquez de Sapucahy).

* Feito de repente, em' um saráu, por occasião de partir para India, na galera *Vasco da Gama*, a Sra. D. Carlota Midosi com seu marido.

XVII

Aos annos de uma menina

A Assembléa Geral Legislativa
Do Parnaso decreta: « O dez de Julho,
« O natal de Marilia (algum barulho)
« Será dia de gala. (Viva! viva!)

« Apollo assistirá co'a chamma activa
« Té que no mar se metta de mergulho;
« Neptuno apagará todo o marulho,
« Marte suspenderá guerra oppressiva.

« Flora aos campos dará mais lindas flores;
« E Ericina ao cinto enamorado
« A's Graças prenderá louçãos Amores.

« Fica todo o contrario revogado:
« Nada de discussão; hymnos, louvores;
« Festejem-se os seus annos. (Apoiado!) »

P. J. da C. Barros.

XVIII

A S. M. O IMPERADOR, COMO DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL NO DIA 13 DE MAIO DE 1821

C'rôas sem conto de virentes louros,
Que o tempo estragador murchar não possa,
Perpetuo Defensor da causa nossa,
Ornem teu busto em seculos vindouros.

Sem temerdes phalanges nem pelouros
Promettestes expôr a vida vossa;
E o dedo teu omnipotente esbóça
Da nossa liberdade aureos thesouros.

O modêlo dos reis em ti se observa,
O' Grande, ó immortal Pedro Primeiro!
Jove t'escuda, illustra-te Minerva.

Tu cimentaste o solio brasileiro;
Para teu nome a gloria se reserva
De encher de grande assombro o mundo inteiro.

D. Delphina Benigna da Cunha.

XIX

A S. M. I. O SR. D. PEDRO I NO DIA DE SEUS ANNOS

Alçou fóra do mar a fronte e os braços
Monstro horrendo de serpes guarnecido,
Bramiu da terra á vista e a um tal bramido
Frouxos ficaram do governo os braços.

Na densa treva dós tartareos paços
Quer ver o mundo occulto e submergido,
E ao Brasil inda imberbe, enfurecido
Assalta, empolga, assusta, embarga os passos.

Mas prompto surge um genio desvelado,
Que o mancebo escorando atalha os damnos
Do monstro, que então fica supplantado.

Sois vós o genio, ó Pedro, e agóra ufanos
Confessamos, que em prol do novo estado,
Os annos que contaes são nossos annos.

Conego Januario da Cunha Barbosa.

XX *

Obrei quanto o discurso me dictava,
Ouvia aos sabios quando errar temia;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como iguaes honrava.

Julgando o crime, nunca o voto dava
Mais pio ou duro do que a Lei pedia:
Devendo de salvar ao justo,—ria;
Devendo de punir o réo,—chorava.

Não foram, Villa Rica, os meus projectos
Metter em ferreo cofre cópia d'oiro,
Que sóbre aos filhos e que chegue aos netos.

São outras as fortunas que me agoiro:
— Ganhar saudades, adquirir affectos,
E fazer destes bens melhor thesoiro.

Thomaz Antonio Gonzaga.

---

* Este soneto foi feito quando o auctor despachado Desembargador da Relação da Bahia se despedia de Villa Rica.

XXI *

Amada filha, é já chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha accesa,
Vem conduzir a simples natureza:
— E' hoje que o teu mundo principia.

A mão que te gerou teus passos guia,
Despreza offertas de uma vã belleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
A's santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tu'alma a Caridade,
Que amar a Deus, amar aos semelhantes
São eternos preceitos da verdade;

Tudo o mais são idéas delirantes,
Procura ser feliz na eternidade,
Que o mundo são brevissimos instantes

Ignácio José de Alvarenga Peixoto.

---

* Feito no dia em que a filha do auctor completava 7 annos.

XXII

AO INCA

Dos curvos arcos, açoitando os ares,
Vôa a setta veloz do Indio adusto,
O horror, a confusão, o espanto, o susto,
Passam da terra e vão gelar os mares.

Ferindo a vista os tremulos cocáres,
Animoso esquadrão de Chefe augusto
Rompe as cadêas do Hespanhol injusto
E torna a vindicar os patrios lares.

Inca valente, generoso Indiano!
Ao real sangue que te alenta as vêas,
Une a memoria do paterno damno.

Honra as cinzas de dôr, de injurias chêas,
Que inda fumando a morte, o roubo, o ingano
Clamam vingança as tépidas arêas.

José Basilio da Gama.

XXIII

A' MOCIDADE PERNAMBUCANA

Filhos da patria, jovens brasileiros,
Que as bandeiras seguis do marcio nume,
Lembrem-vos Guararapes, e esse cume
Onde brilharam Dias e Negreiros.

Lembrem-vos esses golpes tão certeiros,
Que ás mais cultas nações deram ciume;
Seu exemplo segui, segui seu lume,
Filhos da patria, jovens brasileiros!

Esses, que alvejam campos, niveos ossos,
Dando a vida por vós constante e fórte
Inda se prézam de chamar-se nossos.

Ao fiel cidadão prospéra a sorte,
Sejam iguaes aos seus os feitos vossos,
Imitae vossos pais até na morte.

José Natividade Saldanha.

XXIV

AOS ANNOS DE UMA MENINA

Não creias, gentil Marcia, na pintura
Com que malignos genios figuraram
O veloz Tempo, quando a mão lhe armaram
De cruenta, implacavel fouce dura.

Inimigo fatal da formosura
Com phantasticas côres o pintaram,
E nem ser elle ao menos acenaram
Quem desenvolve as graças da figura.

Qual cerrado botão de fresca rosa,
Que o ligeiro volver de um novo dia
Abre e transforma em flôr a mais mimosa;

Tal a infantil belleza, inerte e fria,
De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.

Padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

XXV *

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso, com sentido aspeito,
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, insepulto e já sujeito
O feio tronco ao corvo altivolante :

Que de um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte ;
Porém que allivio busque á dor amára,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que por honra da fé que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte.

B. F. Tenreiro Aranha.

* Feito á mameluca Maria Barbara, mulher de um soldado do regimento de Macapá, cruelmente assasinada no caminho da *Fonte do Marco*, por não querer adulterar.

XXVI *

DESPEDIDA A UM FILHO

Filho, vem cá, escuta um pai amante
Que este ultimo adeus vem dar-te triste;
Que sempre te amei muito,—tu o viste,
Que honrado te criei, isso é constante.

Hoje, tomando a região distante,
Que te mando estudar, tu já me ouviste:
Se tens empenho igual ao que me assiste,
Filho, vem cá, escuta um pai amante.

Vae, filho, estuda; e faze cuidadoso
Com que pagues a um pai, que antes ausente
Te quer ver do que ver-te em seu repouso.

Permitta, emfim, o Céo Omnipotente,
Que os olhos que hoje arraso de saudoso,
Algum dia os arrase de contente.

A. G. Ferrão Castilho.

---

* Do auctor deste soneto diz Balthasar da Silva Lisbôa na sua—Memoria das pessoas illustres do Brasil,—manuscripto do Instituto H. e G. Brasileiro, o seguinte: « Em versos satyricos foi temivel na força e energia de metter alguem a ridiculo; era dotado de estro poetico e deixou mui bellos versos manuscriptos de elegias e satyras.»

XXVII

EM RESPOSTA A SEU PAI

Pai e Senhor, se um filho teu amante
Póde hoje achar-se alegremente triste,
Que me entristeço ao apartamento viste,
Mas em obedecer-te estou contente.

Vou com effeito á região distante,
E que quero estudar, tu já me ouviste ;
Empenho igual ao teu respeito assiste,
Pai e Senhor, de um filho tão amante.

Prometto ir estudar, e cuidadoso
Farei por consolar o pai ausente,
A's lettras dando todo o meu repouso.

Ao pai enxuga o pranto, ó Céo potente,
Que se hoje faço o pai saudoso,
Em um dia o farei de mim contente.

P. G. Ferrão Castilho.

Lyras

A *lyra* forma um genero de poesia destinado ao acompanhamento musico: o que quer dizer que é nobre, mas ligeiro, e ás vezes apaixonado. A cadencia, a melodia e a harmonia dos versos devem ser taes que as duas artes, poesia e musica, se casem perfeitamente.

O seu metro é o endecasyllabo, a redondilha maior e d'ahi para baixo, só ou misturado, em pequenas estancias regulares, repetindo-se ordinariamente no fim de cada uma dellas um estribilho ou retornéllo, composto de menor numero de versos e quasi sempre mais pequenos.

O *genero lyrico* comprehende a *lyra* propriamente tal, o *hymno*, a *ode*, a *canção*, o *dythirambo* e a *cantata*.

A MINHA FILHA

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor.

Não dês á sorte,
Que tanto illude,
Sem a virtude
Algum valor.

Tudo perece;
Murcha a belleza,
Foge a riqueza,
Esfria amor.

Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espeura
Do lyrio a côr.

Cultiva attenta,
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flôr.

A UMA MENINA NO DIA EM QUE FAZIA 15 ANNOS

Fugiu de ti hoje a infancia,
E rebenta a flôr da idade,
Co'a infancia fugir não deixes
A meiga simplicidade.

Seus modos dão mais realce
Aos dotes da gentileza,
Não ha bello verdadeiro
Quando falta a natureza.

De tua mãi carinhosa
O conselho, o exemplo aceita;
Que te protesto, Clemene,
Que sempre serás perfeita.

Domingos Borges de Barros (Visconde da Pedra Branca).

LYRAS

Marilia de Dirceo. — Por Th. A. Gonzaga.

I

De que te queixas
Lingua importuna ?
De que a fortuna
Roubar-te queira
O que te deu ?
Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catões á morte ;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos
Que vis nascêram,
Nem merecêram,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens e os damnos ;
E a quem se devam
Nunca escolheu.
Este foi sempre
O genio seu.

A quanto é justo
Jámais se dobra ;
Nem igual obra
C'os mesmos deuses
Do claro céu.
Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao céu Venus
N'um carro ufano ;
E cahe Vulcano
Da pura esphera,
Em que nasceu.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra e virtude :
Que o mais é della,
Mas isto é meu.
Este foi sempre
O genio seu.

II

Succede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia :
A estação chuvosa e fria
A' quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos ;
Só a minha sorte não ?

Os troncos nas primaveras
Brotam em flôres viçósos ;
Nos invernos escabrósos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos ;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas rêdes os passos ;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos ;
Só a minha sorte não ?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre seu rosto ;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens ;
Só a minha sorte não ?

Aos altos deoses moveram
Soberbos gigantes guerra ;
No mais tempo o Céo e a Terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos deoses ;
Só a minha sorte não ?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia ;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
        Muda-se a sorte de tudo ;
        Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A' verdade a vil traição.
        Muda-se a sorte de tudo ;
        Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo ;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a vêr-te minha :
Que feliz consolação !
        Não ha de tudo mudar-se,
        Só a minha sorte não.

LYRA

Meigo sabiá mimoso
Junto á terna companheira,
Soltando na laranjeira
Doce canto harmonioso,
        Se expandia,
        Extasiava,
        Nos trinados
        Que soltava.

Por mão fera disparada,
Dura bala n'um instante,
Fez cahir a sua amante,
Em quente sangue banhada ;
N'ancia da morte
Se debatendo,
Na dura terra
Se revolvendo.

Seu trinado suffocando
O cantor melodioso,
Deixa o bosque pavoroso
Novos sitios demandando ;
E sempre triste,
Desesperado,
Vive carpindo
Seu negro fado.

Vivo de Marcia privado
Como elle por fatal sorte,
Como elle esperando a morte
Vivo carpindo o meu fado !
A dura e fera
Melancolia,
Me rala e punge
De noite e dia.

Fernando Pinto da Costa.

Hymnos

O *Hymno* é uma especie de poesia, que se não differença da especie seguinte, ou da *Ode*, se não pelo seu assumpto, o qual vérsa sobre louvores da Divindade ; sendo por isto que a taes poesias se costuma dar indifferentemente a denominação de *Hymnos*, ou de *Odes Sagradas*. — Os Psalmos de David, por exemplo, apresentam esta especie de poesia levada ao ponto summo de perfeição.

(F. Freire de Carvalho. — *Poetica*).

PSALMOS DE DAVID,

TRADUZIDOS

EM RHYTHMO PORTUGUEZ

PELO REVERENDO PADRE

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

I.

Beatus vir qui non abiit. . .

Feliz aquelle que os ouvidos cerra
A malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
Do peccador infame,
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
Pelo vicio empestada ;
Mas na lei do SENHOR fitando os olhos,
A revolve e medita,
Na tenebrosa noite e claro dia.
A fortuna e a desgraça,
Tudo parece a seu sabor moldar-se:
Elle é, qual tenro arbusto,
Plantado á margem de um ribeiro ameno,
Que de virentes folhas
A erguida frente bem depressa ornando,
Na sazão opportuna,
De fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, ó impios ;
Mas qual o leve pó que o vento assopra,

Aos ares alevanta,
E abate e espalha, e com furor dissipa.
Por isso, vos espera
O dia da vingança, e o frio sangue
Vos coalhará de susto;
Nem surgireis, de gloria revestidos,
Na assembléa dos justos.
O SENHOR da virtude é firme esteio,
Em quanto o impio corre,
De horrisonas procellas combatido,
A naufragar sem tino.

OUTRA TRADUCÇÃO DO MESMO PSALMO.

Venturoso o que não vaga
Pela estrada criminosa
Da impiedade, e a voz dolosa
Do malvado que extravaga,
Com sorriso não affaga;
Nem do vicio corruptor
Na cadeira pestilente
Se assentou, com cego ardor;
Antes posta sempre a mente
Traz na lei do Creador.

Qual arbusto que plantado
Das agoas junto á corrente,
Com frescura permanente
Sempre está verde e copado,
E, no tempo apropriado,

Troca em fructo a tenra flôr:
Tal o justo que se esmera
Na lei santa do SENHOR ;
Logo tudo lhe prospéra,
Tudo corre a seu sabor.

Não assim a gente impia:
Mas qual leve pó, que o vento
Ergue e varre n'um momento,
E solto aos ares envia.
E' por isso que, no dia
Do juizo, se verão
Justos e impios separados ;
Os impios naufragarão ;
E aos justos, de gloria ornados,
O SENHOR dará a mão.

II.

Deus, judicium tuum regi da.

Dá ao Rei sabedoria,
O' meu DEUS ! ao filho amado
Do Rei dôa o dom sagrado
Da Justiça santa e pia.
Justo possa sempre ser,
E o teu povo guie, e reja ;
Olhe os pobres teus, proteja
Sua causa com prazer.

Fuja o guerreiro funebre apparato,
Dos montes, dos outeiros ; e o teu povo
A paz goze serena,
A' sombra da justiça e da equidade.
Sim, elle ha de julgar do povo os pobres,
Ha de os pobres salvar, e a frente atroz
Pizará do que espalha impio, e feroz
Fementidas calumnias.
O seu throno será estavel, firme
Emquanto o sol raiar, e a noite escura
For prateada pelos frouxos raios
Da descorada lua ; emquanto as gentes
Umas ás outras forem succedendo.
Qual sobre arido campo, onde amortece
A semeada planta,
Aprazivel e grata a chuva desce ;
Qual sobre a terra gotejando, o orvalho,
A molha e reverdece,
Assim ha de baixar, assim aos povos
Será sua presença, e nos seus dias
Nascerá a justiça, e copiosa
A paz rebentará, até que a lua
De todo escurecida,
Seja outra vez ao nada reduzida.
O seu imperio vasto
Não será pelos rios limitado,
Desde um mar a outro mar se alarga, e estende,
Desd'o rico oriente
Té ás ultimas praias do occidente.

O fero Ethiope
Ao Rei amado
Ha de prostrado
Reconhecer:
Quantos lhe armarem
Cruenta guerra,
Fará da terra
O pó morder.
Os soberanos
Que a Arabia mandam,
E os que commandam
Tharsis, Sabá,
De ilhas potentes,
Dóceis lhe trazem
Dons e presentes
Que a terra dá.

Os monarchas emfim do mundo inteiro,
Todas as varias gentes
Hão de humildes servil-o, e reverentes;
Porque elle ha de livrar o pobre afflicto
Das mãos do poderoso que o maltrata,
O pobre que gemia
Abandonado, sem achar apoio.
Sim, elle ha de amparar, terno e piedoso,
O pobre que soccorro não encontra:
Ha de os pobres salvar, ha de remil-os
Da usura, e da fêa iniquidade.
Será delles o nome
Ante seus olhos glorioso, e caro.

Fará viver os pobres ;
E os ricos e abastados
Lhe levarão fulgente ouro da Arabia ;
Adorado será por elles sempre ;
Será abençoado,
O dia inteiro, de seu povo amado.
Então a terra, de vigor fervendo,
Rebentará fecunda até no cume
De alcantilados montes ;
Como os cedros do Libano, os arbustos
Erguerão as crescidas, longas hastes ;
Nascerão nas cidades
Os habitantes, quaes nascem nos prados
Apinhadas as flôres, e o guarnecem.
Abençoado seja eternamente
Seu nome glorioso,
Nome que eterno permanece, ainda
Antes que o sol seus raios despedisse
A' terra, e de alma luz tudo cobrisse.
Serão nelle bemditas
Do mundo as tribus todas,
E todas as Nações seu nome santo
Té os céus levarão em doce canto.

Seja louvado
O DEUS supremo,
DEUS adorado
Em Israel ;
Que só potente
Prodigios obra,

Só é clemente,
Só é fiel;
Eternamente seja engrandecido
Seu magestoso nome; a terra inteira
Occupada será pela grandeza
Deste DEUS que domina a natureza.

Louvor perenne
Elle merece;
Cantai, não cesse
O seu louvor,
De todos seja
Sempre exaltado,
Seja louvado
Com terno amor.

Assim pôz termo aos sonorosos hymnos,
Que entoára em louvor do DEUS eterno
O inspirado David, de Jesse filho.

BELLISSIMA PARAFRASE

DO PSALMO -MISERERE- PELO VIGARIO F. FERREIRA BARRETO.

Tem compaixão, ó meu Deus!
De mim, que és Pai de concordia,
Segundo a tua tão facil,
Tão grande misericordia.

E segundo a multidão
Dos teus dons, das graças tuas,
Meu mal, minha iniquidade,
Eu te rogo, que destruas.

Lava-me cada vez mais
Da iniquidade horrorosa:
De todo me purifica
Da minha culpa odiosa.

Meus erros emfim conheço,
Eu me julgo delinquente,
E a cada instante descubro
O meu delicto presente.

Eu pequei contra ti só,
Fiz mal na presença tua,
Hei de fiel confessal-o,
Se houver alguem, que te argúa.

Para nas tuas palavras
Justificado existires,
E d'aquelles, que te julgam,
Victorioso sahires.

Sou réo, mas bem vês, que eu fui
No horror da culpa gerado:
Que minha Mãi criminosa
Me concebeu no peccado.

Inda assim, tu, que a verdade
Justo, e fiel sempre amaste ;
Tu, da sapiencia tua,
Os arcanos me ensinaste.

Farás aspersão co'o hysopo,
Serei puro n'um instante ;
Lavar-me-has, do que a neve
Me tornarei mais brilhante.

De gosto, e de regozijo
O meu ouvido has de encher,
E os meus ossos humilhados
Exultarão de prazer.

Aparta teu rosto santo
Dos crimes, com que te aggravo,
E extingue as iniquidades,
Das quaes me tornei escravo.

Cria, ó Deus, dentro de mim,
Casto, e puro um coração,
Renova em minhas entranhas
O esp'rito de rectidão.

Não me lances, não me affastes
Do teu semblante, Senhor !
Nem da minha alma retires
Teu espirito de amor.

Da tua doce assistencia
A alegria em mim derrama,
E nas graças principaes
Me fortifica, e me inflamma.

Ensinarei aos iniquos
Teus caminhos, que me encantam,
E a ti se converterão
Os impios que a terra espantam.

Deus, ó Deus, meu Salvador !
Dos homicidios me exime,
Celebrará minha lingua
Tua justiça sublime.

Senhor ! Abrirás meus labios,
Exhalarão doces hymnos,
Annunciando entre os póvos
Os teus louvores divinos.

Se um sacrificio quizesses,
O iria prompto off'recer,
Porem sei que os holocaustos
Já te não causam prazer.

E' para Deus digna offrenda
O espirito atribulado :
Um coração não desprezas
Puro, contrito, humilhado.

Trata, Senhor, brandamente,
E com ternura a Sião :
As muralhas de Solima
Edificadas serão.

Então has de receber,
Da humana prole submissa
Um sincero sacrificio,
Sacrificio de justiça.

Então holocaustos mil,
E oblações has de aceitar:
Então mil tenros novilhos
Se hão de pôr no teu Altar.

HYMNO AO SENHOR

Entôa, ó minha alma,
Um hymno ao Senhor,
Um hymno de gloria
Ao teu Creador.

A luz, que te aclara,
E' d'Elle emanada,
E a tua linguagem
Por Elle inspirada.

Embalde procuras
O bem sobre a terra ;
O bem que desejas,
Só n'Elle se encerra.

No meio das ondas
O nauta mais forte
Pergunta ás estrellas
Qual é o seu norte.

Si o vento enfurece,
Si o mar se exaspera,
Invoca seu Nome,
E salvar-se espera.

Si tu sempre attenta
Seu mando escutares,
E por seus dictames
Fiel te guiares :

Que haverá que possa
Roubar-te a victoria?
O bem terás certo,
Terás certa a gloria.

Entôa, ó minha alma,
Um hymno ao Senhor,
Um hymno de gloria
Ao teu Creador.

Dr. D. J. G. de Magalhães.

HYMNO (*)

A NOSSA SENHORA DA PENHA

Maria, valei-nos!
Aos vossos devotos
Vinde, soccorrei-nos.
Vosso amor se empenha,
O' Virgem da Penha!
Penha d'onde mana
A fonte vital.

Salve, Mãi de Deus!
Rainha Suprema
Sobre os Anjos seus.

(*) Feito pelo poeta quando não tinha de idade talvez dezoito annos, o que anda por 1762.

Sois Mãi de concordia,
De misericordia;
Sois vida, doçura,
Esperança sois.

O' Mãi do Senhor,
Excelsa Maria!
O' Throno de amor!
Salve! Ouvi os brados,
Que nós degredados
Da triste Eva filhos
Vimos suspirar

Gemendo de dôr,
Chorando de mágoa,
Pedimos favor:
N'este vale triste,
Onde a pena existe,
De lagrimas cheio,
De miseria, e ais.

Ouvi, eia pois,
Nossa Advogada!
Mostrai quanto sois.
Olhos piedosos,
Misericordiosos
A nós desgraçados,
Terna Mãi, volvei.

Depois de acabar
O cruel desterro,
Dignai-vos mostrar-nos
Jesus infinito,
Que é Fructo bemdito
D'esse feliz ventre.
Oh! Mãi de Jesus!

O' clemente! Ouvi!
O' Pia! valei-nos!
O' Doce! acudi!
O' Virgem Maria!
Que a Deus, que nos cria,
Criastes nos peitos!
Por todos rogai.

Para que por vós
Às promessas suas
Mereçâmos nós.
Assim supplicamos.
Porque nos vejâmos
N'essa Eterna Gloria
Para sempre. Amen.

Padre Manoel de Souza Magalhães.

PRECES DA INFANCIA

Vós me vêdes, Deus Eterno,
Como eu sou tão pequenina;
Minha alma é inda innocente,
Tão pura como a bonina.

Debeis como minhas vozes
São inda meus pensamentos;
Do mundo nada conheço,
Nem prazeres, nem tormentos.

Qual tenro botão de rosa
Que á sombra da rosa cresce,
Sem temer o vento, e a chuva
De um frouxo raio se aquece:

Mas pouco a pouco crescendo,
Desabrocha, e cheiro exhala,
Orna o prado que a sustenta,
E da roseira é a gala:

Assim eu filhinha tenra,
A meus pais devo esta vida;
A seu lado elles me educam,
Por elles serei querida.

Hoje innocente me chamam !
Oh como é bella a innocencia !
E' a virtude dos Anjos,
E' das virgens a sciencia.

Vós, ó Deus, que podeis tudo,
Concedei-me por piedade
Que este aroma da innocencia
Me acompanhe em toda idade.

O' meu Deus, dai á minha alma
Puro e santo pensamento,
Como o perfume do templo,
Que sóbe ao vosso aposento.

Dai a meus pais longa vida,
E áquelles que á minha infancia
Prestam soccorros continuos
Com tanto amor e constancia.

Que felizes, que ditosos
Por vós, ó Deus, protegidos,
Passem seus dias, seus annos
Como astros, sem ser sentidos.

Vigorai minha fraqueza
Co'a vossa sabedoria.
O' Deus, ouvi minhas preces,
Escutai-me n'este dia.

Dr. D. J. Gonçalves de Magalhães.

HYMNO *

PARA A DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS A MENINAS

O Brazil conheceu, bem que tarde,
Da instrucção da mulher o valor,
Deu-lhe eschola e aguarda dest'arte
Um porvir de grandeza e esplendor.

Alegres saudemos
A epocha ditosa,
Que a patria promette
Tornar gloriosa !

Colhe louros, distingue-se o homem
Que ao estudo se dá com prazer :
Muito mais fazer póde a mulher
Com adequado profundo saber.

Si a deusa cega
Lhe occulta seu ouro
Abre-lhe Natura
Todo seu thesouro.

Os horrores da guerra previne,
Civilisa, engrandece as nações
O querer da mulher que possue
Da verdade perfeitas noções.

Qual luz que descendo
Do seio do Eterno
As trevas espanca
Que sobem do Averno.

---

* Inedito.

Da verdade resulta a virtude
Na mulher que a verdade conhece,
E a esposa, e a mãi virtuosa
Toda a sua familia ennobrece.

Mulher boa e sábia
O homem redime
Das penas da vida,
Do vicio e do crime.

Ruem cidades, republicas e reinos,
Da vaidade collossal producção ;
Não perduram no mundo os imperios,
Onde negam á mulher instrucção.

Exemplo tão feio
Não mais se repita,
Sabido o remedio
Que o mal evita.

Estudai, estudai, companheiras,
Nunca aos livros percais o amor:
Da ventura revelam o segredo,
D'elles vem desta hora ó sabor.

Si é agro o caminho
Que á gloria conduz,
E' doce a alegria
Que o premio produz.

Mestre em Artes *J. M. Garcia.*

DEUS

Pleni sunt et terra magestatis gloriæ.

O sol que raios divinaes dardeja,
A lua que nos mares se retrata,
A nuvem que no espaço além negreja,
Tudo o que encerrra emfim a terra ingrata
Desde o espaço infinito aos antros seus,
Tudo revela esta palavra — Deus.

E' teu nome, Senhor, que eu canto agora,
Eu, misero mortal desconhecido,
A' meia noite, a sós, porque nest'hora
Hymno cadente prende-me o sentido,
E immerso n'um transporte verdadeiro
Teu ser traduzo no universo inteiro.

Desde a rocha soberba alcantilada,
Que o mar pretende dominar vaidosa,
Onde quebra o furor a vaga irada
Que vem bramindo a desdobrar raivosa,
Té o arbusto de humilde singeleza,
Tudo attesta, Senhor, tua Grandeza!

Perdoa-me, meu Deus, se vate obscuro
Ouso na mente perpassar teus feitos,
Quanto mais elevar-me a ti procuro,

Mais me afastam de ti os meus defeitos ;
Mas ah ! que as cordas d'alma se dilatam
Quando os feitos de gloria teus retratam !

Longe, longe de nós o orgulho insano,
Dobre humilde o joelho o bom christão,
Contrito solte emfim o peito humano
Fervorosa, fiel, grave oração,
E o impio que ás leis santas move guerra
Roce a face infiel no pó da terra.

Gloria a ti, meu Senhor, meu Rei paterno,
Essencia pura nunca assaz louvada,
Que de um cahos semelhante ao negro Averno
Tiraste o mundo em dias —seis— do *nada ;*
Que de um pouco de barro o homem fizeste,
E á semelhança tua a alma lhe déste !..

Que recompensa a tanto amor votaram
De nossos primos pais o ingrato peito ?
Teus sublimes conselhos despresaram
A ti faltando o divinal respeito :
Fraqueja o coração. ganham peccados
Que ás gerações lhes deixam por legados !...

D'esse tronco infeliz degenerado
Nascêra a raça de Caim perversa,
Que trilhando o caminho do peccado

Fôra no crime totalmente immersa:
Da bondade d'um Deus tanto abusaram
Que a punição terrivel encontraram.

Foi do ramo mortal peccaminoso
Noé unico estreme d'esse mal
Por ti, salvo com os seus, Deus bondadoso,
No terrivel diluvio universal;
Lição tremenda que outorgaste ao mundo
Sumindo os máus do pelago no fundo.

Mais tarde appareceu a idolatria
Ingrata sempre aos divinaes favores,
Teus feitos dignos d'immortaes louvores
Iam morrendo alfim de dia em dia,
E trocaram por ti em toda a parte
* *Isis, Annubio, Venus, Baecho* e *Marte* ! ! !

Oh ! blasfemia sem par, cegueira humana,
Desvario cruel de entes descridos,
Porque ante a Imagem santa, soberana,
Não se curvaram pois arrependidos?...
Porque infieis, sacrilegos, protervos,
As iras do SENHOR accendem *servos* ?!

* Falsos deuses da Idolatria. Baccho, Venus, Marte, Jupiter e Juno eram adorados pelos Gregos e Romanos; Isis e Annubio pelos povos do Egypto, a primeira sob a figura de uma mulher com cabeça de vacca, o segundo sob a figura de um homem com cabeça de cão.

Porém, meu Deus, justissimo castigo
Sobre esses tempos lugubres de além
Teu braço vingador trouxe comsigo,
E a soberba, infiel Jerusalem,
De tão grande opulencia enriquecida,
Foi por terra tombada. destruida!..

Que é feita d'essa gloria que ostentára
Quem fôra das cidades a princeza
Quando teu braço forte derrubára
Templos.. muralhas... povo... realeza?...
Vaidade, orgulho, glorias se apagaram
Quando as c'rôas de Reis no chão rojaram!...

Longe, longe de nós orgulho insano,
Dobre humilde o joelho o bom christão,
Contricto solte emfim o peito humano
Fervorosa, fiel, grave oração,
E o impio que ás leis santas move guerra
Roce a face infiel no pó da terra.

B. J. Borges.

Junho de 1852.

SAUDAÇÃO

A SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL

NO FAUSTO DIA DE SUA SOLEMNE SAGRAÇÃO E COROAÇÃO *

Perdão, Senhor! perdão, si arrebatada,
Arquejando de amor, a alma do vate
Dos labios meus se entorna sonorosa,
Em hymno convertida á gloria Tua.

Désse-me agora o Céu a voz do occeano,
Dos raios o fulgor, do vento a furia,
Como Te ha dado um Throno magestoso,
Um sceptro immenso do Oyapock ao Prata,
Que pouco fôra p'ra cantar Teu Nome;
Maior do que este Imperio que Te adora
E' o desejo meu que Grande sejas.

Hoje o Brasil unisono bradando,
Te saúda, Monarcha Brasileiro,
Como um Nume de paz no Throno alçado
Para o conter na lubrica cratera
Do abysmo que a anarchia lhe cavára.
Ah! não olhes p'ra o fundo:—é sangue! é sangue!

---

* 18 de Julho de 1841.

Feche-lhe a fauce do Teu Solio o estrado,
E d'ella em tôrno desabrochem flôres ;
Por cada osso que alveja n'esses campos
Erga-se um bravo que Te escore o Throno.

Sabe, Senhor ! que a intelligencia é força,
E que esta é soberana ; o mais — chimera.
De um Monarcha a palavra é criadora ;
Emprega a Tua, Imperador ! e cria
Do Prata ao Oyapoc, unido e forte,
Um vasto monumento ao Teu reinado.

A verdade, nas côrtes mal ouvida,
Alto Te falle, da Justiça ao lado,
Sem que, para aprazer-Te, necessite
Do aroma corruptor da vil lisonja.

Sabes o que é sêr Rei ?—a Deus pergunta-o.
Mais por nós, que por Ti, deu-Te Elle o Imperio ;
Gloria immortal Te espera, ou... não ; só gloria,
Só gloria, Imperador ! Te prophetizo.

Na Tua infancia lagrimas de sangue,
Dôres, estragos, mortes, guerra e intrigas
A suspirar por Ti nos ensinaram.
Eis-Te em fim, Anjo nosso , sopesando
O sceptro de ouro, e a diamantina c'rôa !
Ah ! desata essa Voz, Teu Braço alonga,
E rompe as trevas que este solo obumbram.

E' vasto o campo e inculto ; cahos dissera,
Que um *fiat* só Te pede ; — Pronuncia-o !

Do passado cruel que inda nos pésa
Raie com Tigo esperançosa aurora,
Sol prolifico esmalte estas devezas.
Cresça com Tigo o Imperio ; o Céu Te ampare ;
E mil canoras tubas cancem, cheias
De Teus feitos, primeiro que os numerem.

Apraz-Te a minha lyra ? — é fraca. Eu juro
Só consagral-a a Deus, a Ti, e á Patria.
Escute o Céu meus votos : Serás Grande,
Feliz o povo, o Teu reinado egregio.

Dr. D. J. G. de Magalhães.

AVE, AURORA ! *

Salve, aurora ! eia, refulge !
Eia, anima valles, montes !
Hymnos canta, ó Philomela,
Hymnos vós, aves insontes !

Quam pura, quam pudibunda
Es tu, aura formosa !
Diffunde odores suaves,
Divina, purpurea rosa !

* Lêem-se ao mesmo tempo em portuguez e em latim estes versos, compostos expressamente para mostrar a intima consanguinidade da lingua portugueza com a latina.

Eia, surge, vivifica
Pendentes ramos, aurora !
Aureos fulgores emitte,
Pallidas messes colora !

Matutina aura, mitiga
Solares, nimios ardores ;
Inspira gratos Favonios,
Euros, Zephyros protectores.

Eóa, Tithonia Diva,
Fecundos campos decora,
Canoras aves excita,
O' serena, bella aurora !

Protege placidos somnos,
Inquietas mentes tempera,
Duras procellas dissipa,
Terras, flores refrigera.

Extingue umbrosos vapores,
O' sol, ó divina flamma !
Lucidas portas expande,
Tristes animos inflamma !

Salve, aurora ! eia, refulge !
Eia, anima valles, montes !
Hymnos canta, ó Philomela,
Hymnos vós, aves insontes !

Dr. Castro Lopes.—(Musa latina).

Hymno á Tarde

Que hora amavel ! Espiram os favonios:
Transmonta o sol ; o rio se espreguiça ;
E a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde.

Salve, moça tão meiga e socegada ;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa abrasadora chamma.
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalhado dia, nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que hade a fraqueza conduzir ao tumulo.

Lasso o colono, mal avista ao longe
A irmã da noite, cóa-lhe nos membros
Placido allivio: posta a dura enxada,
Limpa o suor que em bagas vai cahindo.
Que ventura ! A mulher o espera anciosa
Co'os filhinhos em braços: já deslembra
O homem dos campos a diurna lida ;
Com entranhas de pai ledo abençoa
A progenie gentil que a olho pula.
Não vês como o fantasma do silencio
Erra, e pára o bulicio dos viventes ?
Só quebra esta mudez o pastor simples,
Que, trazendo o rebanho dos pastios,

Co'a suspirosa flauta ameiga os bosques.
Feliz ! que nunca o ruido dos banquetes
Do estrangeiro escutou, nem alta noite
Foi á porta bater de alheio alvergue.
Acha no humilde colmo os seus penates,
Como acha o grande em soberbões palacios;
Alli tambem no ouvido lhe estremecem
De mãi, de amigo os maviosos nomes ;
Conviva dos festins da naturesa,
Vê perfazerem-se as funcções mais altas:
O homem nascer, morrer e deixar prantos.
Agora ia entre prados, após Laura,
O ardido vate magoando as cordas ;
E a selvatica virgem, recolhendo
A grave dòr christã, que a assoberbava,
Do mancebo cedia á paixão nobre,
Grande e sublime, como os troncos do ermo...
Ai ! misera Atalá !... mas rasga o fogo,
E o sino sôa pelas brenhas broncas.

Tarde, serena e pura, que lembranças
Não nos vens despertar no seio d'alma?
Amiga terna, dize-me, onde colhes
O balsamo que esparges nas feridas
Do coração? Que apenas dás rebate,
Cala-se a dôr ; só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em quem sob os seus pés tem visto as flôres
Irem murchando, e a treva do infortunio
Ante os olhos medonha condençar-se.

Longe dos patrios lares, quem não sente
Os arrebóes da tarde contemplando
Um subito alvoroço? Então pendiamos
Dos contos arroubados que verteram
Propicios deuses nos maternos labios;
E branda mão apercebia o berço,
Em que tenros vagidos affagava
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada a fiel serva,
Que vezes attentei, chamando ao pouso
A ave tão util que arrebanha os filhos,
E adeja e canta e pressurosa acode!

Co'a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãi saudavamos,
E supplicando que nos fosse amparo,
Em jubilosa grita ao ar rompiamos.
Mas da puerícia o genio prazenteiro
Já transpoz a montanha; e com seus risos
Recentes gerações vai bafejando:
A quem ficou a angustia, que moderas,
O' compassiva tarde! Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em Africa adorada,
Quando (tão livre!) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o écho da floresta,
Da ave o gorgeio, o trépido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,

Tudo, em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.

Não mais, ó Musa, basta ; que na noite
Os pardos horisontes se tingiram,
E me pesa e carrega a escuridade.
Oh ! venha a feliz era que, da patria
N'essas fecundas, dilatadas veigas,
Tu mais suave a lyra me temperes:
Da singela Eponina acompanhado,
Na escura gruta que nos cava o tempo,
Hei de ao valle ensinar canções mellifluas:
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres que retratem
Da naturesa os intimos segredos:
Do ardor da esposa, do sorrir da filha ;
Do rio que espontaneo se offerece ;
Da terra que dá fructo sem o arado ;
Da arvore agreste, que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobreolhar aprenderei haveres ;
A fazer boa sombra ao peregrino,
A dar quartel a errado viandante.
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro
Entreverei o derradeiro dia...
Venha ; que acha os despojos do homem justo.
O' esperança, toma-me em teus braços ;
Com a imagem da Patria me consola !

Manoel Odorico Mendes.

A NOITE

Luminoso esteirão mal deixa ao longe,
D'ouro e purpura accêso, o vasto carro
Em que o dia cercado de seus raios
Pelo ether passeia:
E a Noite melancolica e sombria,
Colhendo sobre a fronte os soltos cachos
Dos humidos cabellos,
Em tôrno aos hombros ageitando o manto,
Lança ás rédeas a mão, sólta a carreira
A seus negros ginetes.
Emquanto despeitosas murcham, pendem
Nas campinas as flôres,
Emquanto um suspirar surdo e longinquo
Lamenta a ausencia do explendor do dia,
Lucidas, brilham tremulas estrellas
De pharóes lhe servindo. — Ai ! como é triste
A solitaria marcha d'amargura
Que abatida percorre a linda Noite !
Seus negros olhos, e a carroça ebanea
Que pelos céus a tira,
As suas longas roupas tenebrosas,
Olhos desviam que o fulgor da aurora
Rutilante convida.
Oh ! ninguem busca vêl-a ! — Aves e plantas,
Homens, tudo a abandona ! — Ingratos, fogem
Como ao leito mortal do extincto amigo !....

Tu és, ó dia, o predileto encanto
Da natureza inteira ;

Todos amam colher as aureas flôres
Que as rodas de teu carro á terra lançam ;
Para o teu rutilar voltam-se os olhos,
E ninguem busca a Noite. — O somno os prende,
Emquanto vagaroso vai seu plaustro
As campinas dos céus placido arando.
Mas tu me és sempre deleitosa e chara,
Oh Noite melancolica ; a minh'alma
Attractivos em ti descobre anciosa !
Não ama o pyrilampo a luz do dia,
Nem as aves da morte então soluçam !...

Noite amiga dos homens ! — No silencio,
Na calma vaporosa que desdobras,
No socêgo dos campos, das florestas,
A vida interna saboreio ardente.
Só então vive o espirito do homem ;
Tenaz rebenta o pensamento algemas ;
Linguagem de ternura e sentimento
Lhe falla o coração nas doces horas ;
Surge a contemplação dos seios d'alma
Em cujas dobras cerra-se aos combates
Da vida labyrinthica do muudo ;
E fresca mão na fronte vem poisar-nos
Mansa a philosophia animadora.
Noite amiga dos homens ! — Teus mysterios
Coração de quem ama não deslembra.
Pôdem muitos cantar-te em lyras d'ouro
Enlaçadas de brancas sempre-vivas,
De per'las, não de lagrimas, bordadas ;

Sons de fogo arrancar das lisas cordas,
Confial-os á brisa das cidades,
Sem que um riso de mófa os enregele ;
Correr dedos na lyra olhando uns olhos,
E vêr descer um beijo e as mãos queimar-lhes.
Mas eu n'harpa de bronze dos finados,
Onde a roxa perpétua, onde o suspiro
Abraçando a saudade se entrelaçam,
D'onde um véo côr da morte á terra desce,
Eu só posso cantar funebres cantos,
Carpidas nenias que o feliz desama.
Só no campo e lá quando abrindo as azas
Tu me acolhes saudosa, ó Noite, experto
Essa lembrança que só tu conheces,
Que eu guardo, e que uma tumba nos comparte.

Noite amiga dos homens ! — Quando imperas,
Maior o creador se nos antolha:
Que importa do teu sol a pompa, ó dia ?
Essa luz triumphal, de resplendores,
Esse golpho da vida p'ra os sentidos ?
Que importa esse brilhar da atmosphera,
Esse vario matiz que adorna a terra ?
Perde-se a alma encarando o firmamento
Quando, ó Noite, o sombreias. — Vê brilhando
Milhões de estrellas, que a distancia immensa
Minora á vista — Luminosa a facha,
Que em torno a infindos sóes, infindos mundos
Abysmando a razão lhe patenteia.
E tu, magica chave das sciencias,

Tu, vasta analogia,
Quaes véos não rasgas, desdobrando á vista
Mysterios que o entrever mais engrandece !

Noite ! ó noite formosa ! — Eu que amo os astros,
Eu, que n'elles suspeito mais que as luzes,
Não sei te abandonar, pois reflectindo
Prézo ver n'esses globos outros mundos
Mais felizes que o nosso, — onde outros seres
Mal, dôr, peccado e morte não conheçam ;
Onde o sopro da duvida não tolde
À argentea luz da candida verdade ;
E onde a hypothese louca e ambiciosa
Creações moribundas não produza.

Noite amiga dos homens ! — Teus altares
Não se mancham de tantos maleficios
Em que as aras do dia se deturpam,
Unes o esposo á esposa, e aos dous a prole ;
A familia vê juntos os seus membros,
Irmãos, irmãs, em doce entretimento,
Fruem prazeres que interrompe o dia.
Riso, amizade, e gosto sobrevôa
N'essa amena e tranquilla sociedade.
A alma se acrysola e purifica
Das escorias que o dia lhe injectara.

Noite amiga dos homens ! — Grato o somno
De teu carro debruça-se na terra ;
Quem fadigas e penas por minutos

Contou no dia, — quem deseja a morte,
Quem deseja açaimar o pensamento, —
Pertinaz suicida, espelho ustorio,
Onde os raios de mil longas desgraças
Vêm franger-se e abrazar um'alma fraca ;
Quem deseja n'um cahos submergir-se,
Ver o que ama, fugir o que detesta,
Busca a sombra propicia do teu manto.
Então é que elle frue treguas aos males ;
Então é que o socêgo alguns momentos
Visita o coração do desditoso ;
Que essas almas que os homens não conhecem,
Lassas do mundo já na tenra idade,
Sobre as azas do somno o mundo olvidam.

Noite amiga dos homens ! — Pensa o vate,
Superno fogo desce-lhe na fronte,
Quando plácida reinas. — Turbulentas
Mil imagens descrevem-se nos ares
Ante a vista em figuras deslumbrosas:
A lucerna do sabio, radiando,
Assiste á creação d'altos mysterios,
Lucubrações do genio, ardente estudo,
Em que os seculos pallidos, myrrhados.
Pelas magicas formulas d'analyse
Recompondo o esqueleto, resuscitam.

Noite amiga dos homens ! — Quando a lua
Illumina-te a róta solitaria,
Então vibras dest'alma a ultima corda !

Então, nem mesmo tu, ó poesia,
Nem tu, divina musica, soltáras
Som que os sons imitasse d'esse arpejo: —
O céu cheio de nuvens como o occeano
Que devora uma náo — cheio de espolios;
O mar em que argentina se prolonga
Essa imagem de luz — e ella tão linda,
Tão só, tão melancolica, tão pura!...

Noite, oh noite formosa! — Mesmo quando
Não tivesses tão grande magestade,
Bastára o melancholico silencio,
O calmo rutilar do teu luzeiro,
Para minh'alma te sagrar seus hymnos:
Bastára d'uma lagrima a lembrança,
O passado surgindo ante os meus olhos,
E esse nome que então murmuram sempre
A aragem frouxa, as ondas somnolentas.
Tu, só tu, bem no amago do peito
Vês a serpe roer-me o engenho e a vida;
Vês gotejarem sangue inda as feridas
De punhal traiçoeiro em mão d'amigo. .
Oh! vem pois com teu balsamo sanal-as;
Vem, ó noite propicia, consolar-me,
Té que a noite do tumulo me salve
D'um mundo que m'esmaga, e que eu detesto! —

A. F. Dutra e Mello.

ODES

A *Ode* é um subgenero do canto lyrico. Foi destinado para celebrar feitos ou objectos de uma certa grandeza. Antigamente não só concorria para seu effeito a musica como a dansa. Segundo o assumpto e modo de tratar os sentimentos subdivide-se a *Ode* em sagrada, heroica, philosophica ou moral e anacreontica.

A *Ode Sagrada* tem por objecto os louvores da Divindade. Compete-lhe o estylo sublime, e o metro usado é o endecasyllabo só ou com o heroico quebrado solto ou rimado.

A *Ode heroica* é dedicada a celebrar heroes e seus altos feitos; por isso compete-lhe o estylo sublime. O seu metro é o endecasyllabo, o heroico quebrado, e ás vezes o quebrado de cinco syllabas. Da-se-lhe o nome de *Pyndarica,* de Pyndaro, famoso poeta grego, o cantor da heroicidade.—Compete-lhe igualmente uma divisão regular de estancias denominadas *Estrophes, Antistrophes* e *Epódos*, observando-se em todas a mesma ordem, numero e qualidade de versos, e disposição de rima que se adoptar para as tres primeiras.

A *Ode philosophica* ou *moral*, a *epódica* e a *saphica* são poesias de assumptos philosophico-moraes, exprimindo os sentimentos sobre os varios successos da vida, as mudanças da fortuna, a inconstancia das cousas humanas, a cegueira dos homens sobre os seus verdadeiros interesses, a pratica das boas acções, etc.

O estylo da *Ode epódica* é o médio, entre o sublime e o simples, isto é, o que serve para exprimir a alegria e o prazer suave. O metro usado é o endecasyllabo e heroico quebrado alternado, rimado ou solto, ou enlaçado e formando estancias iguaes no numero de versos, rimando uns com os outros ou sem rima.

A *Ode saphica* não differe da epódica no assumpto, nem no estylo; mas o que a caracterisa unicamente, é ser composta de estancias regulares de quatro versos cada uma, os tres primeiros *endecasyllabos-saphicos* e o quarto quinario sem rima.

A *Ode anacreontica*, assim denominada de Anacreonte, celebre poeta grego, é uma composição que exprime com mimo e delicadeza as commoções vivas, mas transitorias que nos causam as delicias da vida.

Caracterisam esta especie de poesia a sua pequena extensão entre as do genero lyrico, a naturalidade dos pensamentos, a belleza das descripções, o agradavel das imagens, e sobre tudo a facilidade e melodia da versificação.

O seu estylo é o médio descendo quasi ao tenue.

As especies de versos usados n'estas *Odes* são a redondilha maior e d'ahi para baixo, sós ou misturados, as mais das vezes rimados, formando porém sempre, ou quasi sempre estancias distinctas.

ODES SACRAS

PELO

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

I

Sobre a existencia de Deus.

ESTROPHE 1ª

A luz se faça ; e subito creada
A luz, resplandecendo,
A voz ouvia que aviventa o nada ;
D'entre as trévas se foi desenvolvendo
O cháos, que estendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e os céus, e a noite, e o dia.

ANTISTROPHE 1ª

Mas tu quem és, ó cháos tenebroso ?
De quem o ser houveste ?
De algum Deus, per ventura, poderoso,
A cujo acêno tu tambem cedeste ?
Ou acaso nasceste
De ti mesmo ante o tempo, e a tua idade
Tem, por termo e principio, a Eternidade ?

EPÓDO 1°.

Resôa altiva lyra
De novo, entre os meus dedos vencedores,
Dos soberbos altisonos cantares,
Que em seus muros ouviram
A Grecia fertil em saber profundo,
E a bellicosa capital do mundo.

ESTROPHE 2ª.

O' necessaria e immortal verdade
Dos seres creadora,
E' possivel que, envolta em'scuridade,
A par de ti, a vil destruidora
Da ordem da beldade,
A negra confusão, a frente alçasse,
E comtigo, ante o tempo, se avitasse!

ANTISTROPHE 2ª.

Que mortal, da razão as leis pizando,
Igual a natureza
Da ordem, da desordem reputando,
Da fealdade, e divinal belleza,
Da força, e da fraqueza,
Chamou o inerte cháos *existente*
Necessario, qual é o Omnipotente?

EPÓDO 2ª.

O peito se embravece :
Voraz zêlo as entranhas me consome.
Ah ! foge, erro feroz, respeita o nome
D'aquelle a quem conhece
Por SENHOR o Universo ; e em vão gemendo
No abysmo, esconde teu furor horrendo.

ESTROPHE 3ª

Faze, ó razão, soar a voz augusta
Que as róchas desaferra,
E que as forças do Averno abala, assusta :
Escutai altos Céus : ergue-te, ó Terra,
A fronte desencerra ;
Attenta de meus versos a harmonia,
De novos pensamentos a ousadia.

ANTISTROPHE 3.ª

Inda o sceptro chimerico empunhava
O Nada, avassalando
Informe reino, e vão, que dominava
A seu lado o silencio venerando ;
E tudo, repousando
No seio incerto e immenso do possivel,
De existir era apenas susceptivel.

EPÓDO 3º.

Sómente a Eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gozando interminavel vida,
Perenne mocidade,
Com infinitas perfeições brilhando,
Sotopunha os futuros a seu mando.

ESTROPHE 4ª.

Ao som de sua voz omnipotente
O possivel se aterra ;
O nada se fecunda ; e de repente
Attonitos produzem céus, e terra,
E o espaço que os encerra :
Começa então o tempo pressuroso
A curva foice a manejar iroso.

ANTISTROPHE 4ª.

As agitadas ondas se separam
Da terra que cobriam,
E no vasto Occeano se abrigaram ;
As fructiferas arvores nasciam :
De pennas se vestiam
As animadas aves ; e de vida
Animaes de grandeza desmedida.

EPÓDO 4°.

O homem apparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da mulher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece:
De raios e de luz se rodeava
Phebo, que almo calor a tudo dava.

ESTROPHE 5ª.

Sem Ti, Eterno Ser, ninguem podéra
O véo mysterioso
Que encobre a creação, com mão sincera
Rasgar ; e descobrir maravilhoso
Principio luminoso,
Que a origem fecunda da existencia
Do Orbe faça ver, com evidencia.

ANTISTROPHE 5ª.

Tece embora, escriptor endurecido,
Philosopho arrogante,
Extenso fio nunca interrompido
De seres que perecem: se um instante
Vacillas inconstante,
Sem novo annel prenderes á cadêa,
De teu mundo desfaz-se até a idéa.

EPÓDO 5°.

Abre os olhos, e estende
Do frio norte ao sul tempestuoso,
Ou antes ao lugar onde formoso
O louro sol descende,
Com passo agigantado mede a terra,
E com raios a noite escura aterra.

ESTROPHE 6ª.

Um pouco te levanta ao firmamento ;
Nos astros que o povoam,
Prende o teu vagabundo pensamento:
Conta-os, se a tanto os teus desejos voam:
Ah ! vê como pregoam
Em voz sonora o nome triumphante
D'aquelle que os sujeita á lei constante.

ANTISTROPHE 6ª.

O verme que no campo resvalando,
Ergue a movel cabeça ;
A aguia sobre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espêssa ;
A garganta travêssa
Do leve rouxinol, e o peito forte
Do leão, que esbraveja, e insulta a morte:

EPÓDO 6.º

O mar embravecido,
A terra de mil fructos, que a guarnecem
Toldada, com que as forças reverdecem
Do homem atrevido :
Tudo aponta a suprema Intelligencia,
Adoravel autora da existencia.

ESTROPHE 7ª.

Qual o dourado habitador de Quito,
(Morada da crueza,
Onde em ferreo grilhão suspira afflicto
O docil Indio, desgraçada preza
Da Europea avareza)
Se vê tremer a terra e abrir-se, corre
Fugindo em vão, que entre as ruinas morre:

ANTISTROPHE 7ª

Assim vaidoso atheo, que maneatando
A razão, se adormenta ;
Se medonho trovão ouve troando,
E irada a natureza um pouco attenta,
Espavorido intenta
Fugir em vão á luz, que um Deus potente
Per toda a parte lhe faz ver presente.

EPÓDO 7.º

Furioso procura
Embrenhar-se em veredas não trilhadas:
Ali de novo afia armas usadas
Com que a razão escura
Abate quasi ; até que em fim na morte,
Do Deus, que nega, encontra o braço forte.

ESTROPHE 8ª.

O' tu, reconcentrado immenso Occeano
De desejos ferventes,
Insaciavel coração humano,
Que debalde com ancias sempre ardentes
Forcejas por contentes
Passar da vida fugitiva e escassa
Os momentos, que a Parca ao longe ameaça;

ANTISTROPHE 8ª.

Se o cego Pluto todo o seu thesouro
Desfechasse brioso,
E te assentasse sobre a prata e ouro,
Que n'elle encerra ; se Mavorte iroso,
Guerreiro mentiroso,
De louro em mil conquistas te c'roasse,
E a teus pés o orbe inteiro ajoelhasse:

EPÓDO 8.º

Se a perfida Belleza,
De graças e de risos brincadores
Rodeada, e de férvidos amores,
Por toda a redondeza
Te idolatrasse só ; tu gemerias
Ainda, ó coração, suspirarias.

ESTROPHE 9ª

Mais alto é teu magnifico destino.
Mas onde achaste, ó lyra,
Este som que hoje soltas, som divino ?
Novo abrazado espirito me inspira,
Sublime fogo gira
Vivido em minhas vêas ; escutai-me,
O' mortaes, e de c'roas adornai-me:

ANTISTROPHE 9ª

A ave pelos ares pressurosa
Contente se abalança:
Desprende em paz a voz harmoniosa,
Sem temor, sem sentir outra esperança:
Se ingrata fome a cança,
Aqui, ali pousando o bico agudo,
Satisfeita vegeta, e esquece tudo.

EPÓDO 9°.

Rumina o boi pesado
Na estreita manjadoura a leve palha,
E o seu carnoso coração encalha
No circulo acanhado,
Que a fome lhe traçou ; tal é a sorte
Do animal, seja fraco, ou seja forte.

ESTROPHE 10.ª

O Infinito, ó idéa soberana !
Eis o termo anhelado,
Que só póde fartar a mente humana.
O' Deus! ó Providencia ! assim gravado
Teu Nome sublimado
Em letra mais que o bronze duradora,
No intimo de nós altivo mora.

ANTISTROPHE 10ª.

O' céus, de um Deus morada, onde se ostenta
A inexhausta riqueza,
O eterno prazer, com que alimenta
Os varões, que com solida grandeza
A bruta natureza
Fortes domando, a Deus só aspiraram ;
E á virtude só votos consagraram.

EPÓDO 10°.

Dia grande, e formoso
Aquelle, que findando o tempo, e a porta
Da eternidade abrindo, deixa absorta
Em pasmo delicioso
A alma nobre do justo, que abysmada
Vê raiar do seu Deus a face amada.

ESTROPHE 11.ª

Onde, ó homem, ser fraco, onde encontraste
A imagem do infinito?
Ou d'onde ao coração a transplantaste,
Para deixal-o a suspirar afflicto?
Se o mundo, circumscripto
Em limitado espaço, te estreitava,
E teus vastos desejos encurtava?

ANTISTROPHE 11ª

Ergue as mãos, de amargura penetrado,
E com fervente pranto
Os teus olhos no chão fita humilhado.
Entôa magoado triste canto,
Ao veres com espanto
Como, ingrato, te esquece o premio eterno
Com que te acena o alto Ser Superno.

EPÓDO 11°.

Os céus, a terra, os mares,
Do Creador á lei obedecendo,
Se estão nos seus limites revolvendo
Per modos regulares:
O homem só, rebelde as leis despreza
Do Supremo SENHOR da natureza.

II

A' Immortalidade da Alma.

ESTROPHE 1ª.

Sonora e immortal lyra
Que o Thebano cantor não desdenhava
Sustentar em seus braços,
Quando, inflammado de celeste fogo,
Os heróes celebrava,
Que na carreira olympica a seu carro
A victoria prendiam venturosos;

ANTISTROPHE 1ª

Tu, que soberba ousaste
Annosos troncos arrancar, e a furia
Do mar embravecido
Tornaste branda mais que o brando Zefiro,
Dos ingremes rochedos
Mil vezes viste o escarpado cume
Pendente para ouvir teu som divino:

EPÓDO 1°.

Conhece a destra mão, que a natureza
De harmonia cercou, e n'outro tempo
As tuas aureas cordas
Corria soberana
Da indocil Lysia nos dormentes campos.

ESTROPHE 2ª.

Olha como ligeiro
A férvida carreira o tempo volve,
E fugitivo acena
O momento fatal, em que inhumana
Vai o punhal buido
No coração cravar-me a Morte crua,
E entre sombras cerrar meus frouxos olhos.

ANTISTROPHE 2ª.

De balde te alvoroças,
O' morte deshumana; se pretendes,
Com frivola ousadia,
A frias cinzas reduzir-me inteiro:
Teu braço furibundo
Meu corpo desfará; mas de teus golpes
Illesa zombará minha alma intacta.

EPÓDO 2º

Qual ao nauta se pinta o manso porto,
Quando, bramindo o vento, o mar lhe agoura
Imminente naufragio:
Tal da immortalidade
Me transporta o sublime pensamento.

ESTROPHE 3ª

Abala destemido,
O' invicto Samsão, lança por terra
As lugubres columnas
Que em sepulcro commum hão de encerrar-te
Com teus crueis imigos:
Não receies ficar todo jazendo
Nos fracos muros da traidora Gaza.

ANTISTROPHE 3ª.

Da mão omnipotente,
Abrazado desceu o nobre espirito
Que o homem engrandece
Sobre a inerte, pesada e vil materia;
E, em rapido momento,
O passado e presente retratando,
Sobre o mesmo futuro estende a vista.

EPÓDO 3°.

Mais veloz do que a setta fende os ares,
Em um ponto indiviso se afigura
Mil diversas imagens,
Que soberano arrosta,
Separa, ajunta, considera, e julga:

ESTROPHE 4ª

O tempo em vão reforça
O musculoso braço, e fero intenta
Em partes retalhal-o:
A cortadora fouce só encontra
No humano entendimento
A essencia simples, que combina altiva,
De um golpe, idéas entre si distinctas.

ANTISTROPHE 4ª.

O' virtude adoravel!
O' tu das grandes almas nobre encanto,
Do homem nas entranhas
Teu nome está impresso: embora o vicio
O coração lhe embote:
Se vê luzir na terra a tua imagem,
Enternecido pára, e te contempla!

EPÓDO 4°.

Em seus gestos transluz a liberdade:
Livre, escolhe seguir as solitarias
Veredas da justiça;
Ou se entranha, imprudente,
Do vicio no enredado labyrintho.

ESTROPHE 5ª.

Mas que horror repentino
Do sangue o curso em minhas vêas prende!
Da morte o horrido livro
Eu vejo abrir-se! A despiedada penna
Que o traçou, ensopada
Foi em sanguinea tinta: só cruentos,
Lugubres caracteres lá diviso.

ANTISTROPHE 5ª.

Já mal se avista a historia
Da primitiva idade do Universo;
Nos alagados braços
A vida inda recente lhe suffoca
Diluvio deshumano;
De novo surge: mas de novos homens
Nações inteiras aqui vejo escriptas.

EPÓDO 5°.

Ah ! é certo, Deus grande, sim, da morte
A inexoravel, tragadora fouce
    Talha, destróe, consome
    Quanto encerra o universo;
Nem lhe resiste o bronze endurecido.

ESTROPHE 6ª.

    Só firme, e perduravel
O espirito do homem a despreza,
    Seu golpe affronta intrepido.
Não vacilla um instante, ao ver que tudo
    Quanto existe annuncia,
No Creador supremo, eterno Nume,
O amor da justiça e da virtude.

ANTISTROPHE 6ª

    O vicio triumphante
Vê na terra empunhar soberbo sceptro,
    De mal cortado louro
Cingindo a refolhada, astuta frente:
    Em quanto algoz infame
Com afiado alfange lá destronca
A cabeça do justo desgraçado.

EPÓDO 6°

Do infinito Ser a idéa augusta
Em tanto se lhe aviva: e imperioso
Magnifico desejo
O coração lhe exalta,
E para o summo Bem ancioso o leva.

ESTROPHE 7ª.

Então arrebatado
De insolito prazer exclama: ó grande,
O' summa Potestade
Que em meu peito gravaste o amor da ordem,
E de gozar-te um dia
Fervorosa appetencia me inspiraste !
Seria em vão que tudo assim fizeste ?

ANTISTROPHE 7ª.

Déste-me o sentimento
Sublime d'ordem, só para tornar-me
Espectador afflicto
Da desordem que em todo o vasto mundo
Sacode ardentes fachos ?
Jámais o vicio gemerá punido?
E a virtude infeliz será sem premio?

EPÓDO 7°.

Suspirarei em vão por adorar-te
Face a face, em delicias ineffaveis?
Desejo interminavel
Devorará minha alma
Que contemplar-te de continuo anhela?

ESTROPHE 8ª.

Eu não te temo, ó morte,
Em vão me encaras com soberbo aspecto:
Erguendo a immortal frente,
No seio immenso do supremo Nume
Abrigado, a victoria
Hei de arrancar-te n'esse mesmo instante,
Em que cruel anniquilar-me intentas.

ANTISTROPHE 8ª.

Vem, ó minha esperança,
O' immortalidade, vem cercar-me:
Teu nome só estreita
O peito do malvado, que despreza
A placida virtude,
E com tremula boca o Nada invoca,
Para esquivar-se á merecida pena.

EPÓDO 8°.

Trôe embora do Averno a voz medonha,
Que temeraria intenta combater-te:
    Tortuosos sophysmas
    Deslumbram, mas não podem
Da verdade extinguir a luz brilhante.

III

Sobre a necessidade da Revelação.

ESTROPHE 1ª

Sim, Platão, é verdade, e a tua mente
    Sublime adivinhava
Os segredos de um Deus justo e clemente.
Do homem a razão minguada e escrava
Não póde descobrir um culto dino
D'aquelle que o creou, Ente divino.

ANTISTROPHE 1ª

Com tresdobrada venda lhe rodêa
    Soberba mentirosa
O espirito abatido; e em vil cadêa
O maniata a carne revoltosa:
Precipitado sobre a terra corre,
E incerto de seu fim, respira e morre.

EPÓDO 1°.

De sua origem nobre
Lembrado, ás vezes quer em vão soltar-se.
Pesada nuvem tenebrosa o cobre;
Sente desanimar-se,
E o pesado grilhão mais apertar-se.

ESTROPHE 2ª.

Desce do Olimpo, ó Musa luminosa,
Que das acções humanas
Conservas a memoria fastuosa:
Apparecei, ó folhas deshumanas
Do livro antigo, que o medonho crime
Per toda parte com seu sello imprime.

ANTISTROPHE 2ª

Do horror a ferrea fria mão me abate,
E o sangue represado
Nas assustadas vêas mal me bate:
O' homem! péga, e lê sobresaltado
As criminosas provas da baixeza
De tua envilecida natureza.

EPÓDO 2º.

De mil feitos atrozes
As cidades cingidas se levantam;
Com ellas surgem barbaros, ferozes,
Altos genios, que espantam,
E o sanguinario despotismo plantam.

ESTROPHE 3ª.

Aqui reluz alfange fratricida,
Ali o escuro engano
Na honra crava asperrima ferida:
Ora a baixa ambição cinge inhumano,
Cruento diadema; ora a avareza
Empunha o sceptro, em toda a Redondeza.

ANTISTROPHE 3ª

O' Mexico ! ó cidades desgraçadas
Do novo afflicto mundo !
Parece-me que vejo inda ensopadas
Em sangue as vossas casas ; furibundo
Voraz fogo nos ares estalando,
Os vossos debeis muros arrazando.

EPÓDO 3°

Embora cante a fama
A constante invencivel fortaleza
De Colombo immortal, do invicto Gama:
A Europea crueza
Manchou depois a sua nobre empreza.

ESTROPHE 4ª.

Qual a febre abrazada, se raivoza
Com a mão pestilente
As vêas toca, chamma furiosa
N'ellas accende ; e o calor ardente,
Que da vida era d'antes alimento,
Torna da morte barbaro instrumento:

ANTISTROPHE 4ª.

Tal o homem, mil vezes impellido
Da paixão que o devora ,
A crimes faz servir enfurecido
Os inventos de uma alma creadora,
Que á natureza, com constancia rara,
Para honrosas façanhas arrancára.

EPÓDO 4.º

Vergonhosa ignorancia
Com elle nasce, e lhe acompanha os passos :
O erro estende, cheio de arrogancia,
Os alongados braços,
E lhe tece bramindo astutos laços.

ESTROPHE 5.ª

Na Grecia, das sciencias mãi fecunda,
Ousou erguer altivo
O throno, e fez soar a voz immunda.
Tu o sentiste, ó Socrates! e activo
Tentaste em vão rasgar o véo sagrado,
Que da verdade cobre o rosto amado.

ANTISTROPHE 5ª

O homem vias de maldades réo,
E incerto meditavas
Propicio modo de aplacar o Céo:
Em duvidas fervendo te agitavas :
Provaste emfim que só celeste guia
Este segredo revelar podia.

EPÓDO 5°

Gemendo ao ver o crime
Confundir sua face horrenda e brava
Com a virtude candida e sublime,
Athenas condemnava
O que Lacedemonia premiava.

ESTROPHE 6.ª

O' tu, lasciva mais do que formosa,
De Chypre, infame Dea ;
O' cégo deus ! ó Juno ambiciosa !
Tu Jupiter soberbo, que á cadêa
Dos fabulosos Numes presidias,
E a filha de Agenor baixo servias :

ANTISTROPHE 6.ª

Ridiculo esquadrão, que meneaste
O sceptro sobre a terra,
E o mal votado incenso profanaste,
Devido só áquelle em quem se encerra
O poder, a justiça, a providencia,
A bondade, e a suprema intelligencia :

EPÓDO 6.°

O vosso duro imperio,
Estribado em chimerica grandeza,
Longo tempo occupou todo o hemispherio :
Da humana natureza
Assaz provou a misera fraqueza.

ESTROPHE 7ª.

Em que clima a tão grande desventura
Nasce o remedio certo ?
Onde habita a razão suave e pura,
Que possa alumiar meu peito incerto ?
De valor revestil-o, com que afronte
Intrepido do crime a enorme fronte ?

ANTISTROPHE 7ª.

E' possivel, Bondade incomparavel,
Que a tua mão divina....
Formasse a mente humana miseravel!
Que a trevas e fraqueza vil e indina
A condemnasse ! e o homem, arrastrado,
Do vicio siga o detestavel brado!

EPÓDO 7º.

Com pincel enganoso
De falsas sombras o prazer cercando,
Quantas vezes correr precipitoso
Me viu executando
O que eu dizia ser torpe e execrando ?

ESTROPHE 8ª

Existe per ventura um ser perverso,
Qne poderoso impera,
Como Tu, no vastissimo universo ?
Que movendo a cabeça horrenda e féra,
Transtorna quanto pensas, e envenena
O que crear a tua mão acena?

ANTISTROPHE 8ª.

Se o sceptro universal é teu sómente,
O' Nume sublimado,
Que incenso queimarei ? Que voto ardente
Poderei no meu peito, sossobrado
Das paixões, conceber, que aplaque a ira
Que a minha vida criminosa inspira ?

EPÓDO 8°.

Farei subir aos ares
Em denso crespo fumo revoando
De victimas o sangue? e em teus altares
Mil dons apresentando,
Acaso o teu furor verei mais brando?

ESTROPHE 9ª

Qual inquieto volve os vagos olhos
Perdido navegante,
Que em toda parte miseros escolhos
Teme encontrar: tal, cégo e vacillante,
Eu érro a um lado, e outro; nada aprendo,
Em um golfo de duvidas gemendo.

ANTISTROPHE 9ª.

Ah! desce á terra, mensageiro augusto,
Que haveis de illuminar-nos;
Orvalhai, puros Céus, chovei o justo.
Tu não pódes, Deus bom, abandonar-nos,
Pois somos obras tuas; e a cegueira
Escurece do mundo a face inteira.

EPÓDO 9°

Sobre o pó derrubada,
Sua orgulhosa frente a idolatria
Arrastre, e nos abysmos sepultada,
Não torne a luz do dia
A turbar com horrivel ousadia.

ODES PROFANAS

I

A ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS *

ESTROPHE 1ª

Eu (mil graças ao Céu !) s'em largos campos
Não aro, não semeio
Com malhados bezerros trigo loiro,
Pedindo ao vate Argivo lyra d'oiro,
Semeio nas campinas da memória
Canções credoras de perpétua glória.

* Natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

ANTISTROPHE 1ª

As redeas toma do cantor do Ismeno,
Musa canora e bella,
Ignivomos Ethontes atropella,
Guia a tua carroça luminosa
Ao bipartido cume ;
Os Cantores do Pindo que emudeçam,
Ao teu imperio os Astros obedeçam.

EPÓDO 1º

E mais ligeiro
Do que o ribeiro,
Que accelerado
Descorre o prado,
Serpenteando,
Vai tu levando
O teu carro á azul esphéra,
Onde Phébo só impéra.

ESTROPHE 2ª.

Fuja o profano vulgo, inepto e rude,
Para ouvir os mysterios,
Que o altiloquo Vate patentêa,
Quando alegre bebendo a clara vêa,
Da encantadora, diva Cabalina,
Troca a vida mortal pela divina.

ANTISTROPHE 2ª.

Oh monte ! oh monte ao vulgo inaccessivel,
Onde florêa Apollo !
Quem, do Ethonte domando o bravo cóllo,
No teu cume fuzila brando canto,
Quem cinge a douta frente,
Póde afoito dispôr da humana sorte,
Dar vida ao sabio, dar ao nescio morte.

EPÓDO 2.º

Se o grande Homéro
De Achilles féro,
Que Heitor procura,
A paixão dura
Não arpejára,
Na lympha amára
D'esse lago celebrado
Jazeria sepultado.

ESTROPHE 3ª.

Se tôrvos sopesando invicta lança,
O' Musa, não podemos
No campo sanguinoso de Mavorte
Espalhar de uma vez terror e morte,
Podemos, fulminando excelsos hymnos,
Dos humanos mortaes fazer divinos.

ANTISTROPHE 3.ª

Levemos dos Heróes Pernambucanos
A rutilante glória
Ao templo sacrosanto da memória :
Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos Varões famosos,
Que da inveja apesar em toda a idade
Entregaram seu nome á Eternidade.

EPÓDO 3º

Assim de Roma
A glória assoma,
Que do Latino
Em som divino
Relampaguêa
De graça cheia,
Quando fere a doce lyra
Por quem Orion suspira.

ESTROPHE 4ª

Porém, ó Musa bella, o carro volta
Aos altos Guararápes,
N'elles procura o forte Brasileiro,
Tigre sedento, lobo carniceiro,
Que, dardejando a espada em dura guerra,
Faz tremer, ao seu nome, o mar e a terra.

ANTISTROPHE 4ª.

Ante os muros de Troya fumegantes
    Pélides furioso
Pela morte do amigo bellicoso
Mais estragos não vibra, nem ruinas ;
    Nem o Aquilão fremente
Que, o pégo marulhoso revolvendo,
Vai montanhas de espuma ao céu erguendo.

EPÓDO 4º.

Brava procélla
Tudo atropélla ;
Ao Belga forte
Fulmine a morte,
E o meu Negreiros
C'os Brasileiros
Augúra cheio de glória
Em seus brios a victória.

ESTROPHE 5ª.

Por cem bocas de fogo devorante,
    Volcão impetuoso,
Vomita o bronze atroador e forte,
Por entre denso fumo a negra morte ;
E o nitridor ginete atropellado
Respira fogo em sangue misturado.

ANTISTROPHE 5ª.

O vibrado corisco tripartido
Pela dextra divina,
Ou subita estalando occulta mina,
Tão rapida não é, nem tão ligeira
Como o nosso Camillo,
Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coração, nos olhos fogo.

EPÓDO 5º.

Prova, ó tyranno,
Pernambucano
Valor preclaro ;
Negreiros caro
Consegue o loiro
De Heróes thesoiro,
Conservando a invicta espada
No teu sangue inda banhada.

ESTROPHE 6ª.

Será preciso, ó Musa, que sigamos
O Heróe á toda a parte?
Que ao Rio Grande vamos, e á Bahia,
Onde calcou Vidal a força impía
Do tyranno Hollandez, que ao seu aspeito
Sente o sangue gelar no duro peito ?

ANTISTROPHE 6ª.

Descancemos do claro Parahyba
Na margem abundante,
Onde brinca favonio susurrante ;
Brilhe tambem na vasta redondeza
Esta Illustre Cidade,
Patria feliz do impavido Negreiros,
Terror do Belga, amôr dos Brasileiros.

EPÓDO 6º

Porém em tanto
Suspende o canto ;
Do teu auriga
A' dextra amiga
Confia o leme ;
O Cisne teme
Que do Heróe cantando a glória
Talvez lhe manche a memória.

José da Natividade Saldanha.

II

A D. ANTONIO FELIPPE CAMARÃO *

ESTROPHE 1.ª

Dulcisono instrumento,
Que de claros Heróes levaste o nome
Ao alto Firmamento,
Quando o cantor do Ismeno
O plectro audaz vibrava,
Eléva agora ao templo da memória
Novo Heróe, que brilhou no céu da glória.

ANTISTROPHE 1.ª

De sacro enthusiasmo arrebatado
Além da humana esphéra,
O Argivo Cisne, em metro não ouvido,
Celebra o combatente,
Que o bravo Corredor domou valente ;
Ou nos Pitios combates valeroso
O triumpho colheu victorioso.

(*) Natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

EPÓDO 1°.

No Pégaso correndo o vasto campo
Dos nobres feitos do Brasilio Marte,
    Vou colher sem demora
    Flôres em toda a parte,
E tecer-lhe depois em Dirce bella,
Ao brilhar de meu canto, uma capella.

ESTROPHE 2ª

    D'entre larga espessura,
Ouvindo a voz da patria, a quem opprime
    A tyrannia dura,
    Sái Viriato forte
    Invicto Lusitano,
E, clamando vingança e liberdade,
Resôa a voz na ethérea immensidade.

ANTISTROPHE 2ª.

Qual da Sicilia o monte pavoroso,
    Que, chammas vomitando,
Entre nuvens de fumo tudo abraza;
    Qual Bóreas furibundo,
Que, aberta a porta ao carcere profundo,
Com estampido atroador soando,
Vai as altas montanhas abalando :

EPÓDO 2°

Tal Viriato, a patria defendendo,
O Quirino soberbo desbarata;
E, Tigre furioso,
Fere, atassalha, e mata.
O Imperio Quirinal ao vêl-o geme,
De susto cheio o Capitolio treme.

ESTROPHE 3ª

O Camarão potente,
Indio famoso, illustre Brasileiro,
Negro Aquilão fremente,
É, desta'arte, que busca
O Batavo em Goyanna;
E um dia inteiro em horrida batalha,
Chovendo mortes o inimigo espalha.

ANTISTROPHE 3ª

Tanto valor não tem, constancia tanta,
O grande Heróe Troyano,
Quando, montado no veloz ginete,
Pela patria peleja;
Troveja mortes, damnos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado,
Açoita as ancas o cocár doirado.

EPÓDO 3°.

Patrocolo denodado, que atrevido
Ante os muros Troyanos apparece
Cedendo ao braço duro,
Succumbe, desfallece ;
E o bravo Heróe, inda apesar dos annos,
Marcha na frente dos Heróes Troyanos.

ESTROPHE 4ª.

O Scipião famoso,
O Belga em Santo Amaro derrotando,
Cinge o loiro ditoso,
Seu aspeito annuncia
A fugida, ou a morte,
De um lado a outro qual peloiro vôa,
Sôa a victoria quando o bronze sôa.

ANTISTROPHE 4ª.

Mais velozes não foram na Sicilia
De Pompeo os triumphos,
Que avassallou innumeras cidades
Com deshumano estrago :
Nem do Heróe, que de glória encheu Carthago,
E que, sendo o terror da invicta Roma,
Flaminio, Scipião, Marcello doma.

EPÓDO 4º.

Não póde estar em ocio descançado
O Heróe, a quem Mavorte inflamma o peito,
Na illustre Parahyba
O Hollandez é desfeito ;
Cunhaú, onde o Belga é triplicado,
Vê Camarão, e o Belga subjugado.

ESTROPHE 5ª.

Sobre teu alto cume,
Erguido Guararápe, altivo monte,
Qual fulgurante lume
Por Jove dardejado,
Brilhar tambem o viste,
Quando todo em furor, desfeito em ira,
Vingança, e liberdade só respira.

ANTISTROPHE 5ª.

Quanto é grato suster da patria cara
A fugitiva glória !
D'este modo se alcança no futuro
Cubiçoso renome,
Que o tempo estragador jámais consome !
É credora de inveja, é feliz sorte,
Pela Patria acabar em doce morte.

EPÓDO 5°.

Agora, Musa minha, em Porto calvo
Colheremos a flôr mais fresca e bella,
Que ha de ornar do Guerreiro
A brilhante capella :
Escape de uma vez o Heróe famoso
Do cégo Tempo ao ferro sanguinoso.

ESTROPHE 6ª.

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do Brasilio esposo
A nobre esposa amada.
No campo dos Troyanos
Camilla furiosa,
Voando sobre a grimpa da seára
Mais triumphos á morte não prepára.

ANTISTROPHE 6ª.

Assoberbam o Bátavo nefando,
O quente sangue espuma ;
Qual Belga foge, qual Brasilio fere ;
Quem evita o Mavorte,
Na espada feminil encontra a morte ;
Ambos assim cobertos d'alta glória
Alcançam do Hollandez clara victoria.

EPÓDO 6º.

Brasilio Camarão, Indio Mavorte,
Recebe com prazer esta capella,
    Que te consagra o vate ;
    Com ella adorna a fronte ;
E da fama loquaz no excelso templo
Aos futuros Heróes dá nobre exemplo.

José da Natividade Saldanha.

III

A HENRIQUE DIAS *

ESTROPHE 1.ª

Não posso, egregio Henrique, em larga cópia
As lagrimas da Aurora offerecer-te ;
    Nem de marmore luzente
Padrões eternos contra o tempo erguer-te ;
Porém ao som do plectro, que desfiro,
Com aureo canto eternisar-te posso :
    Dom de maior valia,
Que cem columnas do opulento Efiro.

---

* Natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

ANTISTROPHE 1.ª

Quando no Olimpio circo,
Não mortal, todo Nume o Argivo Cisne
Da atropellada boca
Novos vibrava audaciosos hymnos,
Quanto a rival Corina
Raivava de escutar-lhe a voz divina!
Quanto o mesmo ginete, que a victória
Conseguiu ao Senhor, se encheu de glória!

EPÓDO 1.º

Nem só de Ilio bateu neptunios muros
O indomavel Achilles,
Quando em tôrno correu do Argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patrocolo:
Nem o velho Nestor, que honrára Pilos,
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

ESTROPHE 5.ª

Oh! mil vezes ditoso, o que da lyra
Tirando sons, milagres de harmonia,
Que o Patarêo inspira,
Rouba os Heróes do tempo á fouce impía!
Ditoso, o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a patria glória!
Assim Camões divino
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento.

ANTISTROPHE 2ª.

Assim outr'ora Elpino,
Atropellando os Évos fugitivos,
Da immensa Eternidade
As bifores abriu formosas portas,
Quanta d'ali rutila
Brilhante glória em Azamor e Arzila!
Viste de novo Adamastor, ferrenho
Sulcar teus mares luzitano lenho.

EPÓDO 2º.

Qual furor divinal de mim se apóssa!
Que sacro enthusiasmo
Em grossos turbilhões me assalta á mente!
Onde me elevas, impeto divino!
Oh passado! Oh futuro! Eu vejo tudo,
Abrem-se os penetraes aos meus accentos.

ESTROPHE 3ª.

Henrique! Lá me assoma em densa tréva
Do féro Belga a alta trincheira invicta!
Que clamor, que se eleva!
Que terror nos cercados, que se excita!
O bipene cutéllo a Parca afia
No fuzilo dos elmos, das espadas;
Trôa o bronze inflammado,
Que em chuveiros a morte despedia.

ANTISTROPHE 3ª.

Como debalde intentas,
Belga soberbo, te esquivar ao raio !
Como !.. Já se arremessam
Altas escadas ás trincheiras altas ;
Já tremúla a primeira
Sobre as muralhas, Portuguez, bandeira ;
Já curvas, Hollandez, com fado escasso,
Altiva fronte do Africano ao braço.

EPÓDO 3º.

Freme na Estancia o bellico Mavorte,
Fulminando ruinas.
Lá Dias apparece... ah ! quão azinha
Foge ao vêl-o a batavia atrocidade,
Assim de Heitor fugia o Grego imbélle,
Que as muralhas de Troya acommettia.

ESTROPHE 4ª.

Que confusão, ó Musa, que alarido !
O Céu se encobre de negrume horrendo !
Que estrondo nunca ouvido !
Que sangue pela terra vai correndo !
Que é isto ! Mas lá sôa. « O Belga forte,
« Nas Salinas fugir em vão intenta ;
« Henrique os atropélla ;
« E a seu lado se espraia a negra morte. »

ANTISTROPHE 4.ª

Tal do Heróe de Carthago
Fugia á vista a Quirinal cohórte;
Quando em Trebia valente
O Consul atrevido derrotára.
Tal foge temeroso
Do açor cruento á garra furibunda
O aereo bando de mimosas pombas:
Tanto do Heitor Brasilio assusta o braço!

EPÓDO 4.º

Como lá foge ao vêl-o nas Tabócas
O Batavo medroso!
Como sem côr, sem vida, espavorido,
De susto cheio, no Afogado foge!
Como tresúa navegando os mortos,
Na feia Barca o sordido Charonte!

ESTROPHE 5.ª

Guararápes! abaixa o nobre cume;
O Illustre Scipião lá vai subindo,
Que nunca visto lume
Da fulgurante espada vem sahindo!
Relincha o nitridor atropellado
Sangue e fogo no freio mastigando;
Lá sôa! lá começa
Dos peloiros o estrondo repetido.

ANTISTROPHE 5.ª

Qual do cavallo vôa,
Qual sem cabeça corpo vai rolando,
Qual decepado braço,
Inda tremendo aperta a quente espada,
Qual sem dôno ginete
Pisa, e repisa galopando o campo...
Lá dá costas o Belga, lá procura...
Nas densas matas o mesquinho abrigo.

EPÓDO 5.º

Musa !... porém já basta, descancemos
Um pouco a lyra d'ouro,
E entretanto conheça o mundo todo,
Que entre o remoto Povo Brazileiro
Tambem se criam peitos mais que humanos,
Que não invejam Gregos nem Romanos.

José da Natividade Saldanha.

IV.

A FRANCISCO REBELLO *

ESTROPHE 1.ª

Brasileiros !... de novo afino a lyra,
E o Nume de Patara,
Que os lisongeiros Vates não inspira
A minha mente inflamma.
Tecei-me nova corôa,
Filhas do Céu, Razão, Ingenuidade ;
Pois agora acordando
A' Lyra Brasileira os sons Argivos,
Vou estampar o nome
De Rebello immortal na Eternidade.

ANTISTROPHE 1.ª

Já da Apollinea chamma
Acceso turbilhão me desce ao peito !
Como um tropel de idéas magestosas
A mente me confunde !
Eu vejo, eu não me engano, o Delio Nume
Que aos ouvidos me entôa altivos hymnos :
O' Pindaro ! esmorece;
Tu já tens um rival no amor da patria,
No canto, que aos Heróes dá nome e vida.

* Natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

EPÓDO 1.º

Longe de mim o vulgo boquiaberta,
Que não póde escutar os sons cadentes,
    Que o vate desencerra ;
Longe de mim a turma aborrecida,
Que á lyrica não sóbe, e que derrama
Versos sem alma, e só no nome versos ;
Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
Não de Filinto, Coridon, e Alfeno ;
    Meiga pompa ululante
Não segue os vôos da ave Tonante.

ESTROPHE 2.ª

Vem, Aonio, a meu lado ouvir meus hymnos ;
    Vem a prestar-me a lyra,
Que hoje tem de troar com sons divinos,
    Quaes Diniz, que nos guia,
    Out'ora modulára;
Vem commigo cantar, deixa de parte
    A arrufadiça Ulina.
Se devemos á patria a nossa vida,
    Demos-lhe a nossa fama,
Demos vida aos Heróes, que á patria a deram.

ANTISTROPHE 2.ª

    O' vós, sombras divinas,
Manes de Henrique, manes de Negreiros,
As campas sacudi, erguei a frente

Para escutar o Cisne,
Que roubou vosso nome ás mãos do Lethes.
Exultai ! Novo Heróe vai hombrear-vos
Sobre as azas da Fama.
Teve parte comvosco nos perigos,
Vai ter comvosco seu quinhão na glória.

EPÓDO 2.º

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,
Emulando de Marte a valentia,
Venceu Numancia féra,
Carthago derrotou, deu leis ao mundo,
Foi doce á patria, horrivel ao imigo:
Qual Condé, cujo nome portentoso
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
E que, quando voava ao Marcio campo,
Levava no seu braço
O augurio não fallivel da victoria:

ESTROPHE 3.ª

Rebello assim desfeito em chamma, em ira,
A toda parte vôa,
E onde assoma valor, audacia inspira.
Treme de ouvir-lhe o brado
O Belga esmorecido.
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerme
Provocando o inimigo,

Co'a espada trovejou raios de morte,
E, Hercules imitando,
Rouba a vida a um Antheo c'os rijos braços.

ANTISTROPHE 3.ª

Foge o Belga medroso,
Foge á vista do Heróe; porém aonde
Póde escapar ao raio? O Heróe o segue,
Assoberbando tudo,
Nada lhe embarga os passos, nada o prende;
Chammeja, espuma, brama, e os campos tála,
Desmorona os reductos;
E de sangue, e de gloria, e pó coberto,
Entre impios ossos, caros ossos piza.

ESTROPHE 3.ª

Mazurépe! Já vôa em teu soccorro,
Dos olhos scintillando fogo ardente,
Sedento do inimigo,
O Heróe a cuja fama é pouco o mundo.
Já... Que horror! entre fumo, entre alarido,
Chove o bronze mortifera granada;
Cruzam lanças, a hoste se derrama....
Exulta, ó Mazurépe! O Belga cede,
Ante o Brasilio raio
Tudo é pó, tudo é cinza, tudo é nada.

EPÓDO 4.º

Novo campo de gloria se offerece
Ao Brasileiro Tigre:
Sigismundo a vingar-se lhe apparece.
O' Belga desgraçado!
Porto Calvo famoso
Por tres vezes te viu deixar-lhe o campo,
Quando Rebello forte,
Á dextra o raio, o terrorismo á frente,
Impavido assomando,
Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

ANTISTROPHE 4.ª

Assim o antigo Persa,
No esquadrão numeroso confiando,
Aos da Grecia guerreiros se apresenta;
Assim Flaminio bravo
Á glória de Carthago, ao fero Annibal:
Tal em Neméa os bravos Sicilianos
A Péricles se offerecem;
Assim nas margens ferteis do Garonna
A aguia soberba foi lançada em terra.

EPÓDO 4.º

Taparica infeliz em ti devia
Com a morte coroar tantas victorias.
Pelouro penetrante,
Rompendo o peito forte, foi beber-lhe
As fumantes entranhas inda quentes,

E envolvido em trophéos do seu triumpho,
Na campina Mavorcia teve a morte.
Porém quando se chega ao Céu da glória
    A existencia é pesada :
Assim Turenna sôbre o campo expira.

ESTROPHE 5ª.

O' patria minha, e delle ! enxuga o pranto ;
    Morreu ; mas libertou-te,
E de novo revive no meu canto.
    Inda hoje a sombra sua
    Te cérca a todo o instante,
E c'os olhos em ti, assim te brada:
    « Exulta, ó Pernambuco,
« Dei a vida por ti: foi doce a morte !
    « Não te falta o meu braço,
« Tu genios inda tens, que me assemelham ».

ANTISTROPHE 5.ª

    O' Jovens Brasileiros,
Descendentes de Heróes, Heróes vós mesmos,
Pois a raça de Heróes não degenera,
    Eis o vosso modelo ;
O valor paternal em vós reviva ;
A patria, que habitais, comprou seu sangue,
    Que em vossas vêas pulsa ;
Imitai-os, porque elles do sepulchro
Vos chamem com prazer seus caros filhos.

EPÓDO 5°.

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recemnados filhos vegetava ;
Assim o egregio sangue
Em Thermopylas dura derramado
Antolhava em seus filhos vingadores:
Tomai d'elles o brio, a força, a manha ;
Sêde sempre fiéis á patria cara ;
Vós sereis Brasileiros ;
Sereis Pernambucanos verdadeiros.

José da Natividade Saldanha.

V

AO HOMEM SELVAGEM *

ESTROPHE 1.ª

O' homem, que fizeste? tudo bráda;
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz dourada,
A liberdade, com ferros se vê preza,
E a pallida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
Do Deus, que te criou, a imagem pura.

* Esta ode, onde brilha um éstro superior ao que distingue as mais bellas composições que n'esse genero têm sido escriptas no idioma portuguez, e talvez mesmo em todos os idiomas vivos, foi composta em 1784, tendo o autor apenas 21 annos de idade, por occasião de uma controversia que se levantou casualmente em uma couversação amigavel entre elle e o general Stockler, acêrca das vantagens da vida social.

ANTISTROPHE 1.ª

Na Cythara que empunho, as mãos grosseiras
Não pôz cantor profano;
Emprestou-m'a a verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoára; e o vil engano,
O erro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo emfim banido.

EPÓDO 1.º

Dos Céus desce brilhando
A altiva independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado;
Eu a ouço dictando
Versos jamais ouvidos: reis da terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

ESTROPHE 2.ª

Que montão de cadêas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas!
A Natureza simples e constante,
Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos, as leis que lhes tem feito.

ANTISTROPHE 2.ª

O teu firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sobre o tremendo
Altar do calvo tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véo da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

EPÓDO 2.º

Da dôr o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as tremulas entranhas apertar-me.
Oh céus! que immenso espaço
Nos separa d'aquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos!

ESTROPHE 3.ª

Salve, dia feliz, que o louro Apollo
Risonho allumiava,
Quando da Natureza sobre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

ANTISTROPHE 3.ª

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sostinha,
E contra o tempo de furor armado,
Este dia alongar por glória tinha ;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A noite foi do Averno a fronte alçando.

EPÓDO 3.º

Sahiu do centro escuro
Da terra a desgrenhada enfermidade,
E os braços com que, unida á crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

ESTROPHE 4.ª

Que augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura !
Nu, mas de graça e de valor vestido,
O homem natural não teme a dura
Feia mão da ventura:
No rosto a liberdade traz pintada
De seus serios prazeres rodeada.

ANTISTROPHE 4.ª

Desponta, cego Amor, as settas tuas:
O pallido Ciume,
Filho da Ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume.
Em vão bramindo espume,
Que elle indo após a doce Natureza,
Da fantazia os erros nada preza.

EPÓDO 4.º

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.

ESTROPHE 5.ª

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frouxo Caraíba que, encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,
O Sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de Amor aos doces laços.

ANTISTROPHE 5.ª

O' razão, onde habitas ?... na morada
Do crime furiosa,
Polida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do vicio ; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro ?. Dize.... aonde ?
Eu te chamo, ó philosopho ! responde.

EPÓDO 5.º

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos valles já sombria,
Apenas apparece ; assim me prende
O homem natural, e o éstro accende.

ESTROPHE 6.ª

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyranno,
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do *meu* e *teu* o grito deshumano
Fez soar em seu damno :
Tremeu a socegada Natureza,
Ao ver deste mortal a louca empreza.

ANTISTROPHE 6.ª

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramindo mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio seu lançando
Os crueis erros, e a torrente impía
Dos vicios, que combatem, noite e dia.

EPÓDO 6.º

Cobriram-se as virtudes
Com as vestes da noite; e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

A. P. de Souza Caldas.

VI

O POETA DESTERRADO

O' Lyra Brasileira, que inspiravas,
Com teus hymnos, no peito amor de glórias;
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
Já não accendes de Mavorte o fogo :
Nem cantas os trophéos da patria amada
Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo ; ou temperada agora
Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estylo.

Ah ! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se procurando lenitivo á mágoa,
Sob a copada rama solitario,
Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto
Que abandonado em terra estranha geme,
A qual recorrerá propicio nume
Senão a Venus meiga ?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita,
É tambem de Narcinda a santa causa :
Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito
De dôr e de saudade.

Os suspiros que a lyra aos ares manda,
Ella com suspiros acompanha ;
São sorrisos da lua, que embellece,
Da negra noite o manto.

Não do regato o placido susurro,
Nem o travesso zephyro, que esperta
Do lethargo da sombra a flôr cheirosa,
Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil, qual matutina rosa
Pelas gottas de maio rociada;
Assim do teu dilecto olhos e peito
Arrebatas sorrindo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se ainda se acolhe de Narcinda ao seio;
Pois no meio do sonho dos amores,
Tambem co'a patria sonha.

Para a molleza não nasceu o vate:
Em ditosos dias chammejava
Sua alma ardente, do heroismo cheia,
Quando uma patria tinha!

A corda que sicia docemente
Sobre a doirada lyra malfadada,
Outr'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida setta:

Os labios, que ora movem molles versos,
Já levantar souberam da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria!
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brasil, hoje emmudece
Entre grilhões e mortes!

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil, infame bando.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se aos lares seus não volta acicalado,
Subito ferro afogaria o grito,
Que pela patria erguesse.

Alli da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restam, fugidios
Vivem inglorios; pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vêdes
Que o facho horrivel, que allumia a senda
Das falsas honras, accendeis no fogo
Que abraza o Brasil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,
E calca aos pés o merito e virtude,
Uma lagrima se quer não vos arranca
A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas !
A táça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas
Da Cisplatina plaga.

Suspirai pelo céu, morrei no inferno
—Contentes, paz e glória de vós fujam
Como as aguas de Tantalo fugiam
No Tartaro dos Gregos.

Ah ! não digas, ó Zoilo, mal do vate
Si a Paphia deusa algum consolo pede,
Si a aguda dôr, que pela patria sente,
Sonha abrandar um pouco !

Que um raio de esperança o fado accenda,
Que um relampago só penetre as trevas,
Que o seu Brasil envolvem, n'esse instante
Em pé se alçará forte !

Então seu coração no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lyra — então com nova murta
Coroará a espada.

Oh ! quanto é forte um vate, si nutrido
Entre perigos foi ! Si denodado
Da morte os brados retumbar ouvira
Com não mudado rosto !

Que um Trasybulo novo se levante
C'um punhado de Heróes, a tyrannia
No ensanguentado throno já nutante
Cahirá aos pés exangue.

Mas em quanto o Brasil adormecido
Brilhantes dias renovar não sabe,
Repita ao menos o seu nome amado
A lyra dos amores.

Da dôr profunda, que a seu vate opprime,
Extranhos se condoam ; e os suspiros
Da lyra, que através dos mares voam,
Façam chorar a patria.

Adeus, ó lyra ; basta: já se embruscam
Cada vez mais os ares: — sombra espessa
Involve em torno a placida ramada,
Em que teu vate geme.

Fica pois suspendida d'alto cachopo:
Nem mais afflicta mão as cordas fira:
Ao murmurio da fonte só responde ;
Os zefiros te movam ;

Aos apartados échos da collina
Muda teus sons ; e do pastor a gaita
Fremito doce em ti sómente excite,
Ou zunidora abelha.

Adeus emfim, adeus, lyra piedosa !
Ah ! quantas vezes o teu pobre vate
Ameigava comtigo a dôr profunda
Em desveladas noites !

Si tantos males supportou constante,
A ti o deve, ó lyra — já não pódes
Ora mais consolar dobradas mágoas !
Adeus, em paz descansa !

José Bonifacio de Andrade e Silva.

VII *

Ardua per præceps gloria vadit iter.

OVID.

Generosa Virtude,.
Sobre o cimo da rocha alcantilada,
Lidando noite e dia,
O Templo edificou da immortal Gloria.
Pela encosta difficil
Sobe ingreme vereda pedregosa
Ao Portico soberbo,
Que fulge com formosas esmeraldas:
Em torno á crespa borda

* Esta Ode foi improvisada no Senado, por occasião de ahi fazer um energico discurso o Senador visconde de Cayrú.

Assustam pendurados precipicios...
Ah! e quanta sapiencia
Se exige em peito humano, que ousa nobre
Galgar da rocha o cume !
Quantos, quantos se abysmam que nem deixam
Siquer Icaria fama !
Ditoso, o que anhelando ver da Deusa
O nitido semblante,
Em ti os olhos põe, fiel te segue,
Clarissimo Visconde,
Quando no Areopago Brasileiro
Fulminantes verdades
Desprendes de teus labios combatendo
Insidiosos projectos;
Ou quando a pluma válida manejas
Qual a de Hercules clava,
Illesos sustentando os sacros Foros
Da Catholica Igreja
Contra as da Impiedade horriveis Furias,
Que de raiva se mordem
As vipereas melenas arrancando.
D'esta sorte caminhas,
Denodado Cayrú, ao Templo Augusto
Com animo tranquillo,
A planta firme, os olhos sempre fitos
No facho luminoso
Da portentosa Torre, que entre as nuvens
Esconde a excelsa grimpa,
E descobre os sem-fins da Eternidade.

Marquez de Paranaguá.

VIII

Á PRIMAVERA

Primavera gentil, ethereo mimo
Do seio d'essa nuvem resplendente
Ao lado d'harmonia baixa á terra.
Mal que apontaste, abotoaram flôres
Mil ariadas em matiz, em cheiro.
Com teu almo calor affervorada (1)
Resurge do lethargo a natureza,
E vem beber nas virações a vida.
Amor as brancas azas desferindo,
D'oiro franjadas incansavel vôa
Pelo manso, azulado firmamento ;
No templo omnipotente do universo
Innocentes mysterios solemnisa.
Aqui o simples camponez parado
No quadro magestoso contemplando,
As galas que adereçam montes, veigas,
Os novos entes, que em tropel se animam,
De impressões, e impressões vaga os sentidos,
Embebe o pensamento no infinito.
Ah ! Vamos nós tambem (é tempo) amigo,
Dar pasto ao coração, dar pasto á mente. (2)

---

(1) Segundo Moraes, o verbo —affervorar — significa— pôr em acção ; e é isto exactamente o que eu quero exprimir.

(2) Este verso parece-me que não é meu.

Dos prazeres o genio fugitivo
Ao valle solitario nos convida.
Que sol donoso ! ! Que ar embalsamado ! !
Que vasta paizage encantadora !
Aqui não é madrasta a natureza ; (3)
É mâi ; tudo respira almo deleite
O Mondego, que ao longe vai descendo, (4)
Semeiados cazaes de espaço a espaço
Entre pallido bosque d'oliveiras ;
Cingido de montanhas ondeiantes.
Pendulos pomos dos copados ramos
D'auriverde-crinitas laranjeiras ;
Brandos sicios dos subtis favoneos
Pelos viçosos trigos discorrendo
Vertem no coração dictamo santo,
Alliviam lembranças magoadas.
Oh saudade ! não punges tão aguda
Nos sitios, onde a patria nos recordas.
A sensivel Andrómache affeiçoa, (5)
Tumulo vão d'Heitor, e junto á margem
D'um falso Simoente ás cinzas liba,
E sôlta em pranto, os manes seus evóca
Unico lenitivo no desterro.
Aqui tudo me traça patrios campos ! !

---

(3) Em contraposição aos paizes que ficam debaixo do pólo, de que diz Linneu —*Sub noverante cœrere*—.

(4) Vista do penedo da saudade sobranceiro aos campos de Coimbra, cujas lembranças não podem apagar-se de minha memoria.

(5) Vide Virgilio, quando falla d'Andrómache na escravidão, e no desterro.

Taes de brincada côr os apavonam, (6)
Taes os povoam multidões aligeras,
Quaes pairam sobre nós, e vêm fugindo
Das tenebrosas regiões polares !...
D'ahi mal que se affasta o astro do dia (7)
Frio aguçado as ondas enrigesse,
Em castellos de gêlo impera a morte.
Eis dão signal as legiões aladas, (8)
Precipitam-se, juntam-se, remontam-se ;
Fende esquadrão triangulado os ares, (9)
O Oceano sem bussola transvôa
Fouto ; dá vista das estivas praias,
Derrama-se nas selvas solto em hymnos.
Sejaes bemvindas, avezinhas meigas,
Bemvindas ao paiz, onde a luz vistes
Pela primeira vez, onde ensaiastes
Nas debeis pennas os primeiros vôos !
Eia !... Os berços tecei á nova prole,
Que hade brotar do adormecido germen,
No vosso maternal seio amimado.
Já co'alvião em punho a vista pasce
O cultor nos alqueives ; já concebe
De colheita abundosa alta esperança,
Já nutre d'antemão avidos fitos.
Feliz, se os seus desejos limitasse

(6) *Colore ludunt*, diz Linneu das aves.

(7) Causas que dá Linneu á emigração das aves.

(8) Segundo o mesmo naturalista as aves annunciam com seu canto o tempo de emigrar.

(9) Fórma que dão as aves ao bando que emigra.

O homem n'essas rusticas fadigas ! !
Mas da boa fortuna insaciavel
Na taça d'oiro d'ambição se abreva (10)
De mel envenenado a longos tragos...
Devanêa em futuros mais brilhantes,
Deixa o campo, que abrolhos asperecem,
E vai rasgar os Neptuninos reinos
Sem medo a seus horrores. ..
... ...Ah ! recúa
Insano, que te arrojas nos abysmos ! !...
Pensas, que em todo o clima os céus esgotam
O cofre das delicias sobre os entes
N'esta estação, que teu paiz anima?
Enganam-te os carinhos fementidos
Da furia, que te encrava a fome d'oiro.
Mais cruel, que tormentos, lá te espera
Para abysmar-te na voragem cega
O não previsto, rapido tufão.
Lá te esperam as podres calmarias,
Que no molle balanço a massa d'aguas
De todo o mar de pólo a pólo jogam.
Co'os duros encontrões o lenho geme,
As juntas quasi quasi se descosem.
Eis a magrém (*) ao lado da dieta !...
Então desesperado afflictos olhos
Alongarás pelos immensos plainos,

(10) *Abrevar-se* é usado por Francisco Manoel do Nascimento na significação de beber com ancia, e sobre posse.

(*) Magreira,. falta de carnes do que está magro, falta de gordura.—Moraes—Dicc.

Que além alcance em derredor estendem
Morbidos vagalhões abaulados !..
Nem um ai soltarás frio de medo
Que a morte, que esvoaça entre vapores,
Que fetidos se elevam, mais depressa
Não dissedente as garras em teu sangue, (11)
E quando mão divina em teu amparo
Desça, e t'arranque d'esses sorvedoiros...
Pluto mora em deserto sem verdura, (12)
Sem agua.. Lá t'aguarda um céu queimado,
Seccas arêas, aridas montanhas
Cobertas d'arcabouços, de rochedos
Partidos, do uracão mesquinhos restos,
Onde a vista se perde, e não alcança
Da natureza viva um só vislumbre.
Ali nunca respira o viandante
Em fresca sombra, solidão perfeita,
Que a das florestas inda mais medonha,
Mais triste do que a treva a luz renasce
Por mostrar-te a nudez entre os abysmos
Da immensidade, que se alarga em torno,
Que te afasta da habitação dos vivos.
Ah ! Debalde transpôl-a intentarias
Arrependido !... Atiçam-se os brazeiros,
Urge a fome, urge a sêde a cada instante,
Do desespero á morte um passo resta,

(11) Dissedentar é usado na significação de matar sêde.

(12) Solum est, quod aratum non ferret fructum ; at si fodiatur, multos plures alit, quam si frumenti ferax esset.

Bem merecida pena d'auricidia. (13)
Homem, o campo lá te estende os braços,
Te acena, seus thesouros te offerece;
Lá rescendem os halitos das flôres,
Que as margens orlam da torrente limpida,
Onde se ameigam zephiros fagueiros,
Lá tudo é movimento, é vida tudo.
No campo aprenderás a ser sensivel ;
N'elle amizade, e amôr fundou seu templo.
Por tuas mãos seu seio fecundado
Brotará dos Prazeres entre os córos
Em ramadas de messes a abundancia.

Manoel Alves Branco (Visconde de Caravellas).

IX

AO DIA 7 DE SETEMBRO EM 1835

Jure solemnis mihi, sanctior que
Pene natali proprio...

HORAT.

Dia de gloria é este !
Divina inspiração me assoma á mente:
Eu a sinto,—é minha !
Oh ! dá-me, ó patria, cantos mais sublimes
Quaes não deu inda a fonte d'Hypocrene !

---

(13) Sêde de riquezas, *auri sacra fames* de Virgilio. Esta Ode foi feita em Coimbra em 1818.

O' sete de setembro !
Dia tão gráto ao Brasileiro livre,
Dia da patria, salve !
O cysne implume que tenteia o canto
Já nas asas do éstro aos céus se eleva.

Ouves que gritos soam ? !
Irados, roucos, horrorosos brados
Em contorsões tremendas
Exhala o monstro que arquejando espuma
Que co'as serpes da cauda açoita a terra.

Eil-o o monstro,—é elle !
Da patria os filhos livres agrilhôa,
Sacode a coma em cholera,
Contrahe as fauces, escancára a boca,
Vomita a morte involta com as cohortes.

C'o peso das algemas
As plagas d'oiro de Colombo tremem:
Estes pulsos 'stão roxos !
Pulsos d'heróes, americanos pulsos !.
Inda com ferros !... sete de setembro !

O' dia de prodigios !
Ao crime infausto te dardeja Apollo
Da independencia as luzes:
Aos raios seus derretem-se as algemas,
Ardem as Quinas, brota a liberdade.

Prole de brio e d'honra
Lá corre ao brado que troára ingente
Nas margens do Ypiranga:
Lá vai, lá vôa, lá peleja, e vence;
Oh! sim, venceu,—que é prole da victoria.

Inda os échos ribombam
Nos de Piratininga livres plainos;
Esses échos de gloria
Que a mente abalam, dão rebate n'alma
Fazem passar do tempo—á Eternidade.

Eu os escuto ainda,
Que em quanto o peito palpitar co'a vida
Sóbra no peito esfôrço,
Sóbra denodo, que as phalanges prostre,
E feitos sobram que encadeiem sec'los.

Que harmonia nos cantos,
Nos hymnos da victoria, se remorsos
As aras lhe não tingem!
Se esparze no porvir alegres ditas,
Se algum povo emancipa, e fal-o livre.

Livres, sim, já o somos!
Hymnos ao céu, á liberdade, á patria!
Em extasis de jubilo
Eia saudemos no apogêo das glorias
O dia do Brasil, da patria o dia.

Francisco Bernardino Ribeiro.

X*

A S. M. A IMPERATRIZ D. MARIA LEOPOLDINA

Da gloria o enlevo não subira a tanto,
Sem a doce esperança dos agrados
Da fagueira bellesa.

Sem os carinhos da adorada esposa,
Supportaveis não foram penas, lidas
De que se a vida mina.

Além da tumba que emportára a Fama,
Se na prole (inda um mimo da consorte),
Não continuasse o homem ?

Sexo querido, da virtude imagem,
A delicia é comtigo; se não fôras,
Fôra o mundo um deserto.

Se na choupana estaes, lá estão deleites ;
E se ao lado do heróe o throno occupas,
Abrilhantas o throno.

Dado fôra sem ti vestir a purpura
A justiça, o valor, mas não vestira
As graças, a clemencia.

Heróe sem Leopoldina Pedro fôra,
Mas o Brasil o heróe deificando,
Gemêra em orphandade.

---

* Recitada aos 22 de Janeiro de 1825, em Pariz, em casa do veador J. M. Gonçalves.

De Santa Cruz o Imperio não tivera,
Sem Leopoldina, as prendas preciosas,
Que lhe asseguram seculos.

Nossas tenrinhas flôres brasileiras,
Guardai, ó Deus!.. sómente um pai conhece!...
Mas que sagrada aurora!!!

Dando a filha dos Cezares ao mundo,
Á realeza meio mundo déste,
Dia grato aos monarchas!

Lá do Danubio as ninfas te saudavam,
Quando as ninfas bahianas o seu Pedro
A vez primeira viram.

Como lhe envesga os olhos a anarchia!...
Io! de Leopoldina a prole augusta
De Pedro a obra firma!

Io! Dia sem par! são obra d'outros
Tropheos e Independencia, tuas Graças,
E a duração do Imperio.

Visconde da Pedra Branca.

XI*

AO IMPERADOR DO BRASIL D. PEDRO I

No incauto povo os crimes embebia
Por labios embusteiros enfeitados,
Maculando a fagueira liberdade
Demagôgia astuta.

As mimosas feições, as lindas fórmas
Do viçoso Brasil já se afeavam,
Sob as sanguentas garras com que anciosa
A anarchia o empolgava.

As mãis choravam já, tremia o esposo,
Os degráos do patibulo a virtude
Contava já, e aos urros da revolta
Jubilava o perverso.

Lá cahe o Imperio de aluidas bases !. .
No ameno valle, na floresta virgem,
Lá se estende o ribombo surdo, e rouco
Do mugido do crime.

Rasgado o coração!... ai ! Pedro ! Pedro !
Morre, se tardas, o Brasil acude !
Defendel-o juraste, o voto cumpre,
Se não, aos céus insultas.

---

* Recitada aos 12 de Outubro de 1825.

Onde os punhaes? e o halito empestado,
Que em negra nuvem sobre nós pesava
Eis o céu azulado, o ar suave
Que dá vida ás delicias.

Salve! querido brasileiro dia!..
Tu, que em dote ao Brasil seu Pedro déste,
No circulo dos évos preguiçoso
Volve, puro, e risonho.

Visconde da Pedra-Branca.

XII

SAUDAÇÃO Á ARCADIA ULTRAMARINA

Emfim eu vos saúdo,
O' campos deleitosos,
Vós, que á nascente Arcadia em grato estudo
Brotando estaes os louros mais frondosos!
Eu vos vou descobrindo
Bellas estancias do pastor *Termindo.* (1)

---

(1) Termindo Sipilio era o nome academico de J. Basilio da Gama na Arcadia de Roma.

Já sinto que respira
Uma aura em voz suave,
Orpheo pulsa de novo a doce lyra,
Ouve Thebas de novo o plectro grave,
Seu numero é mais terno,
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que pastores tão novos
São estes, que vos pisam,
Como entre tristes e grosseiros povos,
De nova gala os campos se matizam ;
Quem fórma estas cadencias ?
Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados n'estes troncos já se sentem,
Tu, tempo gastador, os não consomes,
Briareu aqui diz este,
Nimpheu diz outro, aqui diz outro *Eureste*. (2)

Na mais copada faia
Abriu o ferreo gume,
O nome de *Termindo*, o sol que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume,
Elle o vê, elle o inveja ;
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

---

(2) Poetas brasileiros, cujos nomes desconhecemos: do ultimo temos algumas poesias.

Ah ! se da glória vossa
Pastores, cá me vira
Tão digno, que na bella Arcadia nossa,
Igualmente meu nome se insculpira,
Entre a serie preclara
De *Glauceste* (3) a memoria se guardára.

Mas onde irá sem pejo
Collocar-se atrevido,
Quem longe habita o sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do patrio *Ribeirão* (4) respira apenas ?

Sim, vosso caro abrigo,
Pastores, póde tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto :
Comvosco está *Glauceste*,
Comvosco faz soar a flauta agreste.

Se não cantar os feitos
Do bom pastor d'Anfriso,
Se de Jove e de Marte entre os eleitos,
Não espalhar cantando um doce riso;
Saberei n'esta praia
A Tytiro imitar junto da faia.

(3) Glauceste Saturno, nome academico do autor d'esta ode.

(4) O Ribeirão do Carmo em Marianna, cidade de Minas Geraes.

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa;
Cresça o verde esplendor ; em vós floresça
A murta, o louro, e na dourada trompa
Do monstro sempre errante,
O nome de *Termindo* se levante.

Claudio Manoel da Costa.

XIII

ÁS LETRAS

Genio da Patria terra,
O' Musa do Brasil, canções me inspira !
Embebe esta alma em chammas,
A lyra americana me encordôa ;
Ouçam meus versos posthumas idades !

Que expectaculo novo
Os confusos sentidos me alvorota !
Correm rios de sangue
Após volvendo corpos semi-mortos,
Cadaveres sangrentos arrastando !

A guerra ainda conquista
Para n'ermas terras, palmo a palmo,
Os échos, que ribombam,
São inda hoje os gemidos da desgraça,
Os barbaros clamores da victoria.

Não, que avidos meus olhos
Em vão procuram marciaes phalanges,
Que a morte commandava ;
Em vão a fantasia encara horrores,
Que uns aos outros na mente se atropellam.

Diamantino cravo
Fixou o tempo á roda impetuosa
De antigos desvarios ;
Sob a campa do olvido ferrolhadas
C'os crimes jazem gerações infames.

Eras d'atra memoria
Nem eu as já distingo ; o baço lume
Que protegia o crime,
Ennuviou o sol da liberdade,
A cuja luz pimpolhos tenros brotam.

Eu os vejo, que surgem ;
Audaces vistas para a gloria erguendo,
Intentam conquistal-a,
Despedaçados ruem baluartes,
Rompem d'aqui, d'ali, elle se rende.

Como os louvores ganhados
Em vez de sangue, só respiram honra,
Que lagrimas não custa !
Quão diversos que são tropheos de Apollo
Dos estandartes rotos de Mavorte !

Quando tuba guerreira
Os bellicosos animos incita,
As carnes se arripiam:
Contente folga a natureza, quando
Os sons das lyras ferem as estrellas.

Mas oh ! que as palmas fogem,
Que a gloria arrebatastes : sem constancia
Perdel-a-heis para sempre:
Avante p'ra o combate, não percamos
Os bellos annos, que óra desabrocham.

—Constancia—assim chamava
Quando rasgava o pavoroso abysmo
O Genovez ousado ;
Quando a morte se erguia do Oceano,
De raio, de procella armado o braço.

Tambem ardor, constancia
Lhe abriu as portas do universo novo
Que d'agua á flôr rebenta,
A vaidosa cabeça aos Céus alçando,
A patria nossa, de Colombo a terra.

Sêde novos Colombos,
Marcai nos fastos da Brasilia historia
Uma era memoranda ;
Abri do immortal templo a porta augusta
Arcanos descerrai té qui vendados.

Em vão se morda a inveja,
Em vão co'as proprias mãos lacere as visceras
Dispare atroz arranco ;
Bafos de peste só corrompem corpos,
Onde o veneno gyra pelas veias.

Francisco Bernardino Ribeiro

XIV

Á LISONJA

Vestindo as vozes, a fallaz lisonja
Como as serêas, illudir só busca.
Subtil veneno, que lhe embebe a lingua,
O halito lhe empesta.

—És Deus na terra, é teu poder immenso ;
Para servir-te o povo está formado—
Eis o que diz ao rei, que mal governa,
O throno lhe abalando.

Monarchas, escutai-me. Eis a verdade :
Sois pó, em que sopraram, que se agita,
Que vai descer em breve, ao sol tornando
O emprestado brilho.

O lisongeiro astuto vos conhece,
Vossa vaidade entende, e incensos queima,
Não por amor de vós, mas de si mesmo,
Quer oiro, quer brazões.

No exhalar gostoso dos perfumes
Que a lisonja incendêa a cada instante,
A mente s'embriaga, e assi torvada,
A verdade repelle.

Do capitão que vence, á guerra feito,
Á patria verde rama se arrebata.
Juiz que a vil dinheiro se não rende,
A nobre toga perde.

Sabio q u'inventa, artista qu'executa,
Em vez do preço, encontram só desprezo.
O vate que na lyra aos seus dá nome,
Expira sobre a palha.

O merito não queima incensos podres;
Quando impera a lisonja, a terra deixa,
Torna ao subido ninho em que nascêra;
Torna ao celeste asylo.

E quando a morte acena aos orgulhosos,
Nem sequer da saudade o pranto verte
Esse que os adorava emquanto vivos,
Emquanto dar podiam.

Oh ! como deve o rei que bem governa
A verdade acatar sublime e santa ;
Á lisonja fechando o paço, e o peito
Ao cortezão que o incensa !

Os bons conselhos docil escutando,
Não erra, ou a seus erros acha emenda ;
Póde o bem promover de seus vassallos,
E ser de todos quisto.

Quanto é doce ao monarcha justiceiro
O momento em que a augusta fronte poisa
Sobre o molle velludo do seu leito,
No que fez cogitando !

O prazer que o abraça então suspende
Do manto o peso que lhe offende os hombros ;
O somno da virtude o Céu lh'envia ;
O Céu que avista em sonhos.

Feliz, porque no mundo idolatrado,
Só morre p'ra viver eternamente.
Em troco obtendo de mesquinho sceptro...
A palma immarcescivel.

J. J. Teixeira.

XV

Quando vejo na azul esphera ao longe
Apontar o debrum da tempestade,
E promptas nuvens, abafando os astros,
Forrar de escuro o pólo ;

Quando em aguas desfeito o atroz negrume,
Matando á terra a torradora sêde,
Em largos vejo creadores nimbos
Descer a vida a tudo:

Valer quizera quantos entes o Orbe,
Quantos o Empyreo espiritos povoam ;
Porque digno louvor por bocas tantas
Á mão suprema entoam.

—Si aqui languente os pétalos fechava
Aos ardores da secca a flôr mimosa ;
E pêco ali da laranjeira murcha
Despegava-se o fructo ;

Si a seára acolá, pallida a folha,
O tópe exhausta não alçava aos ares ;
E fria de esperança horriveis damnos
Aos mortaes agoirava;

Pluvioso alento já bebendo a terra,
Graminoso tapiz prodiga ostenta ;
Desembrulha o arvoredo a verde gala ;
E, como que os conhece,

Aos favores do Céu os ramos curva:
O toiro de prazer levanta o écho ;
Rincha o ginete, o cabritinho pula,
E brincam os cordeiros.

Em sonoros bulhões fervendo a fonte
Engrossa pelo campo a torta veia ;
O rio ruge ; sae do leito, e as varzeas
Espraiando fecunda.

Nas fructas, que maduram, doce pasto
Por aqui, por ali gostam as aves ;
Com innocentes, concertados trinos
O Autor Supremo applaudem.

Não desmaies, mortal, não desconfies ;
Um Deus, que o ser te dá, nutril-o cuida ;
E ás tuas precisões sempre acordado,
De acudir-te não cessa !

Só o homem contra o homem sempre armado
Maquína noite e dia anniquilar-se,
E no altar da discordia, e da cobiça
Mil victimas immola.

Ai ! Esse oiro fatal quantos estragos,
Quantos estragos não conduz o orgulho !
Da natureza ao grito, e da ternura
É surdo o pai, o filho !

Negros perjurios a amizade insultam ;
Sem culto jaz a fé, jaz a lisura ;
A mentira, a ambição, a intriga, a inveja
Abrem novos abysmos !

Rebenta d'este horror o horror da guerra,
Que deserto quer vêr em breve o mundo !
Quer, em vez de homens, povoado vêl-o
De pantheras e tigres !

Si a luz etherea, que nos brilha n'alma,
Deixa-nos que as paixões impias affoguem,
De vergonha cobrindo a natureza ;
Seremos mais que os brutos ?. .

Luminosa razão descerra a nuvem,
Que a alma insincera dos humanos tolda ;
Dá, que mutuos se prezem, que se aspirem
Reciprocas venturas !

João Gualberto Ferreira Santos Reis.

XVI

AO EXM. SR.

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO D'ANDRADE

Arbitraria fortuna ! despresivel
Mais qu'essas almas vis que a ti se humilham,
Prosterne-se a seus pés o Brazil todo,
Eu nem curvo o joelho.

J. B. D'ANDRADE E SILVA.

Que ha sido o galardão, que outorga a patria
Aos varões que a serviram ?. . . Qual o premio
Que seus feitos illustres mereceram ?
... Desprêzo !.. esquecimento !....

Não, a patria não é .... não se a injurie,
Que ella sangra de vêr taes injustiças...
Dos homens o ciume, a negra inveja
    Esses crimes engendram.

Oh que apagar taes nódoas se não possam,
Que a historia em suas paginas ostenta !....
Que não possaes desconhecer vindouros,
    A ingratidão dos povos !...

Eil-o ao pêzo curvado das cadeias,
O heróe de Maratona a vida arrasta....
Qual seu crime !... o livrar homens ingratos,
    Defender sua patria.

Crimes dos Scipiões, dos Aristides,
Dos Themistocles, Cimons, e Camillos,
O exilio te puniu... em terra extranha
    Sepulchro mendigaram.

Que importa, que esse pó, que os cóbre agora,
Seja o pó de inimigos que venceram?...
Que importa que óra esmolem, quando ha pouco
    Leis haviam dictado ?

Que importa?.... Mas que horror a voz me gela,
Da lyra as cordas uma a uma estallam !...
Brazil, e tambem tu ? Oh patria, oh nódoa !...
    De um povo ainda nascente !...

Para quem essa myrra, e incenso queimas ?
A que heróe teus altares hoje eriges ?
Será da—Independencia—aos defensores,
Aos novos Spartanos ?

Será dos filhos teus ao mais honrado,
De cujos labios a verdade pende,
Em cujo peito o coração se abraza
No amor de engrandecer-te ?

Será... mas não.. o sangue Lusitano,
Que de nossos avós herdado havemos,
Pelas veias nos corre... ali Sampaio
Expira na miseria...

Ali da ingratidão o fel amargo
Prova o grande Albuquerque... eil-o que exclama:
« Desce ao tumulo, velho fatigado,
Teu braço já se enerva... »

Mas seus nomes revivem na memoria
A par da iniquidade d'esses impios,
Crueis concidadãos, crueis monarchas,
Que assim os esqueceram.

Nullidade, perfidia, astucia, e crime
Subí ás aras, que o Brazil vos chama:
Scenas de nossa gloria escurecei-vos
Olvide-se a virtude.

Um dia inda virá (talvez não tarde)
Em que nossos vindouros nos julgando
Pejarão de no sólo brazileiro
Ter a vida bebido.

Vêr-se-ha então que o crime teu—ANDRADE—
Foi, co'a voz na tribuna, a acção no mando,
Pugnar pelo imperio da virtude,
Que em desprêzo nutava;

Foi, affrontando a carrancuda morte,
Livrar um povo que gemia escravo,
Grego tornal-o quando ind'era Helote,
Fazel-o independente.

Teu distincto caracter generoso
Não póde associar-te aos mercadores
De humana carne, que, o dever calcando,
N'ella audazes traficam.

Venerando ancião, se a vil intriga,
Qual áspide entre rosas escondido,
Hoje te afasta com victoria indigna,
Dos negocios da patria;

Em despeito da inveja e seus clamores,
Vinga-te a gratidão dos nobres peitos,
Em que o amor do Brazil chammeja ainda
Puro como tens sido.

1841. *F. Octaviano de A. R.*

XVII

A S. M. O SENHOR. D. PEDRO II

NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1839.

A quatorzena vez (Brazil, exulta !)
O alvo dia volveu que amigo genio
Das mãos avaras arrancou do Tempo
Apenas reluzia sobre o horisonte,
Um porvir despontou de paz e de ordem,
A Independencia verdadeira ergueu-se ;
Nutou em seus projectos a Anarchia,
Monstro infecundo, estragador do germen
Da nacional grandeza, o influxo estranho
Com riso amargo (hypocrita !) , o saúda...
Filho da America, immortal carreira
Traça, Principe Augusto ; acaba a empreza
Que infeliz Pai consolidar não poude !
Herdeiro das virtudes que a Mãi terna
Do peito no sacrario agasalhava,
Sê com teu povo compassivo e brando.
Já se approxima a inesperada aurora
Em que a Lei d'este Imperio magestosa
Te convida a reger com braço herculeo
O esperançoso americano sceptro :
Então, sangue de Reis, não te deslumbre
O encanto do poder ; ama, aprecia
Ser Brazileiro mais que ser Monarcha.
Vejo o engano sagaz lançar-te a rede ;

Ah ! não te colha nas traidoras malhas !
Pela orla do vaso mel suave
Te ministra a Lisonja ; o fél da angustia
No fundo jaz. O intento que te anime
Seja o firmar teu solio sobre a larga,
Do amor do povo, indestructivel base.
Rodeia os olhos pelo Imperio immenso:
Que vês, que escutas, Principe sublime ?
O almo terreno por colonos brada ;
Pede o senhor dos rios que o navegues,
Ricas areias os demais te offertam ;
Querem florestas em baixeis trocar-se,
Que a fé mantida, o orgulho do estrangeiro,
Auri-verde bandeira alçando abatam.
As bellas-artes teu bafejo esperam,
E as musas te preparam mil grinaldas ;
Por desenvolver sob teu mando
Arde veloz commercio, industria sábia.
No tempo de paz tens de erigir-nos ;
Neto de Affonsos brandirás a espada
Quando nos provocar a guerra insana ;
Da honra zelador, dos bons costumes,
Serás o esteio da abalada crença !...
Quem, quem fará, Senhor, prodigios tantos ?
Teu coração magnanimo, sustendo
A liberdade e o throno em laço eterno.

Manoel Odorico Mendes.

XVIII

AO GRANDE ORADOR

Fr. FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE,

**Professor de Philosophia, Ex-Leitor de prima,
e Prégador da Imperial Capella.**

Quem ha que possa competir comtigo,
Ó genio singular, egregio Alverne,
Quando sóltas os diques á sublime,
Recondita facundia?

Quem ha que o possa, quando tu assomas
Na cadeira da rígida Verdade,
E nas veias te côa o ethéreo fogo,
Que Deus te embebe n'alma?

Quem, em sacro suor banhado ao vêr-te,
A fronte erguida, as faces inflammadas,
Cheios os olhos de vivaces chammas,
Quem ha que não te admire?

De povo o Templo apinhoado todo,
Morno silencio o ar, e os labios prende;
Novo propheta, tua voz retumba
Nos corações mais rijos.

Dos tumulos as sombras se levantam
Dos Bossuets, dos Caldas, dos Vieiras,
Quando em divino arroubo as azas sóltas
Aos canóros accentos.

Ou já pintes ao vivo a Sacra Virgem
Entre nuvens de aroma ao céu subindo,
N'uma auréola de estrellas coruscantes,
De cherubins e raios:

Ou já da Eternidade altos arcanos
Annuncies com voz trovejadora
Aos discip'los da Cruz degenerados,
Que no crime se engolfam :

Ou já á Liberdade encomios teças,
Da tua cara Patria, e Patria minha,
Que por mais de tres seculos jazêra
Em vergonhosos ferros:

Ávido eu bebo tuas puras phrases
Mais doces para mim que o mel do Hymetto;
E jámais de as beber os meus ouvidos
Por cançados se deram.

Ainda, ainda o quadro se me antolha
Por tuas mãos traçado; eu vejo, eu vejo
Moribundo o Brazil aos pés calcado
De estupido Governo.

O feroz despotismo eu vejo erguido
Em throno de fogueiras flammejantes,
E sobre cadafalsos, rodeado
De punhaes, e de mortes.

Ao lado seu a Inquisição perversa,
Hypocrita e brutal, mostrando alçado
Na dextra o facho, que crestára as azas
De alumiados Genios.

Em extase divino arrebatado
Já te eu vejo render a Deus mil graças,
Que o querido Brazil salvou das garras
Do roedor abutre.

Por ti prophetisada alfim gozamos
A propicia, nascente liberdade,
Que nunca aquecer pôde os frios ossos
Dos nossos bons Maiores.

Quem sem doce emoção póde escutar-te ?
A tua erudição, tua eloquencia
Almas, e corações attrahe, encanta
Do auditorio immenso.

Em magistral cadeira quem te iguala,
Quando aos alumnos teus sabio revelas
Os mysterios da sã Philosophia,
Dos despotas malquista ?

Quem comtigo emparelha, quando os cofres
Lhes abres da Eloquencia, e lhes aplainas
A estrada que os Demosthenes trilharam,
E os Ciceros fecundos ?

Oh ! da Patria tu és o esmalte, e o brilho !
Ella de ti os filhos seus confia ;
N'elles novos Alvernes vêr deseja,
Ao teu saber entregues.

Da lisonja o veneno dos meus labios
Jámais se deslisou ; puro e sincero,
Á verdade, que só me inspira e canto,
Tributo esta homenagem.

Dr. D. J. G. de Magalhães.—Visconde de Araguaya.

Canção

Canção, especie de poesia lyrica, só differente da *Ode* pelo modo, com que remata; pois, sendo ordinariamente formada de estancias regulares, pelo que respeita ao numero de versos, e á disposição da rima em cada uma d'ellas, costuma ser fechada por uma estancia composta quasi sempre de menor numero de versos, do que o de cada uma das estancias antecedentes, na qual o poeta, fallando, por exemplo, com a *Canção*, a reprehende de extensa, ou lhe recommenda, que por elle diga o sentimento que o domina, etc.—Ainda que nos differentes poetas portuguezes se encontrem *Canções* sobre toda a variedade de assumptos, já simplices e ordinarios, já mediocres, já até algumas vezes sublimes: comtudo esta especie de poesia lyrica encontra-se as mais das vezes empregada para descrever situações campestres, ou as penas do coração motivadas pelo amor, pela ausencia, pela saudade, etc.

(*F. Freire de Carvalho.*—Poetica.)

As *Canções* modernas são pequenas poesias lyricas sobre assumptos populares, e em fórma cantavel.

As *Cançonetas*, *Endechas* e *Romances* lyricos, que se encontram nos nossos classicos, são especies da *Canção* com fórmas diversas.

I

A TEMPESTADE

Fraco batel em tormentosos mares
Vou sem vela, sem leme, e sem piloto;
O turbulento Nóto,
Revolve as ondas, e as eleva aos ares,
E Bóreas, que em tufões subir costuma,
Borrifa os astros co'a salgada espuma.

O feroz Euro, o Africo atrevido
Quebram ferrolhos, e prisões eternas
Nas Eolias cavernas,
D'onde saem com horrido bramido,
Varrendo e devastando em dura guerra
As campanhas do mar e os fins da terra.

É este o váo, o rouco váo, que habitam
Surdos naufragios, e implacaveis medos:
São estes os rochedos,
Que o vasto golfo sorvem e vomitam,
E já sobre os perigos horrorosos
Ouço da infame Scylla os cães raivosos.

Turba-se o ar, as nuvens se amontoam
Da negra tempestade ao fero açoite:
Do Erebro surge a noite,

O horror e as sombras: os rochedos soam,
Estala o Céu, e o raio furibundo
Desce inflammado a ameaçar o mundo.

Ao clarão do relampago apparecem
No fundo pégo de Nereo as casas,
E sobre as fuscas azas
Das grossas nuvens os chuveiros descem;
E em tanto, ó lenho, combatido, tócas
As estrellas no Céu, no abysmo as phócas.

O' Genio tutelar, Astro brilhante,
Que enches de luz o Imperio lusitano,
Aparta o fero damno
Da destroçada quilha fluctuante,
E o fragil resto do batel quebrado
Toque feliz o porto desejado.

E emquanto alegre a inclita victoria
Vai seguindo os teus passos, e a piedade,
A candida verdade,
As graças, a justiça, a fama, a glória,
E o prazer immortal, que o Céu reserva
Ao real coração, que a paz conserva:

Ergue benigna a mão, Rainha Augusta,
A poderosa mão, a quem adora
E teme o occaso, a aurora,

Os frios pólos, e a região adusta ;
Ampara o novo Genio Americano,
Que sóbe a par do Grego e do Romano.

Sobre o Ménalo as Muzas o educaram
Para cantar a glória dos monarchas:
Mas logo o tempo, e as Parcas
Negro fél nos seus dias derramaram,
Falta o suave alento á curva lyra,
E já cançada de chòrar suspira.

Vôa, canção, á nobre fóz do Téjo ;
Não temas ir de climas tão remotos,
Pois'te acompanham os mais puros votos.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

II

SOBRE OS MALES ORIGINADOS PELO OURO

Os monarchas sustentam, poderosos,
Co'este metal prezado,
Imperios opulentos, generosos:
Porém, tendo nos reis imperio amado,
Executando faceis vituperios,
Tem imperio nos reis, é rei de imperios.

A justiça corrompe verdadeira
No ministro imprudente,
Quebra as regras de justa, as leis de inteira;
Pois esta fórma no interesse ardente,
Não com fiel, mas infiel desprezo
Da cobiça a balança, do ouro o peso.

Inferno se padece lastimoso,
Não se logra ouro claro
Nas graves pretenções do cobiçoso,
Nos obsequios solícitos do aváro;
Um o procura, outro não goza d'elle,
Este Tantalo está, Sisypho aquelle!

Quando faltava d'ouro a gentileza,
A gente pobre e rica
Lograva idade de ouro na pobreza;
Mas quando n'esta idade se publíca
Em contrarios motivos de impiedade,
De ferro idades fez, não de ouro idade.

Qual aspide que entre flôres escondido,
Na florida belleza
Bróta ao peito o veneno mal-sentido;
Assim pois na luzida gentileza
Mata o metal, matando brilhadores,
Nos luzimentos um, outro nas flôres.

Profanando de Danae a vã pureza
Em chuvosos amores,
Apezar de engenhosa fortaleza,
Apezar dos cuidados guardadores,
Murchou na chuva de ouro rigorosa
O modesto jasmim, a virgem rosa!

Entre o logro da paz solicitada
A guerra determina,
Bem que ouro brilha, engeita a paz dourada;
E quando marcias profusões afina,
A paz compra, de sorte que na terra
Guerra se vê da paz, e paz da guerra.

A natureza em vêas escondidas
Cria o metal occulto,
Quiçá piedosa das mortaes feridas;
Mas quando o desentranha humano insulto,
Da mesma vêa d'onde nasce bello
Corre logo a ambição, mana o desvelo.

O rigor se arma, a guerra se refina
A cobiça se apura,
A morte contra o peito se fulmina,
O engano contra o peito se conjura,
De sorte que accumúla o peito humano
Rigor, guerra, cobiça, morte, engano.

Canção, suspende já de Euterpe o métro,
Que em Philis tens para cantar no Pindo
De seu cabello de ouro, ouro mais lindo.

Manoel Botelho de Oliveira.

III

CANÇÃO DO TAMOYO

I

Não chores, meu filho ;
Não chores, que a vida
É luta renhida ;
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só póde exaltar.

II

Um dia vivemos !
O homem que é forte
Não teme da morte ;
Só teme fugir ;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja Tapuya,
Condor ou tapyr.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz ;
E os timidos velhos
Nos graves conselhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz !

IV

Domina, se vive ;
Se morre, descança,
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida !
Sê bravo, sê forte !
Não fujas da morte,
Que a morte ha de vir !

V

E pois qu'és meu filho,
Meus brios reveste ;
Tamoyo nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brazão dos tamoyos
Na guerra e na paz.

VI

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil commoção ;
E tremam de ouvil-o
Peor que o sibilo
Das settas ligeiras,
Peor que o trovão.

VII

E a mãi n'essas tábas
Querendo calados
Os filhos creados
Na lei do terror,
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dôr !

VIII

Porém se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo fallaz,
Na ultima hora
Teus feitos memora,
Tranquillo nos gestos,
Impavido, audaz.

IX

E cae como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão ;
Assim morre o forte !
No passo da morte
Triumpha, conquista
Mais alto brazão.

X

As armas ensaia,
Penetra na vida :
Pezada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só póde exaltar.

A. Gonçalves Dias.

IV

O MEU LAR

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus ! não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar :
Faz que viva, Senhor ! dá-me de novo
Os gôzos do meu lar !

O paiz estrangeiro mais bellezas
Do que a patria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãi !

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil ;
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brasil !

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus ! não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul !
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul !

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel ;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel !

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir !

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus ! não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
A voz do sabiá !

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal !

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar !

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amores
Na terra onde nasci !

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus ! não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

Lisboa—1857.

Casimiro J. M. de Abreu.

V

MINHA MÃI

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie.
V. HUGO.

Da Patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dôr,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor :
—Minha Mãi!—

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
—« Oh filho querido do meu coração! »—
—Minha Mãi!—

No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava ;
Quem é que esse berço com todo o cuidado,
Cantando cantigas, alegre embalava?
—Minha Mãi!—

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus labios dormentes roçava
Qual anjo da guarda, qual sôpro de Deus?
—Minha Mãi!—

Feliz o bom filho que póde contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!
—Uma Mãi!—

Por isso eu agora na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
—« Oh filho querido do meu coração! »—
—Minha Mãi!—

Lisboa—1855.

Casimiro J. M. de Abreu.

VI

ADEUS A' VIDA

Adeus, minha vida,
Vida sem prazer,
Fruir-te não posso;
Adeus, vou morrer!

Mirrada doença
O alento me prende,
A pallida morte
Seus braços me estende.

Revolve-se a terra,
A cova se abriu,
Meu corpo baixou,
A lousa cahiu.

Do mundo illusões
Na campa findaram,
Quaes flôres viçosas
Depressa murcharam.

Adeus, minha vida,
Vida sem prazer,
Fruir-te não posso;
Adeus, vou morrer!

Começava o dia
De luzir agora,
Cobriu negra nuvem
O fulgor da aurora.

Tudo tem um termo
Mais remoto ou breve,
Meu corpo entreguemos,
Que á terra se deve.

Saudades !.... não deixo !
Prazeres não tive !
Virgem de paixões
Meu peito inda vive.

Amigos !.... qual d'elles
Comprova o que diz?. .
Amores ?.... quem ama
Um triste infeliz !

Familia !.... meus pais !....
Lembrança cruel,
Por vós é que trago
Da saudade o fel.

Deixo-vos !... mas ainda
Nos havemos de ver,
O céu nos prepara
Tão grato prazer.

Oh eternidade,
As portas me abri ;
Delicias celestes
Me guardam ahi !

Adeus, minha vida,
Vida sem prazer,
Fruir-te não posso ;
Adeus, vou morrer !

F. Octaviano de A. R.

DITHYRAMBO.

O *Dithyrambo* é uma especie de *Ode* ou de *Canção Báchica*, feita em louvor do vinho e do numem, a quem a Fabula attribue a sua invenção. —Não ha pelo ordinario n'esta composição estancias regulares, quanto ao numero de versos e disposição da rima; antes n'ella apparece uma affectada desordem, querendo como inculcar o haver sido feita no meio de tal ou qual desarranjo de idéas, filho do estado, em que se acha o homem escandecido pelo vinho, quando bebido além da justa moderação : a mesma irregularidade se manifesta na qualidade dos versos, de que é formado o *Dithyrambo*; pois n'elle tem o uso admittido versos de todas as medidas, ora seguidos, ora alternados e variamente enlaçados uns com outros; assim como tambem misturados com versos ordinarios os agudos e até os exdruxulos ; por isso que estes, maiormente empregados junto ao fim do *Dithyrambo*, exprimem mais onomatopaicamente o vagaroso da pronunciação, e o emperramento da lingua no estado da semi-embriaguez.

(*F. Freire de Carvalho*. — Poetica)

AO GENERAL TRISTÃO DA CUNHA DE MENEZES

No dia de seus annos.

Nymphas goyanas,
Nymphas formosas,
De côr de rosas
A face ornai.
Vossos cabellos
Com muitas flôres
De várias côres
Hoje ennastrai.
Sim, Nymphas, applaudi tão grande dia:
E tu, doce Lyêo, pai da alegria
Vem me influir,
Que os annos de Tristão quero aplaudir.
Olá! traze do Pheno
O suave licôr grato e sereno:
Traze os doirados copos crystallinos,
Venham Falernos
Venham Sabinos
Deita, deita, enche o copo; gró, gró, gró;
Não entornes, espera, que este só
Não é que havemos
Hoje beber;
Mais vinho temos
Sem confeição
Para brindar
Ao bom Tristão.
Hoje á sua saude
Pretendo de beber mais de um almude!

Evoé
O' padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo.

Nectar suave, oh quanto me consolas!
De mim se ausentem
Rixas, temores,
Mágoas, tristezas,
Penas, e dôres.
Venha outro copo de Baccho espumante
Que ferva no peito
E a mente levante.
Nos lusos fastos não se leia agora
Dos seus maiores a brilhante historia:
Com alheias acções não condecóra
A sua alta memoria
O bom Tristão delicias dos humanos.
O curso dos seus annos
Cheios não são d'este furor guerreiro,
Que nos campos de Marte desbarata,
Rende, saqueia, obriga, assola, e mata:
Mas esperem, que escuto!
Vejo os troncos bolir! Ah! sim, bem vejo
Os Satyros brincões, Faunos auritos,
Que cheios de desejo
Soltando aos ares vêm ruidosos gritos
Os capripedes deuses que diriam?
Se não me engano, em sua companhia
Vêm Bistanidas Thacias ululando,

Agitadas da rubida ambrosia,
Em choreas sincinnas volteando
Estas doces cantigas modulando:
« Goyanos louvemos
« Tristão immortal,
« Bebamos, dansemos,
« Ausente-se o mal.
« E os doces licôres
« Do bom Nictelêo
« Em taças se entornem
« De claro crystal. »

Evoé
O' padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo.

Pois já que Tristão
De paz nos encheu,
Gostosos bebamos
O sumo de Orêo.
Traze, traze depressa o Peramanca ;
Empine-se a botelha toda inteira.
Mas que chama ligeira
Ao modo de uma tropa
Pelas tumidas vêas me galopa ?
És tu, Bromio gostoso. Eu bem te entendo.
Bebamos mais aquelle, que das Ilhas
Me mandaram de mimo
Do profundo oceano as verdes filhas.

No licôr forte o coração me náda,
Baccho, Baccho, evoé!
O que terei nos pés? Eu cambaleio?
Cahindo estou de somno:
Depois que esvasiei quatro botelhas
Rubidas tenho e quentes as orelhas,
O nariz frio, os braços estendidos,
Parece-me que gyra a casa toda.
Já não posso suster-me; nos ouvidos
Sinto um leve susurro;
O corpo tremelhica, o chão me falta,
E julgo que esta casa está mais alta.
Como o teu elixir
Tão depressa, ó Lenêo, me faz dormir?
Agóra que eu queria
Cantar do bom Tristão
O seu candido genio,
O terno coração,
A presaga prudencia,
A profunda modestia,
A serena clemencia,
A justa temperança,
Agóra é que me fazes tal mudança?...

Evoé
O' padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo.

Venha um copo, dous copos, tres copos,
Retinam nos ares

Mil brindes contentes,
E os povos ardentes
De summa alegria,
Nas aras do gosto
Com férvido môsto
Entoem gostosos
Sem mais dilação
Os annos ditosos
Do terno Tristão.

Evoé
O' padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo.

Sim, do grande Tristão tantas virtudes
O povo todo louve,
O Neiva lhe dará muitos almudes
D'este espirito rubro,
Que colhe no moinho,
Que os pezares desvia,
Que o somno concilia,
Que alegra a mocidade,
Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
O' padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo.

Bartholomeo A. Cordovil.

Ballata

A *Ballata* é uma especie de *lyra* ou poesia destinada ao canto, mas ao som de instrumento brando como os de corda, e mais popular como as *Xácaras* e *romances*, conta um facto, e não se limita simplesmente a descrever um modo de sentir expresso segundo a imaginação do poeta, como acontece nas *cantigas*, *soláos* e nas nossas *modinhas*.

O PRISIONEIRO *

... Em guerra tanta,
Com os seus Carijós o Belga espanta.
FR. SANTA RITA DURÃO — *O Caramurú.*

Da batalha era o dia: no Oriente
A aurora reluziu,
De Carijó e da Tapuya gente
O campo se cobriu.

A fera inubia nas d'Hybiapabas
Montanhas echoou,
E o pleito em que o valor se ufana e gaba
Asinha se travou.

E arcos mil se curvam, flechas voam
Gemendo pelo ar ;
Soam áis de pavor, de morte soam
O horror a realçar.

E o valor dos Tapuyas indomados
Consegue repellir
Os doceis Carijós que derrotados
Começam de fugir.

---

* ... Naturalisou entre nós o Sr. Norberto a *ballata*, especie de poesia tão convinhavel á educação poetica do povo, tão azada a alimentar n'elle os sentimentos patrioticos, e o culto das grandes ideias. — Literatura Nacional, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

Exultam os Tapuyas, que a victoria
Por fim se declarou,
E um prisioneiro só por tanta gloria !
Após elle marchou.

E o triste prisioneiro encadeiado
Em horrida prisão,
Inteiros annos passa contristado
Chorando a condição.

« — Porque, Tupá, eu não morri guerreiro,
Já farto a batalhar ?
Fui vencido na guerra, e prisioneiro
Aqui devo acabar.

« Que me importa com essa companheira,
Que vive junto a mim,
Si o filho, que me deu terna e fagueira,
Terá commigo fim ?

« Atado á *mussurana*, do *tacápe*
Aos golpes cahirei,
E ensanguentado, sem que o filho escape
Com elle morrerei !

« Porque, Tupá, eu não morri guerreiro
Já farto a batalhar ?
Fui vencido na guerra, e prisioneiro
Aqui devo acabar !— »

Calou-se, e ao filho prodigando abraços
Tristonho suspirou:
E na rede co'o tenro filho em braços
Ligeiro se lançou.

É noite ! A lua envolta em negra manta
Transmitte a tudo horror,
E nas tábas tapuyas se levanta
Um brado de clamor.

« — Alerta ! Alerta ! — Sus ! que o prisioneiro
Já lá fugindo sae !— »
Porém, baldio esforço ! Incendio arteiro
Lavrando em tudo vae !

E um dia os Bátavos armados
Goyana vêm cercar,
E o imbecil povo despiedosos brados
Começa de chorar.

Pernanmbucana gente eis vem com brilho
Se oppôr ao invasor ;
Guia-o do prisioneiro o excelso filho
Valente lidador.

Vomitam mortes em chuvas de metralha
Os bronzicos canhões,
E o pallido terror por terra espalha
Contrarios batalhões.

« — Victoria ! — E' vencedor ! Rufai, tambores !
Trombetas, retini !
Abatei-vos, baionetas d'invasores !
Pendões, cahi, cahi ! — »

Curvai-vos ante o heróe victorioso,
Oh batáva nação !
Saudai do prisioneiro o filho honroso
O invicto Camarão !

J. Norberto de Souza e Silva.

Cantata

A *Cantata*, tambem é poesia lyrica, do genero das *Odes* e *hymnos*, com a differença de constar de uma parte destinada ao canto e de outra puramente narrativa e sem rythmo obrigado.

A *Cantata* é uma especie de poesia lyrica, na qual podem ser celebrados ainda os mais sublimes assumptos, do que nos offerecem exemplos poetas de grande mérito. — A sua differença verdadeira das outras especies d'este genero de poesia consiste não tanto na qualidade dos versos n'ella empregados, que são da mesma natureza, que os da *Ode*, da *Canção*, etc, como nas duas partes mui diversas, em que a *Cantata* costuma ser dividida, a saber, a parte denominada *recitativo*, e as *árias* : d'ellas a primeira é dedicada a narrar o assumpto do poema, para o que tem o uso preferido os versos *endecasyllabos*, misturados com os *setenarios*, rimando a arbitrio do poeta, ou sem rima ; a segunda parte consta de algumas delicadas reflexões, suggeridas pelo *recitativo*, em versos curtos de igual medida, formando por via de regra estancias regulares, quanto ao numero de versos e á rima. É de notar, que se encontram *Cantatas*, nas quaes o *recitativo* é interrompido de espaço a espaço por differentes *árias*; outras em que o *recitativo* marcha inteiro e sem interrupção até o fim, seguindo-se depois a *ária*, com a qual se põe termo á *Cantata*.

(*F. Freire de Carvalho.*—Poetica.)

I

A Creação.

RECITATIVO 1.º

Já do tempo voraz se divisava
A ferrea curva foice reluzindo;
Despiedado, umas vezes meneava,
Outras vezes ao longe desferindo,
Em torno de si mesmo a agitava:
Quando o Nume potente
A cujo aceno o tempo audaz nascêra,
Fez retumbar a voz, que tudo impera;
Os abysmos do nada estremeceram;
E ao Deus grande e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram;
Attonito levanta a escura frente
O cháos rodeado
De confusão e horror: inda a Belleza,
Com pincel variado,
Não ornava a recente natureza.

ARIA 1.ª

Tranquillas jazendo,
As ondas dormiam,
Que a face cobriam
Do cháos horrendo.

Ao leve soprar
De um zéphyro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar ;

Do vasto Oceano
No seio se encerra ;
E a madida terra
Deixa respirar.

RECITATIVO 2.º

A luz resplandeceu ; e o firmamento
Que em denegridas sombras se envolvia,
Mostrou formoso o seu soberbo assento:
De graças e esplendor se revestia
O magestoso dia ;
Quando, cheio de pompa e luzimento,
O sol rompeu nos ares, dardejando
De animante calor celestes raios.
Enternecido, triste sentimento
Magôa o rosto lindo
Da noite descontente,
Que a ausencia de Phebo luminoso
Assim terna annuncia:
Em tanto desferindo
Escassa luz em throno tenebroso,
Sobre nuvens o sceptro reclinando,
A lua os céus e terras allumia.

ARIA 2.ª

Fulgentes estrellas
Nos Céus resplandecem ;
Na terra verdecem
Mil arvores bellas.

Os montes erguidos,
Os vales, retumbam
Ao som dos rugidos
Dos féros leões.

Nas azas sustidas,
As aves revoam :
Nos ares entoam
Sonoras canções.

RECITATIVO 3.º

O' Terra ! ó Céus ! ó muda Natureza !
Trasbordai de alegria : triumphante
Das entranhas do nada surge o homem :
Eis apparece ; e a candida Belleza
O sisudo semblante lhe ennobrece.
Seu magestoso porte
Soberano do mundo o patentêa.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorêa :
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel
Da mulher carinhosa,

Com suave doçura resplandecem.
Apenas a divisa transportado,
Tu és o meu prazer, que novo encanto
Eu vejo ! lhe dizia ; e arrebatado
    Em delirio amoroso,
Mil vezes em seus braços a apertava,
    E todo o extenso mundo,
Por ella só, deixar pouco julgava.

ARIA 3.ª

  Qual rosa engraçada
Que Zéphyro adora,
Terna e delicada ;
Enredo de Flora :

  Assim é mimosa
E linda a mulher ;
E o homem se goza
Em se lhe render.

Qual grita entre as féras
Leão rugidor,
Derramando em torno
Gélido terror :

  Tal se mostra o homem
Sobre toda a terra ;
Tudo rende e aterra
Em arte e valor.

RECITATIVO 4.ᵒ

O mundo era creado, e transluzia
Em toda parte o braço omnipotente,
Que fizera raiar a noite e o dia.
        Da frigida semente
Outra vez novo ser se produzia,
Animada ao calor do sol ardente:
Tudo em vida fervendo parecia.
        Fecundo recebêra
Virtude de crescer, multiplicar-se,
        O animal que á féra
Impia morte soubera sujeitar-se.
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos Céus o livro sublimado
Que com suas mãos havia escripto,
E assim fallou: Ouvi cheios de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso, e justo.

ARIA 4.ª

  Os Céus entoam
Minha grandeza;
Os seres todos
Juntos pregoam,
Per varios modos,
Do eterno Ser
O incomparavel,
Grande, ineffavel,
Alto poder.

A minha gloria,
Homem, respeita ;
Rendido, aceita
Meu mandamento.
Traze á memoria,
Que o Firmamento
Por ti criei :
Que o Mar e a Terra
E o que ella encerra,
Tudo te dei.

Se me adorares
Com vivo amor,
E me offertares
Santo temor ;
Per mim o juro,
Minha presença
Ao peito puro
Eu mostrarei,
E recompensa
Tua serei.

Mas se quebrares
O meu preceito,
E sem respeito
O profanares,
Da morte féra
A mão sevéra
Tu sentirás:
E em vão gemendo,
No Averno horrendo,
Me chamarás.

A. P. de Souza Caldas.

II

A Immortalidade da Alma.

RECITATIVO 1.º

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto
Que rega o teu semblante, onde a amizade
De seus dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dôr embeber minha alegria.
    Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os frouxos membros,
Nos abysmos do nada inexcrutaveis
Vai de todo afogar minha existencia?
É outro o meu destino, outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.
    A horrenda sepultura
Conter não póde a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte.
    Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender além da morte?
Attenta... escuta bem... olha. . examina...
Em ti deve existir: eu não te engano....
    Tu me dizes que existe... Ah! meu Fileno,
    Como é doce a lembrança
D'essa vida immortal em que, banhado
De ineffavel prazer, o justo goza
Do seu Deus a presença magestosa!

ARIA 1.ª

Desperta, ó morte :
Que te detém ?
Teu cruel braço
Esforça, e vem.

Vem, por piedade,
Já traspassar-me,
E avisinhar-me
Do summo Bem.

RECITATIVO 2.º

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento,
Em que raia a feliz eternidade ?
Um Deus de amor m'inflamma :
E já no peito meu mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu vôo por elle : elle só póde
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar : este desejo
Me torna saboroso
O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão estende,
A minha aperta : não te assuste o vêl-a
De mortal frio já passada e languida.
Mais duravel que a vida,
É da amizade a têa delicada,
Se a virtude a teceu... Emfim, ó morte,

Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento : eu não t'o nego,
Meu amante Fileno ; a voz já prêsa
    Sinto faltar-me, o sangue
Nas vêas congelar-se : pelo rosto
Me cahe frio suor : a luz mal posso
Das trevas distinguir, e suffocado
    O coração desmaia.
Vem, immortalidade, vem, ó grande,
    Sublime pensamento,
Adoçar o meu ultimo momento.

ARIA 2.ª

O' Nume infinito,
Que aspiro a gozar,
O meu peito afflicto
Enche de valor.

Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto d'este instante
Adoças o horror !

A. P. de Souza Caldas.

ÉGLOGAS E IDYLLIOS.

O genero-*Pastoril*, tambem denominado *Bucólico*, é aquelle por meio do qual o poeta representa á imaginação dos seus leitores as scenas risonhas da naturesa campestre, e n'ellas os objectos e situações, que na infancia e na mocidade são pelo ordinario a fonte, d'onde dimanam os mais puros prazeres da vida, e para os quaes o homem volve ainda com gosto os olhos em uma idade avançada; este genero de poesia pinta um modo de vida, a que andam alligadas idéas de paz, de descanso e de innocencia; e é por isso um dos mais naturaes e agradaveis.

D'aqui póde já inferir-se, que nenhum outro genero é mais favoravel ao engenho poetico; visto que a Naturesa, no meio das suas extremamente variadas scenas campestres, lhe offerece de todos os lados ricos assumptos para descripções; sendo aliás, ao que parece, fóra de duvida que cousa nenhuma póde prestar-se mais facilmente ás fórmas e á linguagem da poesia, do que os rios, montanhas, collinas, pomares, arvores, rebanhos e pastores isemptos de cuidados.—(*F. Freire de Carvalho*.—Poetica.)

As differentes composições d'este genero de poesia denominam-se *Églogas* ou *Idyllios*. *Églogas*, quando apparecem dialogando varios individuos; e *Idyllios*, quando uma só pessoa exprime em monólogo sentimentos análogos aos que o poeta intenta despertar nos seus leitores.

O metro mais usado n'este genero de poemas é umas vezes o de versos *endecasyllabos* e outras o de *redondilha-maior*, os primeiros rimando alternadamente, e os segundos formando quintilhas, ou quadras; e na parte dedicada ao canto dos pastores se usam versos de varias medidas. O seu estylo é o tenue. Estas composições apresentam os pastores ou pescadores já dialogando, e então pertencem ao genero *dramatico*, já exprimindo os seus sentimentos, com narrações ou descripções, e n'este caso pertencem ao genero *lyrico*, *narrativo*, ou *descriptivo*.

ÉGLOGA 1.ª

A VIDA DO CAMPO

Oh doce soledade !
Oh patria do descanço !
Da paz, e da concordia
Grosseira habitação, tosco palacio !
    Quantos a meus delirios
Tu dictas desenganos,
Oraculos fazendo
Das arvores, dos troncos, dos penhascos !
    Não fere os meus ouvidos
O estrondo cançado,
Que levanta a lisonja !
Junto aos porticos d'ouro em régio Paço:
    A macilenta inveja
Não derrama o contagio
Nas innocentes almas,
Que são de seu furor misero estrago.
    Dos olhos se retira
O objecto sempre ingrato
Dos que suspiram mudos,
Em vez do premio, as sem razões do damno.
    Aqui tem a virtude
Erguido o seu theatro ;
E nas rusticas scenas
Aqui mostra a pobreza os apparatos.
    As mal seguras canas,
Que move o vento brando,

Da pobre rede tecem
Ao misero pastor o abrigo caro.
Colhida a tenra fructa
Vem de seu proprio ramo,
A adornar a choupana,
Em vez dos altos capiteis dourados.
Oh sitio venturoso !
Quanto te invejo, quanto !
Ditoso quem possue
O suave prazer de teu descanço !
Se tu bem alcançáras,
Pastor, um bem tão raro,
Não cessára o teu culto
De consagrar obsequios a teu fado.
Infeliz, o que envolto
No tráfego humano
Da aborrecida côrte,
Só vê da confusão o rosto infausto !
Imagina do amigo
Seguir os doces laços ;
E a torpe aleivosia
Lhe abre o sepulchro, onde buscou o amparo.
Se o valimento encontra,
Teme com justo espanto,
Quanto é grande a subida,
Que o despenho tambem seja mais alto.
Não ha fronte segura,
Que emfim dissimulando
Não veja os seus affectos ;
Como a flôr entre os aspides ingratos.

Ah ! mede, pastor bello,
O bem, que alcanças : tanto
Dar-te não póde a côrte ;
Só póde a soledade d'este campo.

Claudio Manoel da Costa.

ÉGLOGA 2.ª

Á falsa noticia que em 1829 se espalhou da morte do Bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano da Silva Coutinho,

Offerecida ao meu amigo Manoel de Araujo Porto-Alegre

INTERLOCUTORES

Osmindo e Elmano.

OSMINDO

Ora graças ao céu ! Eis-me comtigo;
Contente em parte estou, mas triste em parte
Por te ver d'este modo, caro amigo.

Já fui ao teu alvergue procurar-te ;
Por valles, e por montes tenho andado ;
E pensava não mais hoje encontrar-te.

E o que fazes, Elmano, aqui sentado,
Sem cuidado de ti, na terra fria,
Do teu casal distante, e do teu gado ?

Mas que ! nada te move ?.. Oh que agonia !
Não vês que já da noite o negro manto
Afugenta de nós o claro dia ?

Não fallas ? mudo estás ? Dobras o pranto ?
Correspondes assim com tal dureza
Ao terno Osmindo, que te estima tanto ?

Elmano, meu Elmano ! que tristeza,
Que dôr, que mágoa te angustía o peito?
Dize, que ingente mal sobre ti pesa ?

ELMANO.

És, tu, Osmindo ! és tu !.. Por meu respeito
Te vieste metter n'esta espessura ?
Oh força de amizade ! Oh doce affeito !

Inda tenho um amigo !... que ventura !
Oxalá que da parca o duro córte
Não cavasse a meu pai a sepultura.

A meu pai... meu bom pai. oh triste sorte !
Ai misero de mim ! sou desgraçado !. .
Ah leva-me tambem, cruenta morte.

OSMINDO.

Tu deliras, pastor ? Elmano amado,
Tu perdeste a razão ; teu pai está vivo,
E bem, por te não ver, sobresaltado.

Teu pai no te amar é execessivo.
Ora anda, meu Elmano, anda commigo,
Vem dar á sua mágoa lenitivo.

ELMANO.

Outro benigno pai, meu caro amigo,
Outro benigno pai a morte impía
D'este mundo arrancou, levou comsigo.

Eu n'elle um protector, e amigo via.
Si a vida sua recobrar podesse,
De bom-grado o que é meu tudo daria.

Antes a minha choça em fogo ardesse ;
Um raio antes meus campos devastasse ;
Ou todo o meu rebanho perecesse.

A morte a minha vida antes cortasse;
Mas do meu protector, do pai clemente,
Os dias preciosos conservasse.

Agora o que ha de ser do indigente,
Por quem elle se oppunha ao fado injusto,
Dando o que este negára em cópia ingente ?

OSMINDO.

De quem fallas não sei ; mas sei que é justo
Tanto a perda chorar do varão nobre,
Quanto os nobres se encontram hoje a custo.

Assim, seu nome dize-me, descobre ;
Pois tu bem sabes que eu entre os pastores
Amo sempre a quem faz mais bens ao pobre.

ELMANO

Tu não sabes quem é ? Dizei-o, ó flôres,
Rios, montes, fallai: a dôr poupai-me,
E vós d'estes sertões, habitadores.

Quem mais poderá ser !... Céus, confortai-me !
Quem mais se não o Principe da Igreja ?
Oh céus, que o possuis, outra vez dai-me...

OSMINDO

Tão nobre e justa dôr me causa inveja !
Mas ah ! exulta amigo ; ainda vive
Quem o teu coração tanto deseja.

ELMANO

É verdade será ?... Tu proprio o viste ?
Que noticia feliz ! Osmindo amado,
Quanto consolo dás a uma alma triste !

OSMINDO

Acredita-me, Elmano ; descançado
Pódes de todo estar ; pois com certeza
Vive o nosso Pastor, já tão chorado.

Deus, qne sobre nós véla com firmeza,
E um pai nos concedeu tão virtuoso,
Á sua vida deu maior largueza.

ELMANO

Oh sempre para mim dia fastoso!
Existe o meu bom pai, o meu amigo!
Vamos graças render ao Poderoso;
Vamos, vamos, Osmindo; eu já te sigo.

Dr. D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya.)

IDYLLIO.

Em virgem mata
Uma pombinha
Seus tenros filhos
Occultos tinha.

Em vão procuram
Mãi carinhosa...
Ausente está
A desditosa.

Mas, oh desgraça!
Os fracos sente,
E o ninho avista
Uma serpente.

Abana a cauda
A venenosa,
E sem piedade
Os traga irosa.

Já pelos ares
Branquinho vem
Quem os filhinhos
Julga que tem.

Fére os ouvidos
Do Deus eterno,
Justo clamor,
Clamor materno.

Materno furto
Traz no biquinho,
Busca apressada
O caro ninho.

Desponta ao longe
Um caçador:
É da avesinha
O vingador.

A' rubra côr
Do verde leito,
Palpitar sente
O terno peito.

Chega e divisa
Do sangue quente,
Que mostra um dedo
A vil serpente.

Eis não encontra
Os seus implumes:
Louca esvoáça,
Chama por numes.

Um tiro estoura,
A serpe o escuta ;
Mas já co'a morte
Embalde luta.

O malfeitor
Pratíca o mal,
Mas sempre encontra
Premio fatal.

Joaquim José Teixeira.

ELEGIA.

Na eschola classica o genero *elegiaco*, como a mesma palavra indica, era dedicado principalmente para celebrar assumptos tristes ou para exprimir em geral sentimentos ternos e delicados. A palavra *Elegia* deriva-se do vocabulo grego *Elégos* (queixume).

A *Elegia* tem por assumpto os sentimentos especialmente dolorosos, tristes ou ternos, que podem dizer-se naturaes e communs a todos os entes moraes, como os despertados pela ausencia, pela perda da patria, etc.

O metro proprio d'esta especie de composição é o *endecasyllabo*, rimando, porém, alternadamente, e formando tercetos.

O estylo é o médio.

As *Elegias* da eschola moderna são cantos tristes, em que se lamenta alguma desgraça publica ou particular, distinguindo-se apenas pelo assumpto, e por isso podem considerar-se como uma especie do genero lyrico.

AO MEU AMIGO J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA.

A AUSENCIA

Como as almas, Norberto, se extasiam
No doce recordar dos doces tempos
Em que a outras o iman d'amizade
As havia attrahido, e confundia
Os prazeres de uma, e penas d'outra !.

Longe, ausente de ti, do eximio vate,
Do brasileiro sabiá canóro,
Cujos trinados me arroubavam sempre,
E ao extase e prazer me remontavam,
Longe (direi tambem ?...) dos meus amores
Da minha Aonia terna e Armia ingrata,
Que sou ?... Misera ovelha, que na rocha
Deslembrado pastor abandonára.

Ah ! bem triste é, Norberto, estar ausente
De tudo o que no mundo nos é caro.

O bronze assustador assignalára
A non'hora da noite: o céu sombrío
O manto deposera, que recamam
Luminosos, suberbos diamantes.
No trémulo arvoredo apenas soltam
De quando em quando gemedores pios
Os implumes filhinhos, que a mãi terna
Por mortífera bala—em mal—perderam.

Só,—no solar do alvergue, que me asyla—
Contemplando os queixumes da natura
Pela ausencia dos fogos de Diana,
Ás dores suas ajuntando as minhas,
Prorompi em taes vozes « Qu'é do amigo
« Que jurára-me eterna, invariavel,
« Amizade maior, que a fabulosa
« De Pilades e Orestes ? Qu'é do amigo
« Que n'uma aurea manhã, quando rompia
« Aurora as nuvens de humidade prenhes,
« Ou na montanha em que o castello um tempo
« Respeito infundiu já—e hoje em ruinas
« Pouco a pouco s'esbrôa: ou na varanda
« Do Publico Passeio, d'onde a vista
« Descortina os baixeis que os mares sulcam ;
«—Serás, me predizia, quem primeiro
«—Quebrarás as cadêas que nos ligam ? ? !! »

Oh ! cruel despertar de um doce somno !....
Esse amigo mudou.. nem se quer hoje
Letras envia que meu mal minorem !...
Como um bello presente nos encobre
As dôres que o futuro nos prepara !..

Mas, as palpebras minhas pouco e pouco
Cerram-se ao grave somno ; adeus, amigo,
—Se inda me é dado proferir tal nome—;

No meio dos prazeres que te cercam
Lembre-te o enfermo que definha e morre !

F. Octaviano de A. Rosa.

Nenia.

Ao primeiro dos tres discursos ou poemas com que celebravam os antigos as exequias de alguma pessoa notavel, propriamemte versos misturados com choro, e recitados junto da fogueira em que se queimava o cadaver, chama-se *Nenia*; ao segundo, que se gravava sobre o tumulo, como elogio ou inscripção, *Epitaphio;* e ao terceiro, que se pronunciava na ceremonia dos funeraes, estando presente o corpo, *Epicedio*.

Este ultimo correspondia ás nossas orações funebres.

Havia tambem a *Manodia*, canto funebre que se cantava mais por uso, do que por discurso ou razão, que n' elle interviesse.

NENIA

A F. BERNARDINO RIBEIRO.

Nictheroy, Nictheroy ! Que é do sorriso
Donoso da ventura, que teus labios
Out'ora enfeitiçava ?—Côr de jambo
Pelo sol d'estes Céus enrubecido
Já não são tuas faces, nem teus olhos
Lampejam de alegria—Que é da c'rôa
De madresilva, de cecens e rosas,
Que a fronte engrinaldava ?—Eil-a de rôjo,
Trespassada de pranto, e as flôres murchas
Mirradas pelo sopro do infortunio.
Uns áis tão doloridos, tão magoados,
Quaes só podem gemer dôres maternas,
Deshumanos pungindo os seios d'alma,
Franzem-te os labios co' o sorrir d'angustia.
De teus formosos olhos se desatam.
Dois arroios de lagrimas ;—tu choras,
Desventurada mãi, a perda infausta
Do filho teu amado, e que outro filho
Mais sincero chorar ha merecido ?
Da noite o furacão prostrou tremendo
Audaz jequitibá, que inda na infancia
Co'a cima excelsa devassava os Céus !
—Eu o vi pelos raios matutinos
Do sol apenas nado auri-tingido,
Inda sepulta em trevas a floresta !
Eu o vi, e asylou-me a sua sombra.

Honra do valle, inveja das montanhas,
Para que no Éden fosses transplantado
Cubiçosos os Anjos te roubaram;
Que no valle das lagrimas não vinga
Planta que é do Céu—Foi em teu seio,
Que tambem, Nictheroy, meus olhos viram
Pela primeira vez a côr dos bosques
E o azul dos Céus, e o verde-mar das aguas;
Tambem sou filho teu, ó minha Patria,
E o melhor dos amigos hei perdido
Da minha guarda o anjo... eia, deixemos
Amargurado pranto deslisar-se
Por faces onde o riso só folgára:
Que elle mitigue dôr, que não tem cura!

Eu disse, e—magestosa e bella ergueu-se
A princeza do valle... eil-a que os olhos
Crava nos Céus, e aos Céus as mãos levanta;
De tanta desventura enternecida
A viração da tarde parecia
Com ella suspirar, gemer-lhe em torno,
As luzidias tranças esparzindo-lhe
Pelo moreno collo tão formoso.
O sol já descambava p'ra o Occidente,
E em cima das montanhas semelhando
Um cirio accêso pela mão dos seculos
A fronte illuminava-lhe:—dirieis
Que da maternidade o genio augusto,
Ante do Eterno as aras magestosas,
Que a natureza por si mesma erguêra,

Sobrepondo a montanhas altos serros,
Lenitivo a seus males implorava...
Oh ! que mais lhe restava no infortunio,
Senão volver p'ra o Céu olhos maternos,
Para o Céu, derradeiro, unico abrigo,
Onde a esperança de vêl-o se acoitava ?
Mais infeliz do que Agar no deserto,
Nem ao menos podia consolal-a
Um magico lampejo de esperança,
Nem ao menos dizer entre suspiros,
Lagrimas:—Não verei morrer meu filho ;
Ouvi que ella dizia:
—Oh ! meu filho,
Entre milhares filho o mais presado,
O' meu Anjo, porque me abandonaste ?

Ainda hontem pendente do meu seio
Com sorriso aos beijos respondias
Que amor de mãi nos labios te arroiava.
De mil aromas perfumada a brisa
Embalava teu berço na palmeira,
E as rosas das campinas desfolhavam-se,
Porque teu vimeo leito amaciassem ;
O' de meus filhos, filho o mais presado !
O' meu anjo, porque me abandonaste ?

Ao donoso raiar da juventude
Vi-o mais bello do que o sol de Julho
Que, desfeita a neblina, alto responde !
De loiro mel os labios borrifou-lhe

Mimoso jatahy ;—branca assucena
Mais candida não era que seu peito,
Puro como os desejos da innocencia !
Ingenua sympathia lhe esparzira
Um não sei que de amavel no semblante,
Que vêl-o era prezal-o ;—a fronte augusta
Trahia o genio que alma lhe encendia.
O' de meus filhos ufania e glória,
O' meu anjo, porque me abandonaste ?

E nunca mais o verei ? Meu Deus, a morte
Póde dos braços arrancar maternos
O filho amado ?—Nunca ; mas que é d'elle
Que é feito do condôr, que o vôo ardido
Arrojava por cima d'esses Andes ?
Dos Céus nas sendas transviou-se acaso ?
. . . . Ai ! quão triste,
Quão sósinha deixou-me na floresta,
Gemendo de saudade ! Vem, meu filho,
Consolo de meus males, minha esp'rança !
O' meu anjo, porque me abandonaste ?

Tal como o rouco som das rotas vagas,
Que contra as penedias bramam furias,
Confuso borborinho ao longe echôa
De gente que approxima :—Eil-os, meus filhos,
Seus semblantes são pallidos, o genio
Lampeja nos seus olhos scintillantes.
— Marchai ávante, próle de esperança,
Á glória, á glória, que o futuro é vosso...

Mas que é d'elle ? Não vai na vossa frente...
Oh ! que é feito do rei da mocidade,
Tupá, Tupá, ó Numen de meus Pais ?

Qual magestoso Chimborazo esbelta
Alcantilado collo d'entre os picos
Dos desvairados Andes, ó meu filho,
Em meio d'estas turmas avultavas.
Inda altaneiro affronta o Rei dos Montes
Da tempestade as furias, que eu embalde
Por deshumanos valles, bosques, grutas
Desp'rançada te busco, e só responde
Rouca voz do deserto aos meus clamores,
Que vai écho no valle reboando.
O' sol brilhante, ó Numen de meus pais,
O' Tupá ! O' Tupá, que mal te hei feito?

Não guiarei a turma das donzellas,
Qaundo choréas rapidas tecendo,
Por Princeza dos jogos me acclamarem
— Minhas Irmãas—eu lhes direi—deixai-me
Na solidão lamentar minhas desgraças ;
Sem dó, nem compaixão roubou-me a morte
Do meu cocár a penna mais mimosa,
A joia peregrina do meu cinto,
O lirio mais formoso das campinas,
O lume dos meus olhos !—Oh ! meu filho,
Inda canta a araponga, e o rio volve
Na ruiva arêa a lobrega corrente ;
Inda retouca a laranjeira a côma

Verde-negra de flôres alvejantes,
E tu já não existes ! !—Sol brilhante,
Numem de meus pais, que é do meu filho ?
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito ?

Primeiro volveráõ sec'los e seculos,
Que outra palmeira tão gentil se ostente
N'estas florestas altas, gigantescas !
A tempestade se erguerá bramindo
N'essa dos Orgãos serrania immensa,
E, ai de mim ! Não terei onde asylar-me !
Nas brenhas silvaráõ mosqueadas serpes,
E, ai de mim ! Não terei quem me defenda !
.... Como estalaram tantas esperanças
N'um momento de dôr ?—Eia, dizei-m'o,
Erguidas serras, broncas penedias...
O' Numen de meus pais, ó sol brilhante,
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito ?

Não pôde mais dizer... por entre as mattas
Como um sonho ligeira a vi sumir-se,
E o ouco som das vagas nos cachopos
E o sibilo dos ventos nas florestas,
E o écho dos valles das montanhas,
A modo que em um côro magestoso
Inda as ultimas queixas repetiam:
— O' Numen de meus pais, ó sol brilhante,
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito ?

Firmino Rodrigues Silva.

EPICEDIO

Os prantos sentimentaes e dolorosos vertem-se já pela morte d'alguem, já por um outro motivo. N'este caso temos *elegia*; n'aquelle, ou *elegia* ou *epicedio*, segundo a fórma, que se lhes der.

O metro endecasyllabo é o proprio para ambas as especies; mas no *epicedio* emprega-se ou só, ou acompanhado, ou com rima, ou sem ella, a arbitrio do poeta; na *elegia* vem sempre só, rimando alternadamente, e formando tercetos.

A natural linguagem da dôr é porém tão cortada de suspiros; ha no meio da afflicção tão pouca ordem nas idéas, que, parece, não lhe está bem uma cadencia regulada.

(*Carneiro*.—Poetica.)

I

Á MORTE DO INSIGNE MUSICO COMPOSITOR

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.

Que confuso clamor ! que tristes vozes,
Nascidas só de peitos magoados,
Os ouvidos me ferem?

Que negras nuvens o horizonte cobrem?
Que denso fumo os ares escurece?
Céus ! que funebre scena !

Lá do Averno sair diviso a furia,
Que dôr, consternação, pranto semeia
Nos miseros viventes.

Lá vejo reluzir na óssea dextra
O alfange açacalado, que derriba
Os marmores, e bronzes.

Alfange que ceifou de Orphêo a vida;
Alfange em que os Homeros e os Virgilios
Os estames perderam.

Onde, ó furia voraz, agóra o levas?
Em quem pretendes embebel-o agóra?
Quem para ti desejas?

Mas que! Morte cruel, suspende o braço;
Não córtes, ah! não córtes por piedade
Do nosso Orphêo a vida.

Antes me crava o peito; eu t'o apresento,
Aqui, aqui o tens... ceva-te ó monstro;
E aplaca a sêde tua.

Mas ah! que um negro féretro diviso
Da terra erguer-se; um livido cadaver
Jaz sobre elle estendido.

Uma lyra a seus pés quebrada vejo;
Um louro secco, e mil dispersas folhas
Do livro da harmonia.

Quem será? eu vou ver... Oh dôr! oh mágoa!
Morte cruel! oh perfida inimiga!
Emfim sempre venceste.

E podeste cortar-lhe a curta vida?
Como não se embotou do teu alfange
O fio n'esse ensejo?

Não te pôde abrandar a insana furia
Da lyra sua a voz melodiosa,
E o pranto dos amigos?

E não te commoveu a geral mágoa
Da sociedade inteira, que escutando-o,
Orphêo ouvir cuidava?

Ah! que agóra chorar só cumpre a perda
Do insigne Mauricio, illustre Mestre,
Que a patria tanto amava.

N'elle a patria perdeu o maior vate
De quantos dão-se ao musico exercicio,
Por natural impulso.

São raros os Rossinis, e Mauricios;
E só o mundo conta de éra em éra
Genios tão transcendentes.

Na lage sepulchral, gravem-lhe as Musas
Este triste epitaphio em letras de ouro,
De gratidão em prova:

« Aqui Mauricio jaz, musico eximio;
« Nunca a si valor deu; foi virtuoso,
« Honrou á sua patria. »

Dr. D. J. G. de Magalhães (**Visconde de Araguaya**).

II

POR OCCASIÃO DA MORTE DO BACHAREL

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO.

Sonho ou deliro? A luz me falta ou vivo?
Descri dos céus, do mundo, da ventura?
Ai! pobre coração! soluça, soffre
—O sentimento no soffrer se apura..

Ser de virtude! porque em meus ouvidos
Ora não côas lavas de poeta?
Porque mais me não dizes do futuro,
Que tu sonhavas, a infinita meta?

Porque aos braços do amigo já não corres
A contar-lhe extremados sentimentos?
Porque o canto não ergues, desvendando
Ao mundo os teus divinos pensamentos?

Tudo é silencio!—Cala-se a bafagem
Que os cabellos de joven te beijava,
E queria afastar da fronte excelsa
A nuvem que os fulgôres assombrava...

Mas inda ouço-te a voz de sala em sala
Entre o luto que cobre e extingue a luz:
É o écho brando dessas melodias
Que um Anjo aos lares célicos conduz...

Ouço inda os passos que diziam vida,
E agora perdem-se em lethal mudez.
Gemem as vagas na arenosa praia:
Fallam de ti, gemendo, inda uma vez..

Já no termo.. Que glória em tua fronte!
Inda crêr parecias no porvir.
Nos teus olhos que fogo! Inda abrazou-me
Os seios d'alma. . O' aspero pungir!

Junto do teu meu coração batêra,
Minha mão estreitára a tua mão:
Fil-o ainda, e a mão nem mais moveu-se,
Nem bateu uma vez o coração!

Então chorei... O meu ardente pranto
Cahiu-te sobre a face e te acordou:
Senti pulsar-te o peito, que esfriára;
Ouvi-te um segredar que me animou;

Moveste os cilios negros: resignado
E meigo olhar lançaste sobre mim;
Fallaste de teus pais. . a voz baixinha
Perdeu-se na minha alma e em céus sem fim...

Foi um momento só!—Delirio ou sonho?
—Sonho insano da mágua! atroz visão!
Vi a campa encerrar toda esperança;
Fatalidade! é bronzea tua mão!..

De lagrimas reguei a fria terra ;
Muda os prantos e a tumba sepultou...
O' duvida! ó engano! crenças! mundo!
Morrer! morrer!—A mente se turvou!

Creatura celeste! uma vez inda
Recebe d'alma o extremo intimo adeus;
E deixa-me sonhar, e nos meus sonhos
Vem—Poeta!—trazer-me o ardôr dos céus!

Dr. Jacy Monteiro.

III

Á MORTE DE M. ODORICO MENDES.

Plangente e triste o palmeiral sombrio
Soluça e geme, e mollemente o rio
Na verde margem suspirando está.
Tangendo as cordas do rouco alaúde,
Ao côro triste minha voz tão rude
Sentida e amarga misturada é já.

Longe da patria, que illustrou co'a lyra,
Brazilio cysne lá se abate e expira
Entre as neblinas da brumosa Albion;

D'além oceano o sibilante vento
Traz do Poeta o derradeiro alento,
Como um perdido e gemebundo som.

Quebrado o élo, que a retinha unida
Ao triste encêrro que se chama vida,
Sua alma d'anjo para o céu vôou;
Entre as dulías do immortal concerto,
Descanta ao longe o que cantou tão perto:
Poemas, hymnos que o Brazil guardou.

Bardo e tribuno, sempre grave e austero,
Tinha nos labios o fallar sincero
Que a turba move, e seduz e attrahe;
Hoje, prostrado, se buscou repouso
É que cahira como o tronco annoso
Que lá nas mattas fulminado cahe.

Era poeta de uma raça extincta,
De musa altiva, que não vai faminta
Junto dos grandes se arrojar no pó. .
Deu n'esta terra um exemplo novo;
Filho do povo, sempre amou o povo,
Podendo muito, viveu pobre e só.

Virgilio e Homero lhe cedendo o passo
E após sublime e fraternal abraço,
Quasi vencidos o chamaram—irmão:

Na vasta fronte, já rugosa e calva,
Do genio o sêllo, do talento a lava
Era-lhe auréola de immortal condão !

É hoje morto o valoroso athleta,
Tribuno heroico, gigantesco poeta,
Que tantas glórias á sua patria deu !
Hoje esta terra, n'um cruel gemido,
Repete o écho que nos vem dorído
D'além oceano, que nos diz :— morreu !

Plangente e triste o palmeiral sombrio
Soluça e geme, e mollemente o rio
Na verde margem suspirando está.
Tangendo as cordas do rouco alaúde,
Ao côro triste minha voz tão rude
Sentida é amarga misturada é já.

Joaquim Serra.

SATYRAS.

A *Satyra* tendo por fim a reforma dos costumes, usa por isso de ampla liberdade na censura dos vicios, e de um estylo mais accommodado á intelligencia de todos, isto é, mais avisinhado á prosa: convem-lhe o estylo tenue.

Em alguns poetas encontram-se *Epistolas* e *Satyras* em quintilhas e quadras rimadas de redondilha maior; modernamente, porém, é mais usado o endecasyllabo solto ou rimado,

A *Satyra* póde tomar differentes fórmas e tons, e ser didactica ou lyrica.

SATYRA *

D'estes que campam no mundo
Sem ter engenho profundo,
E entre o gabo dos amigos,
Os vemos em papa-figos,
Sem tempestade, nem vento,
Anjo bento!

De quem com letras secretas,
Tudo o que alcança é por tretas,
Bocalejando sem pêjo,
Por matar o seu desejo,
Desd' a manhã té a tarde,
Deus me Guarde!

Do que passêa farfante,
Muito presado d'amante,
Por fóra luvas, galões,
Insignias, armas, bastões,
Por dentro pão bolorento,
Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos,

* A certos sujeitos hypocritas e murmuradores, sobre serem viciosos.

Sendo na cara uns Janos
Que fazem do vicio alarde,
Deus me guarde !

Que vejâmos teso andar,
Quem mal soube engatinhar,
Muito inteiro e presumido ;
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento,
Anjo bento !

. . . .
. . . .

Gregorio de Mattos Guerra.

Epistolas.

As *Epistolas*, quando versam sobre assumptos moraes, ou criticos, isto é, quando pertencem ao genero Didactico, raras vezes admittem grande elevação, nem devem tomar um estylo acima do das satyras; pois n'este caso reduzem-se pelo ordinario a apresentar observações ácerca dos Autores, e das suas differentes composições; ou ácerca do modo de viver, e dos caracteres.— Comtudo n'esta especie de poesia podem tambem tratar-se assumptos amorosos, e elegiacos; e então, porque são meramente sentimentaes, devem assumir o tom da paixão, ou do sentimento, que as anima: é porém de advertir, que n'este caso as *Epistolas* não pertencem ao genero Didactico.

(*F. Freire de Carvalho.*—Poetica.)

I

E' nátura em seus passos unifórme,
Nem chega ao tôpo quem não sóbe a escada.

A aguia pequenina, quando quebra
Com o debil biquinho a casca do ovo,
Implume se apresenta á mãi cuidosa,
Não se ergue logo ás ingremes alturas
Do firmamento azul; nem desce á terra,
Qual raio ardente a arrebatar a preza,
E arrancar-lhe co'as garras a existencia.
Cria co'o tempo forças, abre as azas,
Qual rio que correndo engrossa as aguas,
Desprega os vôos apoucados ora,
Ora subidos; fita em Phebo as vistas,
E tenta remontar-se até o Olympo,
Pois arde Jove ao lado, e arrebatar-lhe
Um novo Ganimedes: tal o Vate
Agora Albano é, depois Elpinos.

Mas não comeces, Montaury, como usa
Gente de Lysia: quadras namoradas,
Insipidas canções, crueis idyllios,
Magro soneto, cortesans bucolicas
São todo o esmêro dos trovistas nossos.
Imita o Anglo excelso, o Gallo astuto,
E fitando na glória audazes vistas,
Canta a nobre virtude, acções preclaras,
Amor da pátria, destemidos feitos;

Na lyra entôa não ouvidas vozes,
Sublime inspiração do éstro divino.
Ou si o mundo real, tudo o que existe,
Te não esperta a mente, inflamma o espirito,
Da longa fantasia os campos ara;
Cria dourados palacios, frescas sombras,
Aprasiveis regatos, verdes campos,
Jardins amenos, deleitosos bosques;
Ahi rindo do mundo, e das desgraças,
Que rebentam da terra, a par dos fructos,
Abre teu coração a novos sêres,
E novas sensações gratas acolhe;
Zomba de invejas, de ambições, de fastos,
D'essa alma, que affeições doces formaram,
Verte rios de gosto, de delicias,
E de sensibilidade amavel, terna;
Esmalte o universo das bellezas,
Em que a mente borbulha; não, não pércas
O germen, que plantára a natureza.

Ahi tens o bello, o encantador Ovidio,
Que te dirija o passo, ahi tens o Ariosto,
Byron, Sterne, Garret honra dos Lusos;
Segue seus traços, colhe seus exemplos,
São d'aureas ficções mestres peritos,
Oh! como ideiam n'alma mil venturas,
Glórias sem conto, innumeras delicias.
Oh! Como abandonando estes martyrios,
Que no mundo real nos atormentam,
Buscava benignos, placidos prazeres,

A que Urania gentil só nos convida !
—Que ditosos que são os que se entregam
Aos impulsos da Mente, oh ! quão felizes
Os que em delirio seus desejos passam !
Ri para elles o universo inteiro,
Suave sôpro de perpétuo Zephiro
Consola os dias, refrigera os ares,
Limpa de nuvens carregada vida,
Descobre no horisonte sol dourado,
Manto de rosas pelo Céu desdobra.

O' fantasia, ó doce encanto do homem !
Enlevo d'alma placido e contente !
Quem podesse gozar quanto nos mostras
Com tuas magas variadas tintas !
Triste realidade da existencia
Quão longe estás de tão amenos sonhos !
Tu nos pintas quaes somos, quaes passamos
Esta vida de angustias e tormentos,
Que com ardentes lagrimas começa,
Que com saudosos prantos se termina !

Francisco Bernardino Ribeiro.

II

AO MEU AMIGO

O Doutor Antonio Felix Martins.

Do leito em que jazi, ha pouco erguido,
Não sem grande estoicismo, enfermo ainda,

Co'a dextra mal segura a penna empunho,
Só para alguns traçar mórbidos versos,
Que visitem por mim o ausente amigo.
Possam elles achar-te em paz gozando
Do mais puro prazer que a vida off'rece ;
Prazer que eu não possúo, e que me fóge
Desde quando sem ti tu me deixaste ;
Tanto imperas em mim, santa amizade !
Notanio, ó meu Notanio, eu vou traçar-te
Em succinto painel os males todos,
Que o peito dilaceram, e atassalham
O triste coração do teu amigo.
Depois que o teu baixel, fendendo as ondas,
Bonançoso levou-te a essas plagas,
Da praia retirei-me, e pensativo
Ao asylo paterno encaminhei-me.
Eis chego, e entro co'a tristeza ao lado ;
Nem mais me abandonou. Ahi com ella
Vi o sol esconder-se no occidente,
E a cúpola celeste ennegrecer-se.
Melancolico assim um livro tomo
Era das Noites do immortal Young ;
Como que para mim só fôra escripto !
Não sem lagrimas leio a Noite prima.
Oh quantos males pesam de contínuo
Sobre a fronte do homem que não pensa !...
No meio do seu curso a noite estava,
Quando eu, tendo no livro os olhos fitos,
E a ti na phantasia retratado,
Um espectro diviso envolto em luto,

De enrugado semblante, magro, e feio !
Com tardos passos para mim se chega,
E erguendo a ímpia mão me toca o peito.
Eis cheio de pavor um grito sôlto ;
Um subito tremor de mim se apossa,
E sem sentidos ter no chão baqueio.
Não mais soube de mim por longo tempo.
Quando ergui-me depois d'este lethargo,
Tão trémulo me achei, tão macilento
Como o horrido espectro que avistára.
Nem pude dirigir seguros passos ;
Forçoso foi-me ao leito recostar-me.
Mas apenas me vi mais alentado,
Sem futuros prever, abandonei-o ;
E sempre, meu Notanio, em ti cuidando,
Fazer-te sabedor d'isto quiz logo.

Si n'esses bellos campos, onde existes,
Te lembrares de mim, manda teus versos,
Que me venham trazer noticias tuas.
Não te esqueças, amigo ; eia, concede
Essa alegria a um coração que te ama.

1828.

Dr. D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya.)

Epigrammas.

Na litteratura classica dava-se a denominação de genero epigrammatico áquelle em que se tratava em poucos versos rimados um assumpto subtil ou delicado, concluindo com agudeza.

O *Epigramma* proprio é formado de poucos versos da mesma ou de differente medida, nos quaes se enuncia um pensamento engenhoso, delicado, e ás vezes critico e mordente, terminando sempre por uma expressão agúda ou picante.

O metro e rima d'esta composição poetica são arbitrarios. O seu estylo é o médio.

A certo letrado em Pernambuco, pequeno e presumido.

Tu és mosquito que cantas
Pequeno e bem zunidor;
Dos lençóes malquistador,
Aborrecido das mantas:
Com o ferrão da lingua espantas,
E com a musica enfadas:
Caminhas ás trombetadas,
E não sabemos por onde;
Porque o invisivel te esconde,
Para poupar bofetadas.

Gregorio de Mattos Guerra, natural da Bahia, nascido no seculo XVII, improvisava com muita facilidade, ainda nas mais simples conversações. Contando-se-lhe uma vez que um livreiro comêra um canteiro de alfaces, elle o negou dizendo :

Levou um livreiro a dente
D'alfaces todo um canteiro,
E comeu, sendo livreiro,
Desencadernadamente.
Porém eu digo que mente
A quem d'isso o quer taxar:
Antes é para notar
Que trabalhou como um Mouro,
Pois metter folhas no couro
Tambem é encadernar.

Outra vez encontrando-se com o musico Braz Luiz, que havia sido espancado, lhe dirigiu os seguintes versos:

Uma grave entoação
Vos cantaram, Braz Luiz,
Segundo se conta e diz,
Por solfa de fá bordão.
Pelo compasso da mão,
Onde a valia se apura,
Parecia solfa escura;
Porque a mão nunca parava,
Nem no ar, nem no chão dava,
Sempre em cima da figura.

P.

Ouvi dizer que da Europa
Voltaste feito Doutor?!

R.

Parece-te isso impossivel?
É verdade, sim, senhor!

P.

E por que Academia?
E qual a sciencia então?

R.

Isso não sei; o diploma
É escripto em Allemão.

Um pio religioso
N'uma Quaresma prégava,
E lá do Inferno os tormentos
Com negras côres pintava.

Eis que de repente o padre
N'este ponto se calou,
De modo que do sermão
De nada mais se lembrou.

Coitado! (diz um taful,
Que até ali o attendeu)
Tanto metteu-se no Inferno,
Que até por lá se perdeu.

Dr. D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya.)

OS DOUS CONSORTES

« —Para que, céus, desposei
Homem tão desenchavido?
Logo não vi que um pandorga
Não servia p'ra marido? »

« —Minha Eva, é só a raiva
Que te faz guinchar assim;
Se acaso eu fosse pandorga,
Não te agradavas de mim. »

« —Não se ufane por ter sido
O alvo de meu amor,
Todos sabem que a mulher
Péga sempre no peior. »

A MENINA A LA MODA

« —Ai, Maria ! Vem depressa,
Desaperta este collete ;
Eu me suffoco. ai, já temo
Estourar como um foguete ! »

« —Nhanhãsinha, está tão bella !.
Mas emfim dá tantos ais...»
« —Oh espera! Estou bonita ?
Pois então aperta mais. »

J. M. de Macedo.

— Já está muito adiantado,
Já deixou o portuguez ?.
Pergunta que a estudante
Um homem sisudo fez.

— Já aprendi o latim,
Agóra estou no francez.
— Como se chama seu mestre ?
— *Leornado Antônho Gracez*.

B. J. Borges.

Allegorias.

A *allegoria* é uma poesia solta ou incluida em outra, na qual com uma acção phantastica e com sujeitos e objectos de natureza extranha, se pintam factos e acções proprias dos homens.

O RIO E O REGATO

A um manso regato um dia
Soberbo rio dizia:
« Desgraçado, eu te lamento,
« Em teu curso pobre e lento;
« Pois fazendo voltas tantas
« Por entre rasteiras plantas,
« Corres sem nome, escondido,
« Entanto que eu conhecido
« Nas cidades mais formosas,
« Minhas ondas copiosas
« Metto, levando abundancia
« A mais remota distancia.
« Cem regatos orgulhosos
« De minha alliança, anciosos,
« Se vêm metter no meu seio
« Sem fazer um só rodeio.
« Demais, eu tenho coragem,
« E nada em minha passagem
« Encontro, que eu não arrede. »
Disse; e ainda mais fallára,

Quer da sua origem rara,
Quer das suas qualidades,
Quando a taes fatuidades,
Mais sabio, o pobre regato
Lhe responde, e mui pacato :
« Que, amigo ! da matriz
« Ou lago d'onde sahis,
« Não tenho eu tambem sahido ?
« Logo depois de nascido
« Um e outro n'esta selva,
« Debaixo da mesma relva,
« Nossas aguas não correram ?
« D'onde é pois, que vos viéram
« Tantos fumos de altivez ?
« Só o acaso é que nos fez,
« Deixando o materno berço,
« Correr por lugar diverso.
« Vós em terreno inclinado
« Caminhais mais apressado,
« Absorvendo estes ribeiros
« Que em vós se mettem ligeiros,
« Vossas aguas engrossando.
« Eu ao longo costeando
« Estas formosas collinas,
« Minhas aguas crystallinas
« Conduzo tranquillamente ;
« Mas por isto, francamente,
« Julgais ser mais do que eu, nobre ?
« É verdade que mais pobre
« Eu sou d'agua; porém ella

« Não é clara, pura e bella ?
« Vós causais o medo e espanto
« Por onde passais ; entanto
« Que eu com murmurío sereno,
« Regando mais de um terreno,
« Fertilizo estas campinas
« Sem causar essas ruinas,
« Que por vós causadas vejo;
« Antes sempre bemfazejo :
« Até que a minha corrente
« Se confunda, finalmente
« N'esse mar vasto e profundo,
« Onde um dia, sem segundo,
« Tocando os mesmos extremos
« Ambos juntar-nos devemos. »

Marquez de Paranaguá.

FABULAS.

É a *fabula* uma narração allegorica contendo uma verdade moral de facil comprehensão.

De ordinario chamam-se *apólogos* as fabulas cujos interlocutores são animaes irracionaes ou seres inanimados ; se n'ellas intervêm só entes humanos, denominam-se *parábolas* ; e, dizem-se *mixtas*, quando figuram animaes racionaes, irracionaes, e sêres inanimados.

Compete-lhe o estylo tenue, isto é, o natural sem affectação.

O métro usado n'este genero de poesia é arbitrario desde o verso alexandrino até aos de menor medida.

FABULAS

PELO DOUTOR ANASTACIO LUIZ DO BOMSUCCESSO.

I.

A ROSA E A AÇUCENA.

Disse uma rosa corada :
« O que vales, açucena,
Symbolisando a candura ?...
Quasi nada. »

A flôr responde agastada :
« O que vales tu, ó rosa,
Exprimindo a formosura ?...
Quasi nada. »

—

Diz a moral assisada :
« O que vale a formosura
Sem a pureza, a virtude ?.
Nada, nada. »

II.

O SAPOTY.

Deixado sobre a relva, o sapoty,
A doçura perdeu, — seccou, morreu !

—

Lutando co'a mizeria, e o abandono,
Morre a virtude que feliz nasceu.

III.

OS MENINOS DE SPARTA.

Contínuos exercicios, e o descanço
Sobre grosseira cama,
A refeição frugal, concisa a phrase, —
Assim se comportavam
Os meninos de Sparta, — pois Lycurgo,
Legislador prudente,
Viu que a famá do paiz estava
Na militar grandeza!
E querendo guerreiros, fez soldados
Os filhos da republica.

—

Dai ao adolescente a quem educas
As bases, os principios
Da futura missão que exercer deve.

IV.

OS OSSOS.

Os ossos de um nobre se encontraram
Com os ossos de um peão. Estando a sós,
Nas tristes solidões de um cemiterio,
Pergunta o nobre ao outro: — os teus avós?...

« Por entre essas ossadas que embranquecem
Da lua ao clarão mostrai-me os vossos,
Responde-lhe o plebeu. » — Não os distingo,
São do nobre e plebeu iguaes os ossos. »

—

Nas pedras sepulchraes ainda brilham
Dos homens a vaidade e a impostura !
Levantai-as, leitor, lêde nos ossos,
— Somos todos iguaes na sepultura !

V.

O CÃO E O TAMANDUÁ.

Farejando a fazenda que o rendeiro
Lhe confiára um dia,
Ia um cão, sua cauda sacudindo,
Repleto de ufanía.

Eis vê na touça que crescia além
No meio d'um caminho,
Tendo no chão fendido occulta a lingua,
Tamanduá sosinho.

Pára e grita de longe : « ó bruto, ó féra,
O que buscas aqui ?
Não estragues o campo prestimoso,
Retira-te d'ahi ! »

« Emquanto vigilante o tecto guardas,
Diz- lhe o Tamanduá,
Eu mato o insectosinho que da canna
O colmo estragará.

« As formigas que eu como, causariam
Á terra grande mal :
— Bem vês, faço um serviço, ou bruto ou féra,
A ti me julgo igual. »

Foi-se o cão, e correndo elle dizia,
Ladrando sem maldade :
« Necessario ao bifolco, * eis um bichinho
Bem util á herdade. »

—

Sem um valor qualquer nada ha no mundo :
Os grandes e os pequenos
Todos podem ser uteis, só differem
N'um pouco mais ou menos !

VI.

OS DOUS COLLEIROS.

Um dia, n'uma gaiola
Foi um colleiro trancado,
E por humano capricho
Viu-se assim escravisado.

---

* *Bifolco* — lavrador. (Italianismo, usado na linguagem poetica). Empregado por Fernão Alvares do Oriente na Lusitania Transformada, e recolhido por Moraes. — Dicc. Port. de Frei Domingos Vieira.

Chorando dizia o triste:
« Maldita, maldita sorte,
Em lugar da escravidão
Antes me désses a morte. »

Um outro colleiro, livre
De ramo em ramo saltando,
Ouvindo queixumes taes
Ia sonoro cantando :

« Tenho o ar, flôres e fructos
Ameno campo divino,
Amôres e liberdade,
Eu bemdigo o meu destino. »

Eis que n'um dia dous homens,
(Que diversa inclinação !)
Um abria uma gaiola,
Outro armava um alçapão.

Ligeiro sahe da gaiola
Pobre, escravo passarinho;
No traiçoeiro alçapão
Cahe o livre colleirinho.

Que as sortes foram mudadas
Não é preciso dizer :
Se o que gemia hoje canta,
A quem compete gemer ?

—

Quando a ventura sorri-nos,
É justo viver contente;
Porém respeitando as dôres
Do que vive descontente.

Assim tambem quando a sorte
Não nos quer favorecer,
Chorando nunca devemos
As esperanças perder.

Pois na vida transitoria
Lembrar este dito cabe:
« Não ha bem que sempre dure,
Nem mal que se não acabe.... »

Poemas.

São composições de grande folego.

Chamam-se *didacticos* os que dão instrucção amena e facil sobre qualquer materia ou objecto de conhecimentos humanos; *épicos,* os que narram *acontecimentos,* ou *acções illustres* e *grandiosas*. *Heróe-comicos* os que narram *cousas pequenas* e *ridiculas* como se fossem grandes, por especie de continuada *ironia.*

Os *poemas* ordinariamente constam da *acção principal* e de *episódios* com descripções e outros predicados de uma narrativa variada, amena e prolongada.

Chamam *episodio* á narração de qualquer facto, que por accidente, mas sempre por uma ligação natural, pende da narrativa ou acção principal.

POEMA DO URAGUAY *

CANTO III

EPISODIO DE LINDOYA.

.. ..Tinha Cacambo
Real esposa a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos e honestos
Em verdes annos: com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas apenas
Os tinha unido, quando ao som primeiro
Das trombetas lh'o arrebatou dos laços
A gloria enganadora. Ou foi que Balda
Engenhoso e subtil quiz desfazer-se
Da presença importuna e perigosa
Do Indio generoso; e desde aquella
Saudosa manhã, que a despedida
Presenciou dos dois amantes, nunca
Consentiu que outra vez tornasse aos braços
Da formosa Lindoya, e descobria

---

* « O *Uraguay*, poema em cinco cantos por José Basilio da Gama, filho do Capitão-mór Manoel da Costa Villas-Boas e de sua mulher D. Quiteria Ignacia da Gama, e nascido no arraial (hoje villa) de S. José do Rio das Mortes, no anno de 1740 ». (*Litteratura Nacional.* — Do Sr. conego Dr. J. C. F. Pinheiro).

« O *Uraguay* de José Basilio da Gama (diz o Sr. Garret), é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados, não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que n'elle é verdadeira nacional, e legitima americana ».

Sempre novos pretextos da demora.
Tornar não esperado e victorioso
Foi todo o seu delicto. Não consente
O cauteloso Balda que Lindoya
Chegue a fallar ao seu esposo; e manda
Que uma escura prisão o esconda e aparte
Da luz do sol. Nem os reaes parentes,
Nem dos amigos a piedade e o pranto
Da enternecida esposa abranda o peito
Do obstinado juiz: até que á força
De desgostos, de mágoa e de saudade,
Por meio d'um licor desconhecido,
Que lhe deu compassivo o santo padre,
Jaz o illustre Cacambo: entre os Gentios
Unico, que na paz e em dura guerra,
De virtude e valor deu claro exemplo.
Chorado occultamente e sem as honras
De regio funeral, desconhecida
Pouca terra os honrados ossos cobre,
Se é que os seus ossos cobre alguma terra.
Crueis ministros, encobri ao menos
A funesta noticia! Ai! que já sabe
A assustada amantissima Lindoya
O successo infeliz. Quem a soccorre!
Que aborrecida de viver procura
Todos os meios de encontrar a morte.
Nem quer que o esposo longamente a espere
No reino escuro, aonde se não ama.

. . . .

José Basilio da Gama.

POEMA DO CARAMURU'

CANTO VI

Morte de Moema.

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa náo de gallica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buscando
E a prôa mette sobre a propria esteira;
Vem seguindo a canôa, signaes dando,
Até que aborda a embarcação velleira;
E de paz dando a mostra conhecida,
Ás praias da Bahia a náo convida.

A Gupeva entretanto, e Taparica
Dava o ultimo abraço, e á forte esposa
A intenção de leval-a significa
A vêr de Europa a região famosa:
Suspensa entre alvoroço, e pena fica
Paraguassú contente, mas saudosa;
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lh'o enxuga.

É fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ância furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta agua que fluctua vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da náo franceza
Corre a vêr o espectaculo assombrada ;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada :
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á náo se apega ao leme.

« Barbaro, a bella diz, tigre e não homem....
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha fôrças amor, que emfim o domem ;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame ?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...
Ah ! que o corisco és tu... raio. penhasco.

« Bem pudéras, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offendêras a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me, traidor, e d'esta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte ?

« Tão dura ingratidão menos sentíra
E este fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumphar não víra
Essa indigna, essa infame, essa traidora ;

Por serva, por escrava te seguíra,
Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguassú que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

« Emfim, tens coração de vêr-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente, com que aos meus respondas:
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
Disse vendo-o fugir, ah ! não te escondas,
Dispara sobre mim teu cruel raio !. . »
E indo a dizer o mais, cahe n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas espumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo ;
« Ah Diogo cruel ! » disse com mágua,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam ;
E vendo que sem dôr navegam d'ellas,
Á branca praia com furor tornavam:
Nem póde o claro Heroe sem pena vel-as,
Com tantas provas, que de amor lhe davam ;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

Frey José de Santa Rita Durão.

POEMA DA ASSUMPÇÃO

CANTO VI

Rio de Janeiro.

A cidade, que alli vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do ouro, o emporio frequentado,
Amplissimo ao commercio; pois profundo
Póde as frótas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso, germe airoso
Lá da Lysia, o logar mais venturoso.
Pois dos Lusos Brasilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçarão outras no porvir da idade
Os trophéos que tiverem por vaidade.
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantís. Tal que se préza
De ver nas suas scenas e tribunas,
Maior brazão, mais inclitas columnas.
Aquella dos Timantes o extremoso
Pincel com éstro imitará fogoso.
Muitas serão mais déstras no compasso,
Que as linhas mede do celeste espaço.
Mas cuidar de seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei, eis d'esta a sorte.
Gravaram do rigor de impostos novos

Os dynastas crueis a terra e os povos
Egypcios, por alçar massas estranhas,
Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas.
Fosse superstição ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade ;
É certo que o sentiu o povo santo,
Que tanto alli gemeu por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Méris, e só topa um campo vago.
E se restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo, e só ruinas.
Aqui, pelo contrario, pôz natura
Por brazões da primeva architectura,
Volumes colossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito desconformes
Massas, que não ergueram nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.
Vêdes na fóz aquelle, que apparece
Pont'agudo e escarpado ?—Pois parece,
Que deu-lhe a providente natureza,
(Além das obras d'arte) por defesa
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrudo; sempre armado
De face negra e tôrva ; e mais se o c'rôa
Neve, trovões e raios, com que atrôa.
Que, co'a frente no Céu, no mar os rastros,
Atrevido ameaça o pégo, e os astros.
Se os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, dir-se-hia:
Que era um d'esses Alóidas, gigante,

Que intentou escalar o Céu brilhante.
Que das deosas do Olympo namorado
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deosas por acinte lá da altura
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio, pois, das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar, té o horizonte;
Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa, e previne-se o perigo.
Por uma e outra parte ao Céu subindo
Vão mil rochas e picos, que existindo
Desde o berço do mundo, e de então vendo
Os sec'los renascer, e irem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza,
Deoses parecem ser da natureza.
Ossos da grande mãi, que ao ar sahiram
Na voz da creação; e mal que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fórmas e extensões, em que se acharam.
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros Tiphêos petrificados.
Ao resto sobresahe co'a fronte erguida
Dos Orgãos a montanha, abastecida
De grossas mattas, de sonoras fontes,
Que, despenhando-se de alpestres montes,
Vêm engrossar o Lago d'agua amára
Do grão Nictheroy, do Guanabára.
Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio
Té Ortygia, em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.

O Brasil, seus fructos e passaros.

Então, Brazil, virá tua ventura:
O sec'lo d'ouro teu, tua cultura.
Pelas largas espadoas penduradas
Não te verão mais settas aguçadas.
Nem de pennas multicolôr textura
Teus braços cingirá, tua cintura.
Debalde o Caiman se pinte enorme
De rôjo a tuas plantas, qual o informe
Do Ichnéumon rival, que gera o frio
Em lodosos paúes septemfluo rio.
Correu-se o panno á scena: roçagante
Estellifero palio, auriflammante,
Desenho do primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço e adusto.
Sceptro na mão terás, e na cabeça
Corôa, d'onde santa resplandeça
Com raios de rubis a Cruz erguida;
A Cruz, que é tua crença recebida.
Os fructos de teus bosques, de teus prados,
Mais doces hão de ser; porque cantados
Dos Tityros serão na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fructa que unida
Nasce á casca da rama: a denegrida
Jaboticába doce, que bem vinga
Nas frescas varzeas da Piratininga.
. . .

Frey Francisco de S. Carlos.

INDICE.

Typ. de Quirino, largo da Carioca n. 2.